



Entrevista com Garcia Marquez

Uma entrevista concedida em exclusivo para o «DL» pelo grande escritor Garcia Márquez, constitui um dos textos de interesse do suplemento «Ler/Escrever» de hoje. Além de Eugénio Alves, que recolheu em Cuba as importantes afirmações de Garcia Márquez, colaboram Simen Skjonsberg, Hubert Juin, Mário de Carvalho, Fernando Guerreiro, Luís Miranda Rocha e ainda um poema inédito de José Alberto Marques.

Processo confirmado pela Judiciária

“Luvas” nos corredores do crédito da Caixa Geral de Depósitos

Um processo na Judiciária a um «grupo organizado» de alguns trabalhadores da Caixa Geral de Depósitos, principalmente no «circuito do crédito» («luvas» pelo rápido andamento dos processos) foi-nos confirmado pela Polícia Judiciária e, esta manhã, por estruturas sindicais. O rápido desmantelamento de um possível caso de corrupção é desejado pela maioria dos trabalhadores, já que está em causa a «imagem»

desta instituição de crédito. «Há que punir os funcionários do Estado ou as empresas públicas que recebam «luvas» pelas compras que que fazem, pelos contratos que assinam, pelos «dossiers» que passam à frente...» — lê-se no Programa do II Governo de Pinto Balsemão. Se o exemplo devia vir de cima, e nem sempre tal acontece, isso não significa a permissão de toda a corrupção.

Pág. 20

Em noite de inauguração do relvado

50 feridos no Estádio de Chaves

Pág. 14

“Caso de Timor” na RTP

PS requer inquérito ao programa ‘Grande Reportagem’

Pág. 5

Dilema nos EUA

após a morte de Sadat

O Egipto de Mubarak ou a Arábia Saudita?

Apesar de, tanto os Estados Unidos como Israel, se terem mostrado agradados com a indigitação de Mubarak para a presidência do Egipto, uma certa reserva notória nos meios israelitas contra o sucesso de Sadat (e a recíproca também é verdadeira) poderá vir a aconselhar Washing-

ton a escolher um novo aliado preferencial no Médio Oriente. Observadores indicam, sem reboço, a «moderada» e petrolífera Arábia Saudita. A confirmar-se tal opção, os acordos de Camp David teriam os dias contados.

(Págs. centrais)



A «bicha» de candidatos ao Ensino Superior, na Pinheiro Chagas, esta manhã.

A tortura do ingresso no Ensino Superior

Deverá ser prolongado, até meados deste mês, o prazo para apresentação de candidaturas de ingresso no Ensino Superior.

Esta manhã, não havia contudo informação oficial sobre o prolongamento do prazo que originalmente foi marcado entre 29 de Setembro e 9 de Outubro,

devendo portanto, terminar amanhã.

No entanto, só ontem foram distribuídos nalgumas escolas os certificados relativos aos exames da primeira época realizados em Julho, sendo esse documento imprescindível na apresentação das candidaturas. Em

consequência, a «bicha» de candidatos esta manhã, junto aos serviços do MEU instalados na Pinheiro Chagas (Lisboa), era como a gravura documenta...

Noutras escolas, os certificados não foram sequer ainda distribuídos.

Quanto aos exames do 12.º ano da segunda época, realizados em Setembro, não foram ainda publicadas as notas, mas para esses alunos haverá um segundo concurso (sem data marcada por enquanto) para apresentação das respectivas candidaturas.



Reagan, ontem, em Washington, quando tentava persuadir congressistas do seu partido a votar a venda dos aviões «AWAC» à Arábia Saudita. (Telefoto UP/ANOP«DL»)

Margaret Thatcher:

Do fracasso económico à derrota política

A recente remodelação do governo britânico evidencia claramente as dificuldades da sr.^a Thatcher em prosseguir a sua política económica. O reforço da ala direita do Partido Conservador no interior do gabinete governamental não irá decerto resolver a situação. A oposição à política monetária do governo Thatcher já não se circunscreve apenas aos trabalhistas e aos meios sindicais. No Partido Conservador vozes de prestígio discordam, ministros interrogam-se publicamente sobre a validade de tal política. A «dama de ferro» vai perdendo os seus rebites.

Observadores políticos, economistas de renome, publicações das mais diversas línguas e posturas ideológicas, desde a «Time» a «Le Monde», têm comparado a actual crise à dos anos 30.

Outros, ultrapassam o sinal da conjuntura e vão mais longe. Há muito que o sistema económico britânico está em crise, afirmava recentemente Yves Barrou um dos mais atentos observadores da economia britânica. A estagnação do desenvolvimento tecnológico, expressa pelo recuo das posições internacionais do capitalismo britânico, é disso um sintoma. A concorrência dos Estados Unidos e do Japão (este último no sector automóvel), e a adesão à CEE têm colocado a indústria numa situação difícil. Neste contexto, as medidas proteccionistas recolhem as mais vivas simpatias. Como afirmava ironicamente um comentador económico inglês, Lord Kaldon, a indústria tem necessidade do protecção em dois casos. Na sua infância e na sua velhice».

Se a crise estrutural não é nova, está mesmo estudada, a actual situação económica, em parte seu reflexo, tem traços próprios, fruto de uma política conjuntural. Seguindo as teorias

monetaristas do economista americano Milton Friedman, Margaret Thatcher fez do combate à inflação e do controlo da massa monetária o cavalo de batalha do seu programa económico. De acordo com esta filosofia, na tradição do «laissez faire» do liberalismo económico, o Estado abdicaria gradualmente da sua intervenção na economia, da sua função correctiva. Assim, a primeira ministra britânica anunciou o corte de verbas às empresas nacionalizadas, às municipalidades, a sectores de carácter eminentemente social-habitação, educação, transportes, emprego, olvidou as formas de controlo salarial introduzidas pelos trabalhistas, iniciou uma política que muitos dos seus adeptos consideram votada ao fracasso.

O combate à inflação saldou-se por uma derrota. As estatísticas provam-no claramente. A taxa inflacionária subiu de 10 para 15%, e o aumento de salários progrediu a um ritmo próximo dos 20%. O tecto salarial de 4% agora anunciado para os funcionários públicos, constitui um derradeiro esforço no sentido de dar alguma actualidade aos textos económicos programáticos apresentados.



Margaret Thatcher e o camuflado: uma certa forma de fazer política

Números da crise

Os problemas sociais que as medidas económicas do gabinete Thatcher criaram ou ampliaram, têm como cerne o desemprego. Apostando numa indústria forte, esquecendo porven-

tura os condicionamentos estruturais da economia britânica, a sr.^a Thatcher deu a estocada de morte em dez mil pequenos empresários. Em contrapartida, não apareceram as «novas e fortes indústrias» que permitissem à Grã-Bretanha «reocupar o seu

lugar entre as grandes nações». Os investimentos que se queriam incentivar decaíram 7%. O produto nacional bruto, de um crescimento de 1,5% entre 1978-79, passa para um valor negativo de 3%.

Os cortes orçamentais à política de emprego, às empresas nacionalizadas, impossibilitando a inovação tecnológica tão necessária, e a falência de pequenas empresas aumentaram o desemprego. A linguagem seca dos números revela-o. O desemprego atinge mais de 2 milhões de pessoas, cerca de 10% da força de trabalho, contra o pouco mais de um milhão a quando da chegada dos conservadores ao poder em 1979. As previsões apontam para três milhões de desempregados no fim do corrente ano. Nas zonas industriais do Norte, 14,8% da mão-de-obra masculina está no desemprego. Na histórica Manchester, berço da revolução industrial, o número de desempregados duplicou num ano (de 20.000 a 40.000).

Outra componente da política anti-inflacionista consistiu na revalorização da libra que, em Fevereiro deste ano, se situava nos 11%.

Esta situação criou dificuldades adicionais às empresas, uma vez que as exportações se ressentiram de imediato. O défice orçamental, cuja redução fora anunciada por Thatcher, da previsão de 20 mil milhões, estimando-se agora que atingirá os 30 mil milhões de dólares.

O desalento das fileiras conservadoras, mesmo depois do aviso inicial de Thatcher, «as coisas piorarão antes de melhorarem», leva a que membros do

governo considerados críticos à política desenvolvida sejam substituídos. Até porque, como confessava o secretário da indústria, Sir Keith Yosef, «perdemos o primeiro ano», só que o gabinete conservador já vai no segundo ano de governação, e as perspectivas permanecem sombrias.

Uma nova força

Torna-se claro para todos, inclusive para os dirigentes críticos do Partido Conservador, que a actual situação só se poderá modificar por uma alteração da política económica. Essa intenção foi aliás expressa por Sir Ian Gimour, até agora o «número dois» do ministério dos Negócios Estrangeiros britânico, e uma das individualidades políticas substituídas, que afirmou que a política económica da actual Administração «está a encaminhar o país para o abismo». Por discordância pública com as orientações económicas de Thatcher também foi afastado Lord Thorneycroft, veterano presidente do Partido Conservador.

Se no interior do partido no poder as críticas sobem de tom e ganham acutilância, a oposição ganha crédito. Contudo, e pela primeira vez nos últimos anos, a gestão conservadora não se opõe apenas os trabalhistas e os seus aliados liberais. Fruto de uma cisão do Partido Trabalhista, o Partido Social Democrata tem vindo a deplapidar as fileiras trabalhistas e mesmo as

Nuno Ribeiro

Continua na pág. 10

ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DE S. SEBASTIÃO SETÚBAL MOÇÃO

A resolução dos problemas locais e satisfação dos mais elementares direitos das populações, estão indissolúvelmente ligados a uma política de Progresso e desenvolvimento económico, de bem-estar social e cultural, só possível num clima de segurança e de Paz.

Porém, a Paz está ameaçada!

Paixão sobre nós o perigo de uma guerra nuclear que uma vez desencadeada, não teria limites e seria o extermínio de toda a Humanidade!

As crescentes despesas militares e a aceleração da corrida aos armamentos cada vez mais sofisticados, têm absorvido os recursos necessários à erradicação da fome, da miséria, do analfabetismo, da doença e do sofrimento que vitima tantos e tantos milhares de homens, mulheres e crianças.

Face ao clima de insegurança que se vive e antes que uma III Guerra Mundial possa eclodir, a Assembleia de Freguesia de S. Sebastião (Setúbal) como representante legítima dos cidadãos da Freguesia, expressa a sua consternação pela desenfreada corrida armamentista e repudia a decisão dos E.U.A. de proceder à instalação de mísseis nucleares na Europa, bem como a mais recente decisão de Reagan de mandar produzir a Bomba de Neutrões, não tendo em consideração as mais vivas e contrárias manifestações da opinião pública mundial e, mesmo a de destacados cientistas e técnicos Norte-Americanos, que reconhecem que a Bomba de Neutrões é a arma mais terrífica com um poder destruidor ainda superior ao da Bomba Atómica e à Bomba de Hidrogénio.

A Assembleia de Freguesia de S. Sebastião apela para que sejam cumpridos os acordos internacionais que preconizam o progressivo desarmamento, geral, controlado e simultâneo e, o cessar equilibrado da corrida aos armamentos e, reafirma a sua disposição de lutar em defesa da Vida e dos Ideais da Paz, pelo Bem-Estar dos Homens e a Amizade e Coexistência Pacífica dos Povos.

Em nome da Vida dizemos NÃO À BOMBA DE NEUTRÕES!
Em nome da Vida EXIGIMOS A PROIBIÇÃO DE INSTALAÇÃO, ESTACIONAMENTO OU TRÁNSITO DE ARMAS NUCLEARES EM PORTUGAL!

SETÚBAL, 25 de Setembro de 1981

PROPOSTA APRESENTADA PELO GRUPO A.P.U. TENDO SIDO APROVADA COM 2 ABSTENÇÕES.

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA DE FREGUESIA
José Manuel Rodrigues Pardete

ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DE S. SEBASTIÃO SETÚBAL MOÇÃO

— Considerando que a não aplicação da Lei das Finanças Locais veio criar às Autarquias a impossibilidade de uma gestão verdadeiramente eficiente e de acordo com o interesse das populações.

— Considerando que a falta de cumprimento da Lei N.º 1/79 retirou a esta Freguesia cerca de 4.000 contos no ano de 1981, verba considerada indispensável para o prosseguimento do trabalho já desenvolvido, quer no campo Social, quer em matéria de realizações;

— Considerando, ainda, que o Governo estuda a elaboração de um projecto de alteração à Lei N.º 1/79 a fim de ser apresentado e votado na Assembleia da República — projecto que, a ser aprovado, contraria os mais legítimos interesses do Povo Português, a Assembleia de Freguesia de S. Sebastião (Setúbal), em sua reunião levada a efeito em 25/9/81, delibera

1 — Exigir do Governo A.D. recauchetado com Balsemão e Freitas o cumprimento integral da Lei das Finanças Locais conforme decisão da Assembleia da República;

2 — Protestar energicamente contra a actuação do Governo e pela forma arbitrária como tem orientado as Receitas do País e, pelo desprezo sistemático a que tem votado o Povo e as Autarquias;

3 — Repudiar quaisquer tentativas de alteração à Lei N.º 1/79 que mais não visam que asfixiar financeiramente os Órgãos Autárquicos e os que deles dependem.

PELO CUMPRIMENTO INTEGRAL DA LEI N.º 1/79!
CONTRA A ASFIXIA FINANCEIRA DAS AUTARQUIAS!
CONTRA AS ALTERAÇÕES ÀS LEIS DEMOCRÁTICAS!

SETÚBAL, 25 de Setembro de 1981

PROPOSTA APRESENTADA PELO GRUPO A.P.U. TENDO SIDO APROVADA COM 2 ABSTENÇÕES

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA DE FREGUESIA
José Manuel Rodrigues Pardete

Serviço Especial

Le Monde

Diário de Lisboa

Jogos e apostas na Polónia

Há um ano, por esta altura, todas as chancelarias faziam a si próprias a mesma pergunta: os soviéticos vão intervir militarmente na Polónia? Hoje, uma tal eventualidade só surge muito raramente. As manobras do Pacto de Varsóvia chegaram ao fim. Actualmente já só há duas divisões russas no país. O *Christian Science Monitor*, de Boston, citou uma personalidade soviética segundo a qual uma intervenção não era sequer de encerrar. Segundo o referido jornal ela só seria concebível se as forças em presença estivessem completamente polarizadas (...) ou tivesse começado uma espécie de guerra civil.

Não pode, no entanto, dizer-se que as coisas se tenham composto. No plano económico, o general Jaruzelski, primeiro-ministro, acaba de referir uma diminuição (13%) da produção durante os oito primeiros meses de 1981, o que não impediu os salários de aumentar 27% num ano. O endividamento com o Ocidente (27 mil milhões de dólares) é tal que a Polónia só pode aguentar-se continuando a fazer empréstimos. As lojas estão vazias e a inflação aumenta a galope.

No plano político o Congresso da Solidariedade, que faz cada vez mais figura de um Estado dentro do Estado, não se contentou com o pedido de eleições livres, de um referendo sobre a autogestão, do direito de apresentar projectos de lei e controlar a informação sobre as suas actividades. Ele lançou um apelo aos trabalhadores dos outros países comunistas convidando-os a constituir também sindicatos independentes. Por seu lado, a Dieta (Sejm), até agora simples câmara de registo, levou o Governo a modificar totalmente um projecto de lei sobre a nomeação dos directores de empresas: estes, na maioria dos casos, serão agora escolhidos pelo pessoal.

É difícil imaginar que os dirigentes soviéticos possam deixar aumentar, sem reagir, um movimento que põe de tal modo em causa as bases do seu domínio. Em comparação, a Primavera de Praga parece um simples esboço. É certo que na Checoslováquia a direcção do partido passara, na sua maioria, para o lado da contestação. O que não é, desta vez, o caso. Mas o âmbito desta diferença é bastante reduzido, na medida em que o partido tem em si muitos adeptos de Walesa. Jacew Kuron, um dos dirigentes do movi-

mento dissidente KOR, que acaba de se apagar perante o Solidariedade, diz que o partido está completa e totalmente paralisado, praticamente incapaz de tomar uma decisão.

Não é pois de espantar que Moscovo suba de tom «Troud», o jornal dos sindicatos soviéticos, fala do Solidariedade como de um Cavalo de Tróia do imperialismo. Na tribuna das Nações Unidas, Gromiko denuncia os esforços tendentes a enfraquecer as bases socialistas do Estado polaco. Os jornais de Varsóvia reproduzem uma mensagem dirigida pelo Comité Central do PCUS, a Kania, com a data de 10 de Setembro, em que este é convidado a tomar imediatamente medidas determinadas e radicais para pôr fim à perniciosa campanha anti-soviética e às acções hostis à URSS.

As autoridades polacas puseram imediatamente em guarda os amigos de Walesa contra os riscos que estes faziam correr a existência independente do país, ameaçado, segundo eles, de vir a conhecer uma confrontação sangrenta. O general chefe do Governo informou há oito dias o Parlamento de que dera instruções ao ministro do Interior — também militar — para que fossem tomadas as medidas necessárias para pôr fim à anarquia, aos excessos anti-Estado e anti-soviéticos. Unidades do Exército, explicou, tinham sido postas à sua disposição para esse fim. Por fim, Rakowski, primeiro-ministro adjunto, convidou publicamente o cardeal Macharski, arcebispo de Cracóvia, e monsenhor Dabrowski, secretário da conferência episcopal, actualmente em missão em Roma, a usar a sua influência junto do Solidariedade a fim de convencer os seus líderes de que o caminho que actualmente seguem só pode conduzir à tragédia.

O Solidariedade não quer saber destas advertências. O seu congresso achou que as tomadas de posição das autoridades não tinham realismo. Pode pensar-se, durante um momento, se ele não ia rejeitar o texto do compromisso adoptado pelo Parlamento sobre a direcção das empresas, e Walesa foi criticado por não ter consultado suficientemente os seus mandatórios.

Uma corrente difícil de inverter

Cada dia que passa traz consigo novas reivindicações do So-

lidariedade. O princípio sagrado segundo o qual todo o poder deve provir do partido, considerado a vanguarda do proletariado, é atacado há vinte e cinco anos. Gomulka e depois Gierke, tiveram de fazer, mais de uma vez, compromissos com a Igreja. Mas não é de balde que se coloca a prudência entre as virtudes cardeais: a hierarquia católica sabia até onde podia ir. O caso do Solidariedade é diferente: se ninguém pode duvidar de que o próprio Lech Walesa é um partidário do compromisso e um hábil estratega, não é menos evidente que ele tem que contar com uma base determinada a implantar no que continua a ser para a URSS uma posição estratégica capital, uma democracia autogestionária apoiada numa total liberdade de expressão.

Chegados a este ponto os soviéticos não podem ter muitas ilusões sobre a aptidão dos seus amigos de Varsóvia inverterem a corrente, convite que já lhes fizeram há vários meses. Quem toma ainda a sério as chamadas de atenção de Kania ou do general Jaruzelski? Porque teriam eles a certeza de que, se fizessem apelo às forças armadas, estas obedeceriam cegamente?

Se o Kremlin não intervier militarmente, quando, tudo o indica, a situação vai, segundo o seu ponto de vista, continuar a degradar-se, é porque «a análise concreta da situação concreta» prescrita por Lenine, desaconselha de o fazer. Não é difícil de imaginar porquê.

(1) Uma acção armada não comporia as coisas na Polónia. Tudo faz pensar que, pelo menos, uma parte do exército se bateria, o que obrigaria a URSS a usar meios muito importantes, e uma vez terminada a batalha clássica, seguir-se-iam durante muito tempo atentados e sabotagens, o que afectaria tanto das linhas de comunicação do exército vermelho como a produção;

(2) O efeito sobre a opinião internacional seria desastroso. Depois da invasão do Afeganistão, o chanceler Schmidt e Giscard d'Estaing tinham prevenido Bresnev de que aquilo que se considerou chamar o «desanuviamiento» não sobreviveria a outra iniciativa deste genero. O que tanto Reagan como Mitterrand dizem hoje faz pensar que o Oeste não está propriamente disposto a passar adiante o caso da Polónia. A

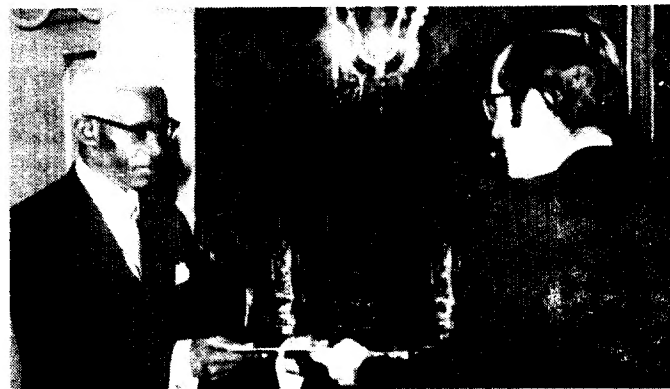
URSS não pode esperar encontrar facilmente os créditos e os cereais de que tanto necessita.

(3) Uma intervenção militar soviética arruinaria durante muito tempo as possibilidades de uma continuação das negociações sobre a limitação das armas estratégicas, negociações com grande interesse para o Kremlin, a julgar pela paciência de anjo com que ele reage às filípicas de Reagan e Haig, assim como ao enorme esforço de rearmamento por eles empreendido. Mas essa paciência tem outra explicação: tendo em vista o desenvolvimento do movimento pacifista ou neutralista da Holanda, da Grã-Bretanha e, mais ainda, da Alemanha Federal, a URSS pode esperar que os povos interessados acabem por rejeitar o projecto que tanto interessa aos Estados Unidos, de instalação no seu solo dos euromísseis destinados a equilibrar a ameaça dos demasiado famosos SS-20. Ora se o soviético fizessem um movimento para ocupar a Polónia, seria o fim dessa esperança. Claro que o abandono dos euromísseis consagraria em pouco tempo a superioridade estratégica soviética que Mitterrand evocou recentemente durante a sua conferência de Imprensa. Seria um triunfo político para Moscovo: um passo decisivo para essa neutralização, essa finlandização da Alemanha, de que tanto se falou. Um tal êxito valeria bem ser pago com um pouco de finlandização da Polónia: ao fim e ao resto esta sempre gozou de um estatuto particular no seio do bloco.

(4) Não se pode finalmente esquecer que, para fazer sentir a sua autoridade na Polónia, a URSS não precisa de recorrer à força armada. O grande irmão entrega, com efeito, à sua irmãzinha 80% do consumo do petróleo e do gás natural que esta gasta, 70% do minério de ferro utilizado pela siderurgia da Silésia, uma grande parte do algodão destinado à sua indústria têxtil. A visita que a semana passada Baibarov fez a Varsóvia, deu a vários porta-vozes autorizados a ocasião de recordar as possibilidades de pressão económica de que a União Soviética dispõe. O *Trybuna Ludu*, jornal do PC polaco sublinhou o facto de Moscovo não ter feito repre-

Continua na pág. 10

ponto a ponto



● O Presidente da República, general Ramalho Eanes, recebeu ontem no Palácio de Belém o embaixador da República Popular de Angola em Lisboa, Adriano Sebastião.

Numa informação da Presidência da República, distribuída hoje à tarde, indica a audiência omitindo os assuntos debatidos.

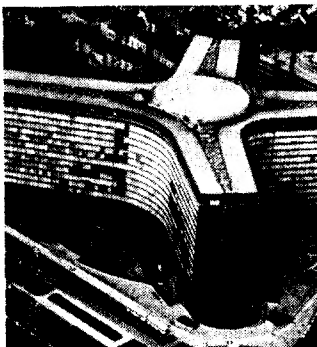
● Cardiologia é o tema que desde esta manhã reúne, por quatro dias, 700 especialistas nacionais e estrangeiros, na reitoria da Universidade Clássica de Lisboa. Como já noticiámos, o congresso apreciará um medicamento controlador da hipertensão arterial clinicamente ensaiado em Portugal.

● O presidente da União Interparlamentar, Rafael Caldera revelou ontem, na Universidade de Coimbra, o propósito de lhe oferecer 200 livros dos melhores autores venezuelanos.

O antigo presidente da Venezuela visitava a Universidade quando fez a promessa ao vice-reitor, Oliveira Pulquério, que o recebeu e acompanhou na visita.

Antes, o presidente da União Interparlamentar visitara o santuário de Fátima e o mosteiro da Batalha.

De Coimbra, Rafael Caldera seguiu, ao fim da tarde, para o Porto, acompanhado pelo embaixador e outros diplomatas venezuelanos acreditados em Portugal.



● O secretário de Estado da Integração Europeia, Cruz Vilaça, deverá encontrar-se em Bruxelas, nos dias 15 e 16, com o vice-presidente da Comissão Europeia, Lorenzo Natali e com a directora-geral da Comissão para o Alargamento, Inger Nielson. Entretanto, numa reunião a nível ministerial, a realizar em Lisboa em 27 e 28, o nosso representante reafirmará o princípio de que «Portugal não aceitará limitações às exportações de têxteis após a adesão».

● Luís Fontoura, presidente da Comissão de Relações Internacionais do PSD, partiu hoje para Londres a fim de participar na primeira conferência dos sociais-democratas britânicos — anunciou aquele partido, em Lisboa.

Iniciada dia 4, em Perth com a presença do político português Nandim de Carvalho, a conferência termina amanhã, na capital britânica.

Com Luís Fontoura, antigo secretário de Estado da Comunicação Social, seguiu um vogal da Comissão de Relações Internacionais do PSD, Fernando Figueiredo.



● Em cerimónia que decorreu no Estado-Maior do Exército e contou com a presença do embaixador da República Federal da Alemanha, do presidente da Comissão Militar Luso-Alemã, general Galvão de Figueiredo, dos chefes e vice-chefes do EME, generais Garcia dos Santos e Lopes Alves, e ainda do capitão Lavouras (em representação da Associação dos Deficientes das FA), foram condecorados membros do Hospital Militar de Hamburgo, «pela obra de profundo sentido humanitário desenvolvida ao longo de quase duas décadas em prol dos deficientes das Forças Armadas».

Cocaína, um pesadelo para os Estados Unidos

Nos últimos anos, a questão da cocaína converteu-se num pesadelo para os governos dos Estados Unidos, informaram meios diplomáticos bolivianos e organismos internacionais acreditados na Bolívia.

A crescente procura de cocaína, alcalóide que estimula certos órgãos humanos, a dificuldade em controlar o seu consumo e a entrada ilegal em território norte-americano daquela droga, obrigarão, ao que parece, o governo americano, a tomar medidas drásticas.

A Bolívia, o Peru e a Colômbia fazem parte do triângulo de produção e comércio da cocaína, produto que tem várias rotas de entrada nos Estados Unidos e Europa e que conta com o apoio de poderosas redes vinculadas à Mafia internacional.

Já desde a administração do presidente Richard Nixon, atra-

vés do secretário de estado Henry Kissinger, se tentou estabelecer na Bolívia um programa de eliminação gradual das culturas de cocaína, mas o plano obteve pouco êxito.

Num discurso pronunciado por Ronald Reagan em Nova Orleães, o presidente americano recomendou à polícia a utilização de herbicidas para refrear a produção de droga no estrangeiro.

Estatísticas internacionais afirmam que há no mundo cerca de 30.000.000 de viciados em cocaína, a maior percentagem dos quais se encontra na América do Norte.

A Bolívia é, juntamente com o Peru, um país fornecedor da matéria-prima porque ali o cultivo da coca está legalizado. Esta planta é utilizada pelos camponeses e mineiros da zona andina para resistirem melhor às baixas tem-

peraturas e ao trabalho duro. Dados estatísticos indicam que o vício da cocaína existe não só entre a juventude como ainda entre importantes personalidades norte-americanas, europeias e do mundo ocidental ligadas ao cinema, às artes, à música e às letras.

Há pouco, altos funcionários do departamento de estado americano visitaram La Paz para conhecer em pormenor o programa boliviano de luta contra os narcóticos e estabeleceram um plano bilateral que incluía uma substancial ajuda económica.

A substituição da cultura apresentada-se difícil porque para o camponês ela é muito mais rentável do que a de qualquer outro produto agrícola.

Cálculos feitos na Bolívia pelos meios diplomáticos, baseados em observações aerofotogramétricas, indicam que o ano passado se cultivou coca em 50.000 hectares, mas prevê-se um aumento dessa área em 1981 para mais 10.000 hectares.

As medidas restritivas para o comércio da coca originaram ultimamente uma baixa considerável nos preços da folha, mas os camponeses continuam a fazer as culturas, e o preço da cocaína, que aumenta em proporção geométrica do fabricante para o consumidor, continua elevado.

As autoridades locais sugerem medidas mais drásticas nos países consumidores para desencorajar o comércio crescente.

Serviço Especial ANOP/EFE

poder local

Campanha em Loures

ASDI-UEDS respondem ao PS

Definitivamente o conflito entre a ASDI/UEDS e o PS ganha vulto e marca as eleições intercalares para a Câmara de Loures como um ponto de ruptura que mesmo eventualmente ultrapassado num futuro mais ou menos próximo pelos frequentes golpes de rins em que a nossa classe política é exímia, deixará a imagem da FRS muito afectada junto do seu eleitorado.

As duas forças minoritárias da FRS responderam ontem às acusações que o PS lhes dirigiu, através de um comunicado assinado por Magalhães Mota e Lopes Cardoso, no qual começam por afirmar que mesmo após a interrupção de uma reunião da FRS pela delegação do PS, foram feitos contactos no sentido de diligenciar uma candidatura comum da Frente.

«A candidatura da ASDI-UEDS — salienta o comunicado — tem sido muito menos contra o PS do que a candidatura do PS tem sido contra a ASDI, UEDS e FRS».

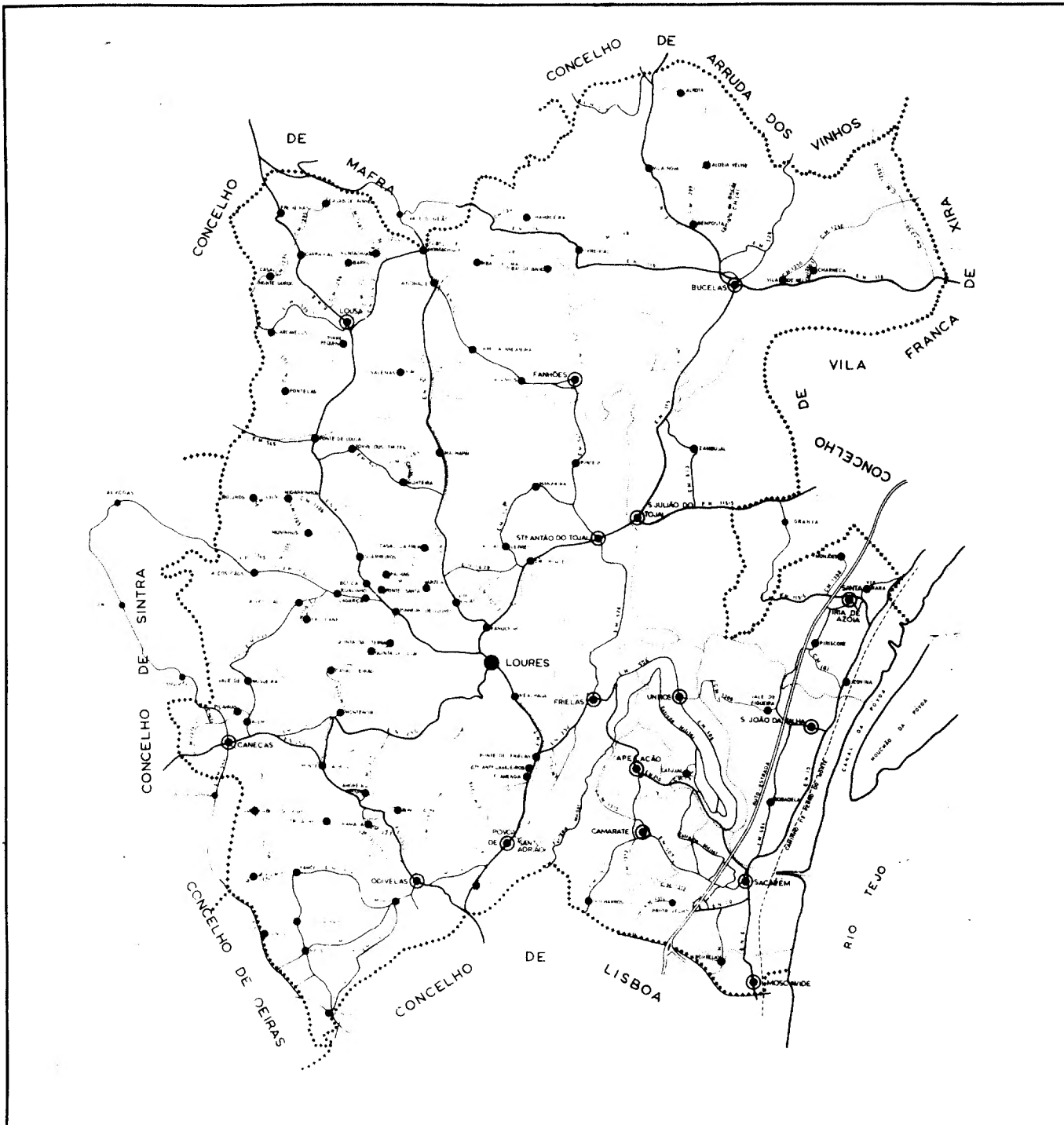
Os socialistas haviam acusado a coligação ASDI-UEDS de utilizar métodos que constituem «violação grave do acordo constitutivo da FRS».

A ASDI e a UEDS afirmam que decidiram concorrer às eleições de Loures com a mesma legitimidade com que o PS concorre isolado, e referem que aquela coligação não só não tem atacado o PS como tem evitado responder aos ataques que lhe têm sido dirigidos por dirigentes do PS e jornais conotados com este partido.

O comunicado refere ainda ter sido com estranheza que a ASDI e UEDS acolheram a notícia de que a Câmara de Loures iria cair devido à «coligação de esforços dos vereadores do PS e PSD que apresentariam a sua demissão».

A coligação ASDI-UEDS denuncia também o aproveitamento pela direita mais reacção da estratégia do PS.

«Se à votação na APU corresponderá a manutenção da situação vigente no concelho, se à votação no PS corresponderá um retorno não desejado à gestão de Riço Calado eventualmente apoiado pela direita, a votação na AD corresponderá ob-



Loures vai domingo às urnas para eleições intercalares marcadas por intensa luta política entre o PS e a APU. Com 192 920 Km², é um dos maiores concelhos do País em área e o de maior densidade populacional, num (des)ordenamento territorial que vai das pequenas aldeias encravadas em vales e colinas, aos grandes dormitórios da capital, como é o caso de Odivelas.

viamente ao reforço dos sectores reacçãoários que não tendo neste concelho força suficiente,

se procuram camuflar por trás dos partidários da estratégia do PS sozinho, aqui e agora».

PS critica APU

O PS critica por sua vez a APU por esta coligação considerar

que o inimigo principal é a AD «mas ataca exclusivamente o PS e os seus candidatos», e apre-

senta como desmentido de não se encontrar aliado à AD, o facto de se apresentar com listas próprias e a AD também.

Esta posição é explicada num comunicado da FAUL em que se refere que a AD e a sua lista se encontram derrotadas à partida pelo que «para muitos eleitores algumas afirmações do PCP/APU assumem foros de verdade».

Reconhecem os socialistas que a AD «não tem tido quase existência nesta campanha eleitoral».

«É que nas negociações para a formação para a lista AD o PSD cedeu lugares contra a vontade do CDS pelo que os seus militantes se encontram desmobilizados, e o CDS por outro lado contesta tanto a fraqueza dos elementos do PSD na lista AD que desmobilizado se encontra. Os eleitores AD no seu conjunto, e particularmente os que se sentem próximos do PSD, não podem pois acreditar numa lista elaborada na convicção de que não constitui alternativa».

Por todas estas razões o PS considera que se apresenta ao eleitorado «consciente de que o seu espaço político se encontra alargado e por isso se dirige à população por cima dos estados maiores partidários».

Esta pois a argumentação do PS para refutar as acusações feitas pela APU de que se encontra aliado à direita.

PCP contra manipulação da TV

«Sem prejuízo de ulteriores esclarecimentos» uma nota do PCP «considera desde já absolutamente necessário protestar publicamente contra a orientação manipuladora que a RTP/1 está a imprimir à cobertura aparentemente noticiosa que tem vindo a fazer da campanha eleitoral em Loures».

O PCP salienta ainda que «a circunstância de tal manipulação surgir com aspectos particularmente subtis e refinados e revestir formas diferentes das habituais não atenua antes reforça, o carácter obviamente doloso de tal comportamento, evidenciando o claro propósito da RTP/1 de intervir ilegítimamente na formação da opinião do eleitorado de Loures, em claro desrespeito pelas regras da isenção e equidade a que está legalmente vinculada».

AGRÓNOMO

PRETENDE-SE PARA DIRIGIR PROJECTO VITIVÍCOLA IMPORTANTE NO ESTRANGEIRO.

INDISPENSÁVEL BOA EXPERIÊNCIA E QUALIFICAÇÃO TÉCNICA.

ENVIAR CURRÍCULUM DETALHADO AO N.º 8103 DESTE JORNAL.

HOSPITAL PSIQUIÁTRICO DO LORVÃO

CONCURSO PÚBLICO N.º 84/81

Está aberto concurso público para a aquisição de:

UM AUTOCARRO DE PASSAGEIROS COM LOTAÇÃO COMPREENDIDA ENTRE 30/43 LUGARES

As propostas serão recebidas até às 14 horas do dia 13/10/81 e abertas em acto público consultivo ao termo do prazo para a recepção, no Serviço de Aprovisionamento do Hospital Psiquiátrico do Lorvão, em Lorvão, onde se encontra patente o Caderno de Encargos, o qual será enviado a quem o solicitar.

Lorvão, 6 de Outubro de 1981

Pel'O Conselho de Gerência,
(Armando J. Monteiro)

PAPEIS de parede

Campanha de Outono

PAPEL FPD

230\$ 180\$ ROLO

BARROS & BARROS, LDA.

R. JOSÉ DURO, 22-E · TEL. 892057
1700 LISBOA (Alvalade)

PS convoca sessão extraordinária do CI/RTP

“Grande Reportagem” (Canal 1) acusa dirigentes políticos e militares de cumplicidade na anexação de Timor

Os representantes do PS no Conselho de Informação para a RTP vão convocar, dentro dos prazos legais, uma reunião extraordinária para estruturação de uma Comissão de Inquérito destinada a apreciar o rigor e a objectividade do Programa “Grande Reportagem”, que ontem, debruçando-se sobre o “caso Timor”, passou no Canal 1. No decurso dessa emissão, os principais dirigentes políticos e militares portugueses foram considerados cúmplices da invasão de Timor pela Indonésia. Com efeito, os responsáveis da “Grande Reportagem” acusaram Costa Gomes, Vasco Gonçalves e Jorge Campinos de terem tido conversações em Lisboa, em Outubro de 1974, com o chefe dos Serviços Secretos da Indonésia, em que teriam indicado os seus receios quanto aos perigos que acarretaria para a estabilidade da região uma eventual independência de Timor.

O chefe dos Serviços Secretos indonésios teria informado o Governo português de que o seu país rejeitava a independência de Timor, apenas aceitando ou a continuação da soberania portuguesa ou a integração na Indonésia.

Outros nomes

Mário Soares foi acusado de ter manifestado “uma grande abertura” em relação aos projectos de anexação de Timor, num encontro tido em Londres com o

ministro dos Negócios Estrangeiros da Indonésia.

Vitor Alves, Almeida Santos e Jorge Campinos foram acusados de terem incitado o Governo indonésio, durante as conversações realizadas em Londres, em Março de 75, a apoiar discretamente a Apodeti, partido que defendia a integração na Indonésia.

Melo Antunes, então ministro português dos Negócios Estrangeiros, foi acusado de ter proposto ao seu colega indonésio, num encontro realizado em Roma, em 3 de Novembro de 75, algumas semanas antes da invasão, que os dois países conduzissem em conjunto a descolonização de Timor.

Os Governos Provisórios posteriores ao 25 de Abril, as Forças Armadas e as autoridades portuguesas em Timor foram acusadas de terem conduzido de forma irresponsável a descolonização de Timor, não controlando a situação interna na colónia e não encarando com realismo as ameaças indonésias. A fazer fê nas declarações feitas a “Grande Reportagem” pelo almirante Pinheiro de Azevedo, o Governo e o Conselho da Revolução terão seguido “a lei do menor esforço”, recusando assumir a responsabilidade inerentes à defesa da soberania portuguesa.

Atente-se que Pinheiro de Azevedo foi o único dos dirigentes portugueses referidos no programa que foi ouvido por “Grande Reportagem”, o que lhe

forneceu ocasião para enaltecer a sua própria acção, nomeadamente o envio para as águas de Timor, quando exercia as funções de Chefe de Estado-Maior da Armada, de dois navios de guerra.

Barata Feio e Artur Albarran, os dois responsáveis por “Grande Reportagem”, disseram entretanto à ANOP que tentaram ouvir todos os dirigentes políticos e militares acusados expressamente, mas aqueles ter-se-iam recusado a prestar declarações.

“Mais política do que História”

“Grande Reportagem” obedeceu “menos à preocupação de fazer história do que de fazer política” — afirmaria entretanto à ANOP o dirigente do PS, Almeida Santos.

Acrescenta Almeida Santos tratar-se de “uma reportagem pouco séria, que fez um tratamento do caso de Timor intencionalmente lacunoso e deturpado, ocultando factos de que a Televisão não pode alegar desconhecimento e insinuando conclusões que não obstante, se não afirmam, nem se tiram”.

Quanto à tentativa infrutífera de audição de todos os dirigentes políticos e militares expressamente acusados que teria sido feita por Feio e Albarran, Almeida Santos lembra que, “não podendo os autores do Programa desconhecer a gravidade

das imputações por que se responsabilizaram, seria de elementar honestidade que tivessem dado às pessoas visadas a possibilidade de desmentirem as suas próprias opiniões. Não sei o que se passou quanto aos outros, mas comigo ninguém falou”.

A dar crédito aos autores do programa, o Governo português não se teria oposto à anexação de Timor pela Indonésia, antes a teria estimulado. Diz Almeida Santos: “É repugnantemente falso, com a gravidade acrescida do responsável pelo Programa dizer que ‘pode provar o que afirma. Não pode e desafia-o a que o faça. Sempre as autoridades portuguesas se opuseram às pretensões intervencionistas da Indonésia, nomeadamente em todos os encontros referidos no programa”.

O dirigente socialista, então ministro da Coordenação Interterritorial, sublinha que o Programa silencia que esteve em Ataul, a tentar uma solução política para o conflito entre os partidos de Timor, tendo então conseguido libertar 23 prisioneiros detidos pela Fretilin e que regressaram consigo a Portugal.

Almeida Santos, que foi também ministro da Comunicação Social, diria ainda à ANOP:

“Em resumo, o programa sobre Timor é um exemplo de como não se deve fazer informação. Se a Comunicação Social aspira a ser um quarto poder, tem que aceitar ser também uma quarta responsabilidade.”

Defesa do socialismo na Polónia reafirmada por Cunhal e Kadar

Álvaro Cunhal, secretário-geral do PCP, e o seu homólogo húngaro, Janos Kadar, reafirmaram em comunicado distribuído em Budapeste após reunião conjunta a sua solidariedade para com o Partido Operário Polaco na acção que aquele Partido tem empreendido na “defesa e consolidação do socialismo”.

Denunciando os ataques das “forças contra-revolucionárias que contam com o auxílio activo do imperialismo” aqueles dirigentes políticos consideram que “a protecção do socialismo é um

assunto não só do povo polaco, mas também dos trabalhadores e dos povos de todos os países”.

Álvaro Cunhal deslocou-se igualmente à Checoslováquia onde manteve conversações com o líder comunista daquele país, Gustav Husak. No final da reunião Husak manifestou a sua solidariedade para com a luta dos comunistas portugueses e elogiou a política seguida pelo PCP. No encontro segundo a

agência TASS, foi ainda amplamente debatida a situação política internacional.

A delegação do PCP que se deslocou àqueles dois países que integrava além de Álvaro Cunhal, Albano Nunes e Francisco Lopes, membros do Comité Central, regressa a Lisboa no próximo dia 8.

PS vai discutir situação na FRS

O Partido Socialista vai analisar a situação na FRS. Estão previstas duas reuniões partidárias, da Comissão Política na sexta-feira, da Comissão Nacional no domingo onde serão discutidas as ilações a tirar da apresentação de uma lista UEDS/ASDI nas eleições de Loures.

Por outro lado, na ordem de trabalhos da reunião da Comissão Nacional consta também um ponto sobre recomposição dos órgãos nacionais do partido, e, ainda, a discussão da revisão constitucional. Espera-se que nas duas reuniões se venham novamente a digladiar as duas principais correntes do PS que tanto quanto à FRS como à revisão constitucional têm vindo a divulgar posições divergentes.

Caiu a Junta (AD) de Santo Ildefonso

Após meses de abandono que geraram uma situação da mais completa degradação, caiu a Junta de Freguesia de Santo Ildefonso, do Porto, inteiramente constituída por elementos da AD.

O governador civil do Porto, foi ontem informado da queda daquela autarquia, cabendo agora à Câmara Municipal marcar eleições intercalares de acordo com a legislação em vigor para estes casos.

diplomacia

Portugal quer aderir ao Fundo Africano para o Desenvolvimento

Portugal vai solicitar a adesão do Fundo Africano de Desenvolvimento, segundo resolução do Conselho de Ministros agora publicado no “Diário da República”.

Uma delegação portuguesa, nomeada pelos ministros dos Negócios Estrangeiros e das Finanças e do Plano, deverá proceder à abertura das negociações com o Banco Africano para o Desenvolvimento no quadro do qual funciona aquele fundo.

Esta decisão portuguesa visa facilitar as relações de cooperação com os países africanos dando a Portugal condições de paridade com 24 países não-africanos que já aderiram ao fundo.

O Fundo Africano de Desenvolvimento foi criado em 1972 no âmbito do Banco Africano para o Desenvolvimento no qual estão integrados todos os países africanos independentes.

Embaixador na Tailândia apresentou credenciais

O novo embaixador de Portugal na Tailândia, José Eduardo de Melo Gouveia, apresentou hoje cartas credenciais ao rei Bhumibol, em cerimónia que teve lugar na sala do trono do grande palácio em Banguecoque.

Melo Gouveia, nascido em Lisboa em 1930, é licenciado em ciências históricas e filológicas e entrou para a carreira diplomática em 1961.

Foi encarregado de Negócios de Portugal na Indonésia de 1963 a 1965 e, posteriormente na Austrália, de 1965 a 1970. De Janeiro de 1972 a Outubro de 1974 desempenhou as funções de cônsul-geral de Portugal em Toronto (Canadá), e de 1974 a 1978 as de cônsul geral de Portugal em Sydney (Austrália). Desde Março de 1979 desempenhava as funções de cônsul-geral de Portugal no Maputo, sendo ministro plenipotenciário desde Março deste ano

Tem as comendas da Ordem do Infante D. Henrique, de Ordem do Cruzeiro do Sul (Brasil) e da Ordem Hospitalar de São Lázaro, de Jerusalém.

Os portugueses foram os primeiros europeus a chegar à Tailândia, em 1511, tendo sido celebrado cinco anos depois, 1516, o primeiro tratado de amizade e comércio entre os Reinos de Portugal e do Sião.

A comunidade portuguesa chegou a atingir os dois mil membros, tendo desaparecido após a destruição da capital do Sião pelos invasores birmaneses em 1767.

Como recompensa pelo auxílio na luta contra os birmaneses, os portugueses receberam um terreno na área da nova capital e, quando esta foi definitivamente transferida para Banguecoque, receberam novo terreno, perto da actual Embaixada de Portugal, a mais antiga da capital tailandesa.

MNE delega competência em Lucas Pires

O ministro da Cultura e Ciência, Lucas Pires, substituirá o titular dos Negócios Estrangeiros, André Gonçalves Pereira, nos contactos com o comissariado para a

XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura. Uma delegação de competências nesse sentido, foi assinada pelo Primeiro-Ministro Pinto Balsemão e publicada no “Diário da República”.

PUB.



SINDICATO DOS TRABALHADORES DA FUNÇÃO PÚBLICA DA ZONA SUL E AÇORES

Rua Rodrigues Sampaio, 138-3.

1199 - Lisboa Codex

ASSEMBLEIA DE DELEGADOS SINDICAIS CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os **Delegados Sindicais** para uma Assembleia de Delegados Sindicais a realizar no dia **8 de Outubro de 1981**, (5.ª feira), pelas **16.00 horas**, no LNEC — Laboratório Nacional de Engenharia Civil — Av. do Brasil, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

- 1 — Informações
- 2 — Análise da situação Política e Social, conclusões do plenário da CGTP-IN
 - 3 — Congresso dos Trabalhadores da Função Pública
 - 4 — Processo Reivindicativo 1982
 - 5 — Metodologia de funcionamento da Assembleia Geral Ordinária, para aprovação do Relatório e Contas e do Orçamento

NOTA: Dada a extensão da OT esta ADS inicia-se às **16.00 horas** pelo que se apela à participação de todos os Delegados Sindicais, devendo ser utilizado o crédito de horas ao abrigo da Circular do MRA.

Lisboa, 28 de Setembro de 1981.

— COMPARECE!
— PARTICIPA!
— DISCUTE OS TEUS PROBLEMAS!

A DIRECÇÃO

EXTERNATOS

Alvares Cabral Av. Grao Vasco, 1 Tel. 70 69 74 5 (Benfica)	Marquês de Pombal Rua Morais Soares, 93 Tel. 83 46 58-83 14 16 (Ao Chile)	S. Vicente R. Edith Cavell, 8 Tel. 84 88 64 5 (Ao Chile)
---	--	---

INSCRIÇÕES ABERTAS
ANO LECTIVO 1981/82

SERRA DA ESTRELA-ALGARVE



— você que pretende organizar um passeio faça já a sua reserva do autocarro

cep 10

AV. CASAL RIBEIRO N.º 18-B 5.º PISO LISBOA
(TEL.: 57 06 56)

Vasco Lourenço condena 'intervenção do PPM na RTP

Vasco Lourenço, conselheiro da Revolução, declarou hoje em Lisboa «considerar absolutamente inadmissível» a concessão do tempo de antena da Televisão ao PPM precisamente na data em que se celebrava a implantação da República.

A entrada para a reunião do Conselho da Revolução, Vasco Lourenço, que disse falar em nome pessoal e não como porta-voz daquele órgão, afirmou «ser absolutamente inadmissível que no dia em que se comemorava a República e o 5 de Outubro se tenha assistido a um espectáculo tão degradante como aquele que a Televisão do senhor Proença de Carvalho proporcionou».

Declarou ter «ficado espantado como é que num país republicano, onde nas últimas eleições legislativas em que o PPM, quando concorreu isoladamente, alcançou 0,5 por cento de votos, é possível esse meio por cento ofender, da maneira como o fez, os 99,5 por cento que votaram nos partidos republicanos».

«Não encontro em termos pessoais qualquer explicação para isso a não ser o convencimento de que estou a assistir ao pagamento de qualquer factura para, desta maneira, calar a boca ao PPM que contestou, como é do conhecimento público, a manutenção do senhor a que me referi há pouco à frente da Radiotelevisão Portuguesa» — afirmou.

Disse «não ser a atitude do PPM que é em si condenável porque continua a lutar pela implantação da monarquia».

«O que é condenável é o poder e as pessoas que permitem chegar a um estado de coisas semelhante a este» — acrescentou.

Quanto às palavras proferidas no jantar comemorativo do 5 de Outubro no Porto, e em que fizera alusões relacionadas com corrupção, Vasco Lourenço disse que «fizera tais declarações consciente da gravidade das mesmas».

Acrescentou «preocupá-lo bastante que a sensação generalizada que existe de uma prática de corrupção muito grande possa ser sintoma muito grave de descrédito do próprio regime».

Assassinato de Sadat ‘terá consequências ainda imprevisíveis’

— diz Freitas do Amaral

A União Europeia das Democracias Cristãs (UEDC) considera que o assassinato de Anwar Sadat «terá consequências ainda imprevisíveis» — disse Freitas do Amaral, ao regressar quarta-feira à noite de Bruxelas.

Ao fazer o balanço da reunião ordinária do «Bureau» Político da organização que terminou quarta-feira em Bruxelas, o presidente da UEDC, Freitas do Amaral, referiu que uma das questões mais importantes abordadas foi a do assassinato do presidente Sadat e as suas imprevisíveis consequências para a situação no Egipto, no Médio Oriente e para a paz mundial.

«Condenamos viva e enérgicamente o atentado que além de ser um acto de violência foi também, pela forma e pelas circunstâncias que rodearam a sua execução, um acto eticamente re-

pugnante que terá as maiores consequências, ainda imprevisíveis» — afirmou.

Freitas do Amaral manifestou, depois, a esperança de que «a política de Sadat para obtenção da paz no Médio Oriente possa ser continuada pelos seus sucessores».

A situação no Líbano, «outro aspecto da complexa e difícil situação no Médio Oriente», foi também analisada na reunião de Bruxelas, dada a existência, naquele país de numerosos cristãos, que «se encontram numa situação difícil acossados por todos os lados, sofrendo violenta perseguição e sendo vítimas de massacres» — disse.

Freitas do Amaral acrescentou que na reunião de Bruxelas fora deliberado admitir, com o estatuto de observador, a União Cristã Democrática Libanesa — que agrupa as principais corren-

tes cristãs do país — e que tinha pedido a sua adesão à UEDC.

Freitas do Amaral reeleito

O «Bureau» Político da União Europeia das Democracias Cristãs (UEDC) confirmou hoje em Bruxelas por unanimidade, Diogo Freitas do Amaral como presidente da organização.

Um comunicado distribuído em Lisboa pelo CDS informa que Freitas do Amaral havia posto o seu lugar à disposição por ter «assumido funções governamentais absorventes no Executivo do seu próprio país».

O mesmo comunicado salienta que o «Bureau» Político decidiu por unanimidade confirmar o presidente do CDS no cargo.

Na Conferência das Regiões Periféricas da CEE

Mota Amaral e João Jardim pedem mais autonomia para as ilhas

Mota Amaral e João Jardim pediram ontem maior autonomia para as regiões insulares, em apelos lançados separadamente na Conferência das Regiões Periféricas Marítimas da CEE que está a decorrer em Creta. Os dois chefes dos Governos Regionais da Madeira e dos Açores apelaram para que tal desenvolvimento se processe no âmbito da comunidade nacional e no quadro das relações da CEE com as economias periféricas.

Mota Amaral falou ainda do papel a desempenhar pelas ilhas na Conferência dos Poderes Locais e Regionais da Europa (CPLRE). Falando em nome do presidente da CPLRE, Amaral informou que será brevemente apresentado em Estrasburgo um novo relatório que permitirá a

conferência prosseguir a sua evolução rumo a um Senado europeu das regiões.

Da intervenção de Mota Amaral salientam-se os objectivos de desenvolvimento do litoral, como sejam a valorização dos Transportes e Comunicações, das Pescas e do Turismo, que aguardam a execução do plano apresentado nas conclusões da referida conferência, nas Canárias.

Apontou a necessidade de criação de um Fundo Europeu para as Infra-estruturas de Transportes, visando em prioridade a desconcentração da rede europeia e designadamente a melhor aproximação das regiões insulares.

Quanto a João Jardim, depois de salientar que «é pela cultura, pelas artes e pelas letras que o

homem se liberta do seu primarismo, dos seus medos e do seu próprio espaço» e que este processo tem sido retardado pelas «fortes disparidades entre o centro e a periferia da Europa em matéria de vida e de empregos», passou a enunciar problemas concretos da Região Autónoma da Madeira, nomeadamente os transportes.

«O Aeroporto do Funchal — disse — dispõe actualmente de uma pista de 1560 metros, incapaz para os voos intercontinentais, que será aumentada para 2620 metros».

No tocante aos transportes marítimos, o porto do Funchal é a única infra-estrutura portuária da região e «também neste campo estão em conclusão trabalhos de alargamento da sua superfície acostável» — acrescentou.

justiça

‘Habeas Corpus’

Soube-se a meio da semana passada que os presos do chamado «caso PRP» tinham interposto no Supremo Tribunal de Justiça um pedido de «habeas corpus», através de um requerimento subscrito pelos próprios detidos e, singularmente, por um rol de personalidades da cena política portuguesa, incluindo mesmo vários deputados, até mesmo do PSD.

O «habeas corpus» é uma instituição com pouco mais de trezentos anos, reivindicada desde o tempo da Magna Carta, mas aprovada pelo parlamento inglês só em 1679. Destina-se, em primeira linha, à defesa dos cidadãos perante a arbitrariedade do poder quando se verificarem prisões sem fundamento legal, ou que se mantenham por períodos superiores aos prazos legais.

Da Inglaterra, o instituto foi exportado para os países do Continente e, em Portugal, foi consagrado pela primeira vez na Constituição de 1911, não chegando, no entanto, a ser regulamentado.

O famigerado art.º 8.º da Constituição de 1933 admitiu também a existência do «habeas corpus», que veio a ser regulamentado em 1945. Como tudo o que a ditadura fazia em matéria de liberdades individuais (dava com uma mão para tirar com a outra), ele de pouco serviu durante os anos do fascismo.

Foi assim, por exemplo, que o Supremo mandou libertar patriotas angolanos presos em Cabo Verde, na sequência de um pedido de «habeas corpus», mas antes de a ordem ser cumprida eles foram internados pelo ex-candidato Soares Carneiro num campo de Angola, gorando-se assim a diligência. Estes factos, aliás, foram recordados em Dezembro passado durante a campanha eleitoral para a Presidência da República.

Hoje em dia, tanto na Constituição (art.º 31.º), como no Código do Processo Penal (arts. 8 315.º e seguintes) o «habeas corpus» encontra-se consagrado e regulamentado.

O fundamento invocado pelos presos do PRP para exigir a sua libertação é um dos previstos na lei — a manutenção da prisão para além dos prazos máximos previstos na lei. De acordo com o art.º 273.º do Código de Processo Penal, depois da formação de culpa a prisão preventiva não se pode manter para além de dois anos. E este prazo já teria decorrido, segundo alegam Isabel do Carmo e Carlos Antunes.

A secção criminal do Supremo Tribunal de Justiça, reunindo pelo menos com três juizes, terá de responder ao requerimento no prazo de oito dias, o que descontando os feriados e os sábados e domingos, atirará a decisão final lá para meados da próxima semana.

O Supremo poderá optar por uma de quatro soluções: ou indeferir o pedido, ou mandar proceder um inquérito para conseguir mais informações; ou colocar o reclamante sob sua autoridade e ordenar a sua rápida apresentação a um tribunal; ou, finalmente, reconhecer a ilegalidade das prisões e mandar libertar os presos. De qualquer maneira, sempre no prazo de oito dias.

A decisão dos juizes conselheiros do Supremo Tribunal de Justiça é aguardada com grande expectativa. Primeiro porque o «caso PRP» tem causado escândalo público, pela forma como tem sido conduzido (o primeiro julgamento foi já anulado). Depois porque será curioso verificar até que ponto os juizes do Supremo se adaptaram à legalidade democrática em vigor desde o 25 de Abril.

José Vilaça

ASSOCIAÇÃO DOS INQUILINOS LISBONENSES

1.ª CONVOCATÓRIA

RELATÓRIO E CONTAS 1980

Ao abrigo do art.º 32.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral Ordinária da Associação dos Inquilinos Lisbonenses, S.C.R.L., a reunir no próximo dia 23 de Outubro de 1981, pelas 20h30m, no Sindicato da Imprensa, ao Largo da Trindade, 16-1.º, em Lisboa, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

Ponto Único — Discussão e aprovação do Relatório e Contas 1980.

REGULAMENTO DESTA ASSEMBLEIA

1 — A Assembleia Geral iniciar-se-á 30 minutos após a sua abertura com o número de sócios presentes.

2 — Se não forem concluídos os trabalhos na mesma Sessão a Assembleia prosseguirá em continuação em outro dia a definir na Assembleia de 23/10/81.

3 — Os Sócios votantes terão de se apresentar munidos do respectivo cartão de Sócio e da última quota paga.

4 — Só são admitidas propostas de alteração escritas devidamente assinaladas e contendo o n.º de Sócio.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Álvaro da Costa Rebelo

CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE OEIRAS

CONCURSO PARA provimento dos seguintes lugares: 3 lugares de Calceteiro de 3.ª, 3 lugares de Canalizador de 3.ª, 2 lugares de Estucador de 3.ª, 2 lugares de Pedreiro de 3.ª, 7 lugares de Cantoneiro de Vias Municipais de 2.ª, 4 lugares de Porta Mira de 2.ª, 1 lugar de Apontador, 11 lugares de Fiscais de Obras de 3.ª e 2 lugares de Operador de Reprografia de 3.ª.

Está aberto concurso pelo prazo de 15 dias a contar da publicação do respectivo anúncio no Diário da República para o provimento do(s) lugar(es) acima indicado(s).

O aviso foi enviado para publicação no Diário da República em 14 de Setembro de 1981.

As informações são prestadas na Secção de Pessoal.

Oeiras, 19 de Setembro de 1981

O Presidente da Câmara Municipal,
(João António Silva Ramos)

CÂMARA MUNICIPAL DE SANTIAGO DO CACÉM COMUNICADO ANO INTERNACIONAL DO DEFICIENTE

A Câmara Municipal de Santiago do Cacém, faz público que conforme deliberação tomada em reunião do passado dia 25, resolveu solidarizar-se com a Comissão Coordenadora Distrital de Setúbal, para as comemorações do Ano Internacional do Deficiente, a qual perante o não envio de verbas por parte do Secretariado Nacional de Reabilitação decidiu:

1 — Repudiar com toda a firmeza a situação e reclamar das autoridades responsáveis a resolução imediata de tal carência;

2 — Para este efeito, fazer deslocar uma delegação ao Serviço Nacional de Reabilitação e ao Ministério das Finanças;

3 — Caso não seja satisfeita a reclamação desta Comissão Distrital, o Serviço Nacional de Reabilitação e o Governo serão inteiramente responsáveis pelas consequências.

Santiago do Cacém e Paços do Concelho, 2 de Outubro de 1981

O Presidente da Câmara
José Eduardo Evangelista Franco Cheis

Ministro fala de "legalizar" pescadores

Pescadores manifestam-se após diálogo satisfatório

Foram satisfatórias, no entender dos pescadores de Sines, as conversações que ontem mantiveram com o ministro da Agricultura e Pescas. No essencial, foi reconhecida a possibilidade de ser legalizada a situação dos pescadores portugueses que operam nas águas do Norte de África.

O bom resultado das diligências que agora se iniciarão podem tornar-se visíveis dentro de prazo bastante curto, talvez uma semana. E então os barcos de pesca artesanal longínqua voltarão para aquela zona, de acordo com afirmações feitas no fim da entrevista com o ministro.

A manifestação que os pescadores haviam marcado para hoje às 17 horas, em frente do MAP, em Lisboa, foi entretanto mantida. «Há hipóteses de trabalho mas é positivo que se mantenha a mobilização do sector» — afirmou-nos um dos elementos da delegação dos pescadores que se deslocou ao MAP. É dentro do mesmo espírito que se mantém a convocatória de duas outras manifestações, em Vila do Conde e em Olhão, para data a anunciar.

A hipótese de legalização das actividades dos nossos pescadores na costa norte-africana



Chegada ao aeroporto militar do «Figo Maduro» dos três feridos do «Porto Céu»

não passará, ao que apurámos, pelo estabelecimento de acordos com as autoridades de Marrocos, Mauritânia ou do Senegal. Aliás, a dificuldade no estabelecimento de tais acordos tinha sido divulgada há dois dias pelo ministro dos Negócios Estrangeiros.

No final do encontro com a delegação dos pescadores, o ministro da Agricultura e Pescas (e

também do Comércio) afirmou que o Governo tomará decisões sobre a actividade piscatória artesanal no Noroeste africano, incluindo «negociações com as outras partes».

O presidente da Câmara de Sines, que se incluía na delegação recebida pelo ministro, afirmou-nos que os contactos para a legalização das actividades dos nossos pescadores não

incluirão a área cuja soberania é reivindicada pela República Árabe Sarauí Democrática. Por isso, e dado o perigo que daí resulta, os pescadores portugueses não encaram a hipótese de voltarem, nos próximos tempos, a exercer actividades naquelas águas, em que aliás se encontrava a «Porto Céu» quando, no dia 26 do mês passado, foi atacada a tiro e morto o seu cozinheiro.

Um dos problemas que se têm posto no estabelecimento de acordos de pesca entre Portugal e os países norte-africanos resulta da sua exigência de que constituam empresas mistas para o exercício das actividades piscatórias. Essa hipótese de trabalho não tem encontrado bom acolhimento dos industriais portugueses em geral. No caso da pesca artesanal, entende-se que se trata de um tipo de trabalho que dificilmente se enquadraria naquele esquema.

No caso concreto das águas marroquinas, disse-o o ministro, vai ser promovida uma campanha de informação junto dos armadores e pescadores, com vista à criação de sociedades mistas de pesca, a única fórmula admitida pelas autoridades daquele país.

Fizeram recomendações para nada

Armadores contra acordo de pesca luso-espanhol

«Foi estabelecido um contrato contra os interesses dos armadores portugueses» — afirmou um dirigente da Associação dos Armadores das Pescas Industriais ao matutino «Portugal Hoje», a propósito do acordo de pescas firmado entre os governos português e espanhol.

A mesma tomada de posição fora já comunicada em protocolo enviado pela associação ao secretário de Estado das Pescas.

Ai se considera «verdadeiramente negativo o resultado dessa negociação por não acautelar de forma adequada os interesses presentes e futuros do país».

O recente acordo de pesca es-

tabelecido entre o nosso Governo e o espanhol foi concretizado sem qualquer auscultação dos pontos de vista das partes directamente interessadas no problema. Pelo contrário, os nossos responsáveis ignoraram completamente o ponto de vista expresso pelos armadores.

«O esforço de pesca do país vizinho nas nossas águas deve ser significativamente reduzido, na medida em que pode ser atribuída à frota espanhola a maior responsabilidade pela degradação dos recursos da nossa costa, especialmente de pescada» — lê-se no citado documento.

Os armadores reforçavam essa posição prontificando-se a

aceitar eles próprios uma redução do esforço de pesca. Para os espanhóis, no seu ponto de vista, a redução do número de licenças deveria fixá-las entre as 40 e as 50.

Ouvidos previamente quanto aos problemas de defesa da nossa fauna marítima, os armadores viram os seus pontos de vista ser completamente ignorados. «Aquilo estava tudo cozinhado, foi só lá chegar, dizer umas coisas e assinar» — comenta o mesmo responsável na referida entrevista ao «PH».

Por outro lado, o acordo de pescas estabelecido continua no segredo dos ministérios, sendo

que a própria associação dos Armadores obteve um a muito custo e com compromisso de o não divulgar.

Como se tudo isso não bastasse, mantém-se a promessa de que sai um plano de pescas, mas a verdade é que o tempo vai passando e nada se faz. Agora, o secretário de Estado diz que está para o fim do ano.

Mas os armadores queixam-se do mau aproveitamento das unidades mais modernas de que dispõem. E perguntam o que vão fazer para a nossa ZEE, onde é que há peixe, o que dizem os relatórios? Nada lhes dizem. Mas sabem que se os espanhóis estão interessados na nossa ZEE é porque a conhecem.

“Minicrise” turística deste ano reflectiu promoção pouco cuidada

O aumento das tarifas na hotelaria e o saneamento básico foram considerados como os «bodes expiatórios» da crise que o turismo português atravessa neste momento e que esta época se reflectiram significativamente no sector. Aliás, arranjar «bodes expiatórios» e «evitar uma análise profunda da crise turística é empenhar todo o sector na gestão de crises futuras e realmente graves», afirmou a propósito Américo Simões, presidente da Associação dos Directores de Hotéis, de Portugal (ADHP), ele também responsável por um hotel da capital.

Mas os factores verdadeiros, os problemas reais que provocaram ou estiveram na origem da «mini-crise» deste ano foram, em sua opinião, uma promoção menos cuidada, pela já discutida contração em dólares que levou muitos operadores a cancelar a vinda de grupos e pelas restrições verificadas em certos mercados habitualmente clientes de Portugal. É o caso da Alemanha Federal — recordou — cujo Governo aconselhou a população a «fazer férias em casa», o que se traduziu numa diminuição em cerca de 50 por cento na afluência, principalmente ao Algarve, destino tradicional dos alemães.

Américo Simões sublinhou que o aumento de preços e a alegada falta de água, sem esquecer o peso e o aproveitamento internacional que tiveram as declarações do Primeiro-Ministro ao afirmar, nos primeiros meses do ano, que o Algarve se encontra em situação pré-catástrofe devido aos problemas de saneamento básico, pesaram na pouca procura. De facto, «certa concorrência» não deixou de tirar partido disso, havendo rumores de que correram «slogans» e cartazes aconselhando, «não vá este ano a Portugal há falta de água». Tudo isso beneficiou outros destinos turísticos que, não sendo concorrências em qualidade, mantiveram os preços de 1980 (como a Espanha), ou praticam tarifas «fabulosas», como é o caso da actual oferta jugoslava, acrescentou.

O responsável pela ADHP criticou, por outro lado, a continuada falta de estruturas de apoio ao turista, tendo em conta as características da oferta portuguesa, pois «a hotelaria é um ingrediente importante, sem dúvida, mas são também os transportes, os incentivos e as alternativas do percurso, assim como a própria alimentação». Disse também que a melhor publicidade para o sector é a da qualidade dos seus serviços, «vendendo ao preço necessário, mas oferecendo a melhor, para o turista voltar».

A essa perda de qualidade não é alheio o facto de haver hotéis sem directores de facto e restaurantes, ou outros similares, que funcionam apenas na mira do lucro fácil, «muitas vezes desmedido e incompatível com o serviço prestado. Por isso mesmo — aduziu —, a ADHP continuará a bater-se pela publicação legal do Estatuto de Director de Hotel e pela necessidade de uma fiscalização efectiva».

Américo Simões criticou, noutro passo, o turismo selvagem que impera, em particular, no Algarve, vendido «por época», clandestinamente, nos mercados de Procura a preços ultra-concorrenciais — sem que as autoridades intervenham — e sem qualidade, para sublinhar que, em termos futuros, a recuperação do mercado norte-americano poderá ser importante. A propósito, especificamente, da capital, o presidente da ADHP sublinhou que o aumento das tarifas hoteleiras passou a ter grande repercussão, sobretudo para os nacionais que, agora, procuram mais as residências e as pensões que os hotéis.

Entretanto, a Direcção dos Directores de Hotéis, de Espanha ofereceu à ADHP uma bolsa para o Curso Superior de Hotelaria na Universidade Politécnica de Madrid, atitude que a sua congénere portuguesa muito apreciou. A ADHP já abriu as inscrições para a atribuição da bolsa, considerada pelo presidente da sua direcção como «muito importante para a formação técnica de profissionais de gestão hoteleira, de que Portugal tanto precisa».

A primeira desde 25 de Abril

SPI criada no Porto elegeu já órgãos sociais

PORTO, 8 — A Sociedade Portuguesa de Investimentos (SPI) antontem constituída nesta cidade envolve um milhão de contos, segundo os termos da sua escritura, que decorreu na sede da fundação, à Rua eng.º António de Almeida, e a que assistiram cinco dos accionistas da SPI.

Mais tarde, efectuou-se um almoço que teve a participação do ministro das Finanças e do Plano, João Salgueiro. Depois do almoço realizou-se uma assembleia geral de que saíram os órgãos sociais eleitos para o triénio 81/83.

A SPI (Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada), com sede nesta cidade, é a primeira entidade financeira de investimentos, privada, criada em Portugal depois de Abril de 1974, por iniciativa e com o aval da AD. No entanto, a SPI foi aprovada pela Comissão Constitucional e ratificada pela Assembleia da República. Tem como principais objectivos a promoção da actividade industrial, a melhoria da gestão das empresas portuguesas e o aperfeiçoamento da tecnologia industrial. Estatutariamente, a SPI, consti-

tuida por capitais de cerca de uma centena de empresas privadas nacionais e apoiada por instituições financeiras internacionais, pretende «apoiar a iniciativa privada de interesse para o desenvolvimento económico global do país e dinamizar o mercado de capitais».

Entre os accionistas portugueses fundadores, contam-se empresas voltadas para a exportação dos sectores agro-alimentar, de bens de equipamento, construção civil e turismo, detentoras de 77,5 por cento do capital social da sociedade. Estas empresas participaram, em 1980, com cerca de 19 por cento nas exportações portuguesas e contribuíram, no mesmo ano, com aproximadamente 20 por cento do total de investimento em capital fixo realizado pela indústria privada.

Os restantes 22,5 por cento do capital social da SPI pertencem à International Finance Corporation, instituição associada do Banco Mundial, com 7,5 por cento; à «Sociedade Alemã de Cooperação Económica», 5 por cento; «Crédit Lyonnais», 5 por cento; e «União de Bancos Suíços», 5 por cento.

● A Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa recomendou em Estrasburgo aos Governos dos países membros da EFTA que o fundo desta organização destinado ao desenvolvimento industrial em Portugal seja orientado para actividades criadoras de empregos. Esta recomendação, votada por unanimidade, foi ontem apresentada naquela cidade pelo deputado João Paiva (relator dos problemas económicos do Conselho da Europa) na presença do presidente dos Conselhos da EFTA ao nível ministerial.

● Dezassete firmas portuguesas estão representadas na Feira Internacional de Bagdad deste ano, que desde 1 de corrente decorre na capital do Iraque, encerrando no dia 15. O pavilhão português, decorado e atribuído às empresas pelo Fundo de Fomento de Exportação, conta com uma área total de 400 metros quadrados, dos quais mais de metade cobertos. O pavilhão e as despesas resultantes da apresentação dos produtos custará cerca de quatro mil contos ao FFE.

● A Comissão Executiva da Comunidade Económica Europeia concedeu um auxílio de emergência a Angola no montante de 400 mil dólares, isto é, mais de 25 mil contos, de acordo com declarações de um porta-voz daquela entidade. Este auxílio da CEE destina-se às populações deslocadas nas províncias de Cunene e Huila em resultado da incursão sul-africana naquele território, há mais de um mês — acrescentou o mesmo informador.

● O vinho português «Dalva», inscrito sob a propriedade de C. da Silva e com sede em Vila Nova de Gaia, conquistou uma medalha de campeão no «Vino-81», Concurso Internacional de Vinhos de Ljubljana, na Jugoslávia, segundo uma nota da JNV (Junta Nacional do Vinho). Os vinhos portugueses, aliás, estiveram em realce no concurso em questão, uma vez que, além da medalha de campeão «monopolizaram» ainda 26 medalhas grandes de ouro, 25 medalhas médias (também em ouro), 39

medalhas de prata e 18 diplomas de honra. A medalha de campeão foi entregue à empresa C. da Silva, de Gaia.

● O presidente do Conselho de Administração da Caixa Geral de Depósitos, Alberto Oliveira Pinto, teve ontem uma audiência em Brasília com os ministros do Planeamento e da Fazenda do Brasil, Delfim Neto e Hernâni Gálveas, respectivamente. Alberto Oliveira Pinto, na circunstância acompanhado pelo embaixador de Portugal no Brasil, Adriano de Carvalho, manteve ainda contactos com os presidentes do Banco Central e do Banco do Brasil, Carlos Longoni e Oswaldo Collin. O presidente da CGD deslocou-se ao Brasil para visitar filiais da instituição no Rio e em S. Paulo.

● As cotações da Bolsa de Nova Iorque tiveram ontem uma subida forte, após a resposta, extremamente calma, de terça-feira, ao assassinio de Sadat. A média Dow Jones das trinta emissões industriais, que no dia anterior quebrara 3,61 pontos, tinha já ganho nove pontos meia hora antes do encerramento, vindo a fechar com um acréscimo de 12,46 pontos, a 868,72. As subidas superaram as descidas por uma margem de mais de três para um e o volume de transacções atingiu 50,03 milhões de acções contra 45,46 na sessão anterior.

● Técnicos portugueses participarão amanhã e depois, em Montreal (no Canadá), numa conferência sobre «Desenvolvimento, Emigração: o caso de Portugal». A conferência é organizada pelo Centro de Estudo de Desenvolvimento da Universidade de McGill e conta com a colaboração do Ministério da Educação de Quebec, Conselho de Investigação para as Ciências Sociais e Humanas do Canadá e a Fundação «Tiker», dos EUA. Xavier Pintado, Sousa Pereira, Jorge Braga de Macedo, Mário Bacalhau e João Cravinho são os técnicos portugueses «mobilizados» para a conferência.

em duas páginas

de ontem para hoje

CTT/TLP
alvo de processo

Os CTT/TLP vão ser alvo do primeiro processo judicial da sua história a acionar pelo menos por uma empresa comercial de Coimbra. A empresa queixa-se de lhe ter sido apresentada num mês deste ano, uma conta telefónica superior a 88 contos enquanto as contas máximas e mínimas apresentadas em meses anteriores se situavam entre os oito contos e os 44 contos. O advogado da empresa disse que juntamente com aquele seu cliente já se dirigiram ao seu escritório mais seis pessoas que pretendem subscrever a referida acção. Entretanto, um responsável dos CTT citado pela ANOP admitiu a existência de um erro porquanto, referiu, «os equipamentos e as pessoas não são infalíveis».

Oficiais do Exército
em questão:
Escola Superior
para a PSP

Um despacho do ministro da Administração Interna, ontem inserto na folha oficial, determina que seja estudada a criação de uma Escola Superior da PSP. «A medida que esse estabelecimento de ensino for formando pessoal — lê-se no documento — será naturalmente reduzida a participação de oficiais do Exército a desempenhar funções na PSP, até ao momento em que a PSP possa ser integrada exclusivamente por pessoal próprio». O despacho de Ângelo Correia institui uma comissão que deverá, no prazo de 75 dias, «elaborar um projecto de Escola Superior (ou Academia) de Polícia».

Preso em greve
de fome:
contra julgamento
«cruel e injusto»

Domingos dos Santos Costa, de 21 anos, trolha de profissão que se encontra preso na Cadeia de Custódias desde 26 de Março último, está em greve de fome desde o dia 1 deste mês, como forma de protesto contra o seu julgamento, que considera «injusto e cruel». Julgado por furto de veículos, no Tribunal da Comarca de Vila Nova de Gaia, Domingos foi condenado em 27 de Outubro de 1980 em seis anos de prisão maior e na multa de 32 contos, para além do pagamento de indemnizações aos lesados.

Apreensão
de mercadorias:
Guarda Fiscal
bateu recorde

Durante o mês de Setembro, segundo foi ontem revelado, forças da Guarda Fiscal, na sua missão de combate à fraude fiscal, actuando ao longo de todo o território nacional, realizaram 627 acções, tendo apreendido por presunção de delito fiscal diversos tipos de mercadoria, nas seguintes localidades:

Gerês, Vinhais, Chaves, Penafiel, Paço Ferreira, Vilar Formoso, Alcains, Arouca, Entroncamento, Odivelas, Cacém, Oleiros, Cascais, Lisboa, Costa da Caparica, Barreiro, Campo Maior, Elvas, Quarteira, Funchal, Santa Maria/Açores e Faial. Os autos de notícia relativos às apreensões foram entregues

nos tribunais judiciais das comarcas das áreas respectivas, acompanhados das mercadorias e presumíveis arguidos. O valor total das apreensões é calculado em 142 mil contos, sendo o valor mensal mais elevado obtido durante o corrente ano. Em relação ao período anterior verificou-se um aumento de 214 por cento.

De Coimbra
ao Porto:
exposição itinerante
de palitos
de Lorrão

Uma exposição itinerante de palitos de Lorrão está a ser mostrada em vários museus por iniciativa do museu e laboratório de antropologia da Universidade de Coimbra. A mostra inclui palitos de pá e de bico, de interesse prático e decorativo. Após ter estado patente em Coimbra, Figueira da Foz, Guimarães e Braga, a exposição vai abrir no próximo dia 16 ao público do Porto, no Museu Soares dos Reis.

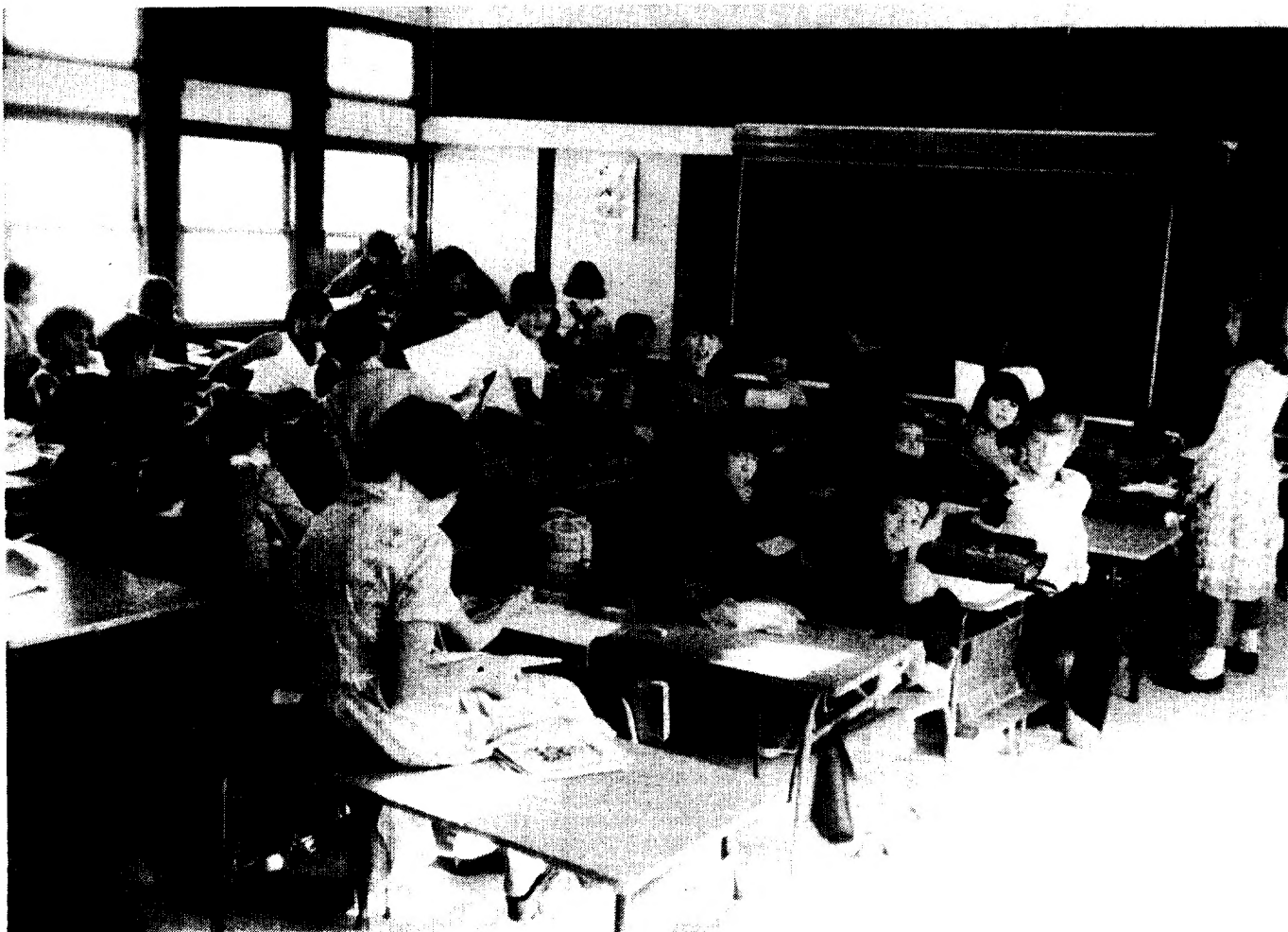
«Maria do Carmo»: mais
um peixeiro
aprisionado
em Espanha

Mais um peixeiro português aprisionado em águas espanholas. Desta vez «Maria do Carmo», matriculada em Vila Real de Santo António. O Comando Marítimo Espanhol revelou que o barco português pescava de arrasto sem licença, tendo sido conduzido ao porto de Huelva, onde permanecerá até conclusão do respectivo processo judicial.

Jovens vicentinos:
prática
«repugnante e
criminoso»
do aborto

A condenação da legalização da prática «repugnante e criminoso» do aborto, foi uma das conclusões aprovadas no sétimo Encontro Diocesano de Jovens Vicentinos. A reunião decorreu no passado fim-de-semana na Casa de S. Paulo, em Cortegaça, no distrito de Aveiro e teve a participação de cerca de 500 jovens de diversos pontos do País. Em conferência de imprensa ontem realizada no Porto, a comissão promotora do encontro revelou que foi decidido realizar «urgentemente jornadas de esclarecimento, fé e oração» que visem conjugar todos os jovens, e todos os católicos, no combate contra a legalização do aborto em Portugal. Esta tomada de posição, segundo a Comissão Diocesana, «é fruto da conspiração pluri-partidária existente em Portugal que tem por objectivo a aprovação para breve de uma lei pró-aborto».

ensino



Até à «descompressão» por mais dez salas de aula, eles «aprendem» em grupos de cerca de cinquenta e em turnos de três horas

Seiscentas crianças da Brandoa
terão mais dez salas dentro de semanas

Desde o passado dia 1, que a escola primária n.º 2 da Brandoa está a funcionar, como já foi divulgado, com cinco salas para 600 crianças.

O esquema encontrado para que as crianças não ficassem sem aulas foi a acumulação por cada uma das cinco salas de aula de dois grupos de crianças do mesmo ano escolar e duas professoras. Cerca de cinquenta crianças numa mesma sala, em vez de 25. Isto em três turnos, de três horas cada um.

O espaço reservado a cada criança está longe de chegar ao metro quadrado. Para olhos leigos uma certa conclusão por lá reinava como será de esperar, mas para os raros elementos do corpo docente que se pronunciaram «é possível duas professoras darem aulas, apesar de tudo, nestas condições».

Os cinco pavilhões pré-fabricados em madeira, já um tanto deteriorados, onde funcionam por enquanto as aulas, são

o que resta do grupo de pavilhões inicial, quatro dos quais estavam de tal modo deteriorados depois de férias devido à fragilidade da construção que estão a ser reconstruídos.

«Um pardieiro era o que isto parecia», disseram-nos.

Há três semanas, que trabalhadores da construção civil contratados por um empreiteiro reconstróem os pavilhões desta vez em blocos de betão, e um pequeno ginásio para futuras aulas de ginástica.

Um edifício integrado na mesma escola e dentro do recinto, que lhe é reservado, construído em tijolo está completamente pronto e equipado para que nas suas seis salas, sejam ministradas aulas. No entanto, e porque era necessário albergar os trabalhadores da construção civil que laboram na reconstrução da escola, foi necessário empilhar o equipamento escolar e instalá-los ali. Foi, segundo

nos dizem, a única hipótese de alojamento.

De modo que, enquanto as mesas e as cadeiras se amontoam em parte das salas, armários e camas ocupam o espaço em que deviam estar as crianças.

Há quem espere que daqui a quinze dias tudo esteja normalizado; mas os trabalhadores da construção civil dizem que as obras só estarão concluídas daqui a um mês.

O recinto em que se ergue esta escola frequentada por seiscentas crianças deixa também muito a desejar não só quanto à organização do terreno acidentado, mas também quanto à higiene. As obras a decorrer já depois de iniciado o ano lectivo, contribuem inevitavelmente para o acúmulo de desperdícios nalguns cantos.

Mas ainda com outros problemas se debatem os responsáveis desta escola primária da Brandoa. De há dois anos a esta

parte, agravaram-se as condições de segurança do estabelecimento, que foi já assaltado, algumas vezes, tendo chegado a desaparecer alguns processos de alunos.

Outro problema maior é a impossibilidade de comprar material escolar. Os livros, o papel, sobretudo o papel de lustró, estão a preços incomportáveis para os encarregados de educação das crianças da Brandoa.

«Recorremos à Caixa Escolar, mas esse recurso não nos resolve todos os problemas», alguém nos diz e adianta: «Seria até bom que nos chegassem algumas ajudas».

Uma escola primária da zona periférica de Lisboa em Outubro de 81. Uma escola primária que, se por um lado reflecte o nascimento e crescimento «ad-hoc» deste núcleo populacional da Brandoa, mostra também que falar de justiça social não é difícil; difícil (ao que se vê) é realizá-la.

comunicação social

Injúrias a António Macedo

STJ agrava teor do acórdão
que condenou Vera Lagoa

Vera Lagoa, directora do semanário «O Diabo», viu confirmado o teor do acórdão da Relação do Porto pelo Supremo Tribunal de Justiça que a considera como autora dos crimes de difamação e injúrias contra António Macedo. Tratava-se de um processo de abuso de liberdade de imprensa.

O acórdão do Supremo acentuou ainda a decisão recorrida na parte relativa ao imposto de justiça em que a directora de «O Diabo» tinha sido condenada.

Como efeito, lê-se no acórdão que «a altíssima posição profissional e pública» do assistente no processo (António Macedo,

da hierarquia do PS) e «a maior gravidade das responsabilidades criminais da ré» implicavam um aumento do quantitativo da indemnização arbitrada.

RTP: razões
da demissão
Alberta Meneres

Maria Alberta Menéres, chefe do Departamento de Programas Infantis da RTP, que, como ontem noticiámos, pediu a demissão do seu cargo, em declarações prestadas ao «Portugal Hoje», que, no mencionado Departamento, «tudo tem vindo a

piorar de há um ano para cá».

Sublinha, no entanto, que, com a sua saída, «não vai atrapalhar a saída do novo mapa de programas realizado por Maria Elisa».

Maria Alberta Meneres, no decurso das suas declarações, salienta também o carácter «não pessoal, nem inamistoso» da sua demissão.

«Deixo o lugar — declara — a quem seja mais chefe do que eu».

Segundo ainda palavras suas, Maria Alberta Meneres recusou tornar-se numa «funcionária burocratizada, sem o mínimo de criatividade nem de estímulo» — e

isso num Departamento que viu crescer a sua produção diária de duas horas e meia para cerca de oito horas e meia.

Saindo embora, Alberta Meneres deixa programação estruturada para os próximos três meses.

SJ: delegados
sindicais

Amanhã, pelas 15 horas, efectua-se no Sindicato dos Jornalistas uma reunião de delegados sindicais para apreciação de assuntos pendentes.

Feitas em Setembro pela PSP

Cinquenta detenções por posse de droga

Durante o mês de Setembro a PSP prendeu 186 indivíduos, sendo 62 por furto, sete por desordem e agressão, 23 por desobediência e injúrias a agentes, 50 por posse de droga e 45 por motivos diversos, segundo foi ontem revelado numa conferência de imprensa realizada no Comando-Geral daquela corporação.

Entre as acções levadas a cabo nesse período, a PSP destaca o assalto a uma residência, na Rua das Sobreiras (Porto) por três homens armados e mascarados que depois de agredirem e amarrarem a locatária, se apoderaram de cem contos em dinheiro e de objectos de ouro avaliados em oitenta contos. Bem como a prisão de quatro indivíduos que, na sede social do Sport Comércio e Salgueiros, exploravam jogo ilícito («bingo»). Foi apreendido material diverso, com destaque para um quadro electrónico, uma máquina de projectar e fichas.

Bairro da Sé

Entretanto, o comandante distrital do Porto da PSP, coronel Mário César Teixeira, classificou ontem de «insensato e perigoso» o manifesto recentemente divulgado por moradores do Bairro da Sé, no qual era posta em causa a eficiência da corporação. O documento, a que já fizemos referência no nosso jornal, acusava também a PSP do Porto de negligência e incapacidade para conter a onda de violência que frequentemente se manifesta naquele bairro bastante populoso.

Afirmando que «a Polícia nunca deixou de estar presente no Bairro da Sé» e que este constitui uma das suas grandes preocupações, Mário Teixeira rejeitou «as acusações e insinuações» que o documento dirige à PSP. Em seu entender, o manifesto dos moradores da Sé «pode provocar instabilidade e criar situações favoráveis a um maior surto de cenas de violência e delinquência».

Pescadores de arrasto decidiram novas greves

Os pescadores do arrasto costeiro decidiram paralisar de Norte a Sul do País, nos próximos dias 12 e 13, 19 e 20, a fim de pressionarem as associações de armadores a aceitarem as propostas de revisão do Contrato Colectivo de Trabalho (CCT) que lhe foram apresentadas pela Comissão Negociadora Sindical (CNS).

Em conferência de imprensa realizada esta manhã na sede do Sindicato dos Maquinistas Práticos, a CNS afirmou que os representantes dos armadores rejeitaram desde o início das negociações os principais pontos da

proposta de revisão do CCT, tendo recentemente provocado a ruptura das negociações. Posteriormente informaram as estruturas representativas dos trabalhadores da passagem do processo de negociações à fase de conciliação.

A CNS reivindica no novo CCT o direito ao fim-de-semana de descanso, aumentos de quatro mil escudos nos salários base, cem escudos de subsídio de alimentação e aumentos do subsídio de Natal, calculados com base na retribuição média auferida durante o ano.

As associações de armadores, que rejeitam esta pro-

posta, pretendem ainda retirar regalias já conquistadas pelos pescadores de arrasto. Assim, propuseram reduzir em 20 por cento a percentagem da distribuição do montante de pescado capturado. Pretendem igualmente conceder apenas um dia de descanso semanal aos pescadores, contra os dois dias que vigoram desde 1976.

Segundo revelou esta manhã a CNS, a contraproposta patronal agravaria ainda mais a situação dos pescadores, uma vez que a sua aplicação implicaria na prática uma redução de 8.011\$50 nos proventos auferidos mensalmente por cada trabalhador.

Despedimentos em massa na «British Airways»

Mais de sete mil trabalhadores da companhia aérea britânica «British Airways» renunciaram aos seus postos de trabalho, aproveitando as indemnizações oferecidas pela empresa — soube-se em Londres.

A «British Airways», que tem registado prejuízos superiores a 250 milhões de escudos por ano, anunciou a concessão de vultosas indemnizações a todos os empregados que abandonassem a empresa, como forma de reduzir em nove mil o número de trabalhadores.

Dos sete mil que já renunciaram cem são pilotos, mas a companhia pretende terminar os contratos de pelo menos 350 pilotos.

A «British Airways» emprega actualmente cerca de 52 mil pessoas.

Porto

Redução de salários origina greve numa fábrica de tripas

Paralisados desde terça-feira, os trabalhadores da fábrica de tripas «Vaessen Ld.», em Granja, Porto, continuarão em greve até que a administração se decida a pagar integralmente os salários de Setembro. A informação foi esta manhã fornecida ao «DL» pelo Sindicato das Carnes Verdes, que ainda hoje entregará, quer no Ministério do Trabalho, quer na empresa, o pré-aviso de greve.

A paralisação foi iniciada espontaneamente na terça-feira após a verificação pelos trabalhadores de que os seus salários tinham sido reduzidos em cerca de 20%. Para tal redução a administração desta multinacional holandesa invocou, ontem, durante uma reunião de tentativa de conciliação no MT, a quebra da produção.

Nos últimos tempos registava-se um contencioso

entre os trabalhadores e a administração à volta do caderno reivindicativo apresentado por aqueles. As novas regalias reivindicadas abarcam a generalização de um subsídio de produtividade atribuído a partir de Julho só a cortadores e coladores, aumentos salariais de 20% e subsídio de alimentação de 100\$00.

Carbonífera do Douro

Os trabalhadores de escritório da empresa carbonífera do Douro, no Porto, que hoje se encontram em greve, voltam a paralisar nos próximos dias 13 a 15, 20 a 22 e 27 a 29, visando pressionar a administração da empresa a negociar aumentos salariais de 25%.

A paralisação de 24 horas, ontem cumprida pelos trabalhadores, registou uma adesão de 96,5%, segundo informação sindical.

Segundo os dirigentes da Federação dos Trabalhadores de Escritório e Serviços (FESINTES), afecta à UGT os trabalhadores de escritório da Carbonífera do Douro «consideram-se marginalizados ao serem aumentados em oito por cento num acordo celebrado entre a empresa e o Sindicato dos Mineiros», conotado com a CGTP-IN.

Neste contrato a administração acordou aumentos salariais para os mineiros de 25% e de 40% para os quadros médios e superiores.

Os trabalhadores de escritório da Carbonífera do Douro aufferem um salário médio de 12 mil escudos.

CGTP mantém desafio ao MT

A CGTP-IN anunciou que mantém o desafio lançado ao ministro do Trabalho para um debate na televisão sobre a revisão da legislação do trabalho. Queirós Martins rejeitou na terça-feira este desafio, classificando-o de «mero exibicionismo».

A central sindical refere num comunicado ontem distribuído que o ministro do Trabalho «foge nitidamente a qualquer tentativa séria de esclarecimento das questões em causa, uma vez que, ao não aceitar o debate, se recusa a confrontar as razões da única organização social que se manifestou claramente contra a posição do Governo».

Traficante italiano julgado no Porto

Prossegue na próxima terça-feira, o julgamento do italiano Mário Sigona (acusado de tráfico de cocaína) iniciado ontem no tribunal de S. João Novo no Porto, sob rigorosas medidas de segurança. Mário Sigona foi preso em Março deste ano, numa residência da Rua de Júlio Dinis, com cerca de sete quilos de cocaína numa mala. A sua prisão fora solicitada pela Interpol que entretanto já havia capturado outros três elementos da

mesma rede de droga em Bruxelas e Londres.

Durante a audiência de ontem depuseram algumas das testemunhas de acusação, designadamente elementos do CID, registando-se a particular amnésia de um deles — «não se lembrava de nada». Segundo a afirmação de um dos acusadores, Mário Sigona era uma peça fundamental na rede, apesar de tentar arranjar alibis de simples «passador».

Caçador morto a tiro

A GNR procura identificar (e localizar) os indivíduos «tendeiros» ou de raça cigana — que, na noite do último sábado, alvejaram mortalmente um caçador e feriram um outro, num café em Igrejinha, no concelho de Arraiolos.

As vítimas, naturais de Salvaterra de Magos, foram Carlos Manuel da Silva Patrício, de 26 anos, abatido com um tiro de caçadeira na garganta, e o primeiro-marinheiro Fernando Filipe de Oliveira, atingido gravemente por várias facadas,

EXTERNATO BOCAGE

- CICLO PREPARATÓRIO
- CURSO GERAL
- CURSO COMPLEMENTAR
- DIURNO NOCTURNO

R. FRANCISCO PEREIRA DE SOUSA, 22 (frente ao nº 325 da Estrada de Benfica) - Tels. 78 40 24-78 24 64

MUNICÍPIO DE LOURES CÂMARA MUNICIPAL

COMUNICADO

ELEIÇÕES PARA A CÂMARA DE LOURES 11 DE OUTUBRO DE 1981

Por deliberação da Assembleia Municipal foi nomeada a Comissão Administrativa que garantirá a gestão corrente do Município e a perfeita regularidade das Eleições Interiores, as quais terão lugar no dia 11 de Outubro.

A estas eleições apresentam-se 8 (oito) listas de Partidos e Coligações, as quais ficarão ordenadas no boletim de voto do seguinte modo.

FORÇA DE UNIDADE POPULAR	FUP
PARTIDO OPERÁRIO DE UNIDADE SOCIALISTA	POUS
UNIÃO DEMOCRÁTICA POPULAR	UDP
ACÇÃO SOCIAL DEMOCRÁTICA INDEPENDENTE	ASDI
UNIÃO DA ESQUERDA PARA A DEMOCRACIA SOCIALISTA	UEDS
PARTIDO COMUNISTA DOS TRABALHADORES PORTUGUESES	PCTP /MRPP
PARTIDO SOCIALISTA	PS
ALIANÇA POVO UNIDO	APU
ALIANÇA DEMOCRÁTICA	AD

VOTAR UM DEVER CÍVICO



JÁ ESTÃO A VENDA

OS NOVOS ARTIGOS ESCOLARES AMBAR

PORTO-LISBOA

agora com a turma © Walt Disney

A VENDA EM TODAS AS PAPELARIAS

Luta pela venda dos AWACS: Reagan perdeu o 1.º "round"

A comissão dos Negócios Estrangeiros da Câmara dos Representantes norte-americana rejeitou, por 28 votos contra oito, o projecto de venda de 8500 milhões de dólares de armamentos modernos à Arábia Saudita, incluindo cinco aviões-radar «AWAC», numa altura em que numerosos membros do Congresso se interrogam quanto à oportunidade da venda destes aviões ultra-sofisticados, após o atentado que vitimou o presidente Sadat, mergulhando o Egito e, de um modo geral o Médio Oriente, num clima de incerteza.

Para que o Congresso impeça definitivamente a efectivação da venda, ambas as Câmaras — Senado e Câmara dos Representantes — terão de confirmar a votação da comissão de Negócios Estrangeiros.

O presidente Ronald Reagan não vai deixar de se esforçar para que tal não aconteça, apesar do desaire que ontem sofreu. «Preciso de vocês, o mundo precisa de vocês», declarou Reagan, pateticamente, a um grupo de senadores do seu próprio partido — o Republicano — muitos dos quais continuam renitentes quanto à ideia da aprovação da venda dos «AWACS». A Casa Branca parece decidida a utilizar todos os argumentos e mais um para arrancar uma decisão positiva do Congresso.

Um «AWAC» na origem do desastre?

Um dirigente iraniano citado pela agência TASS responsabi-

lizou os aviões de detecção electrónica norte-americanos pelo desastre aéreo de 30 de Setembro passado, em que morreram os principais responsáveis pelas Forças Armadas iranianas.

O comandante dos Guardas Revolucionários, Mohsen Rezai, declarou que uma investigação oficial apurara que interferências electrónicas de um avião «AWAC» tinham causado a queda do «Hércules C-130», onde se transportavam os oficiais do Irão. A agência oficial soviética acrescentou que Rezai «não excluiu a possibilidade de a acção terrorista ter sido realizada em cooperação estreita com agentes norte-americanos infiltrados em território iraniano».

No acidente de 30 de Setembro perderam a vida o ministro da Defesa e os principais comandantes militares do Irão.

Por intermédio de dirigente sandinista

Oposição de El Salvador propõe diálogo à Junta

Daniel Ortega Saavedra, coordenador da Junta de Governo da Nicarágua apresentou à Assembleia Geral da ONU uma

proposta da guerrilha de El Salvador para conversações de paz com a junta militar deste país. O comandante Ortega disse

que o governo sandinista apoia a declaração franco-mexicana para a busca de uma solução política em El Salvador que nasça do diálogo entre as forças beligerantes.

Também mencionou a resolução da 68.ª conferência da União Interparlamentar, reunida em Setembro em Havana, a proposta da Internacional Socialista formulada em Paris e a declaração final do encontro de intelectuais pela soberania dos povos, realizado em Havana, também em Setembro.

A proposta está contida numa carta enviada a Ortega Saavedra pela Frente Farabundo Martí para a Libertação Nacional e pela Frente Democrática Revolucionária de El Salvador, na qual as duas organizações salvadoreñas de guerrilha manifestam a sua «expressa vontade de iniciar um diálogo com os representantes civis e militares designados pela Junta, através de um processo de conversações de paz».

As duas organizações reafirmam o «compromisso de procurar e implementar a solução política» nas conversações de paz entre os seus delegados e os representantes da Junta de governo.

Exigem que essas conversações sejam conduzidas na presença de «governos que, na qualidade de testemunhas, contribuam para a solução do conflito».

Margaret Thatcher

Continuação da pág. 2

conservadoras, afirmando-se como uma alternativa possível à actual gestão. Mas a formação do SPD britânico não estará apenas ligada a «viragem à esquerda» dos trabalhistas, resultante da alteração das regras para a eleição do seu líder, e potencialmente chefe do executivo, dando maior poder aos sindicatos e aos comités locais. Circulos económicos britânicos desde há muito defendiam o aparecimento de uma força política situada entre os conservadores e os trabalhistas. Um editorial do «The Economist», órgão dos meios de negócios britânicos, que apoiou a eleição de Thatcher, afirmava já há algum tempo a necessidade de preenchimento de um espaço «centrista». A alternância conservadores-trabalhistas até agora verificada, punha em risco os seus interesses, uma vez que após uma política conservadora, as medidas introduzidas pelos gabinetes trabalhistas inviabilizavam as estratégias anteriormente definidas. Assim, o aparecimento do SPD e a sua anunciada aliança com os Liberais, resulta na formação de uma oposição crível ao mundo dos negócios. Se as últimas sondagens, antes de formalizada a aliança, indicavam que 31,5% dos inquiridos votariam nos sociais-democratas e 9,5% nos liberais, são já um precioso indicativo, não menos elucidativa é a atitude de círculos conservadores moderados reunidos em torno do ex-primeiro ministro Edward Heath. Comentando a recente remodelação ministerial, um comunicado do «Tory Reform Group», os moderados conservadores, afirmava que «no momento em que os liberais e o SPD desejam absolutamente

afirmar que são os únicos a representar o centro da paisagem política britânica, a sr.ª Thatcher parece dar-lhe razão».

Contudo, as perspectivas de desenvolvimento político não se esgotam nesta dupla reivindicação do centro político. O Partido Trabalhista continua a ser uma força política de peso. A sondagem da «GALLUP» atribuiu aos trabalhistas 33,5% das preferências eleitorais. Porém a importância do «labour» não reside apenas no seu peso eleitoral. As suas ligações às forças sindicais agrupadas na Confederação Britânica dos Sindicatos, «TUC», e o poder dado aos sectores do trabalho, garantem a sua permanência no centro da questão política na Grã-Bretanha.

Por seu lado os sindicatos preparam-se para uma vasta ofensiva laboral, e já avisaram o novo titular da pasta do Emprego, Norman Tabbitt, que, caso seguisse o programa anunciado-redução do poder sindical e confiscação dos fundos sindicais, reagiriam energicamente. O recente congresso da «TUC» reafirmou o propósito de lutar contra o governo Thatcher, e um dos secretários-gerais do mais poderoso sindicato do país, o dos metalúrgicos, garantiu «um Inverno de descontentamento», como o que em 1978-79 provocou a queda do governo trabalhista de James Callaghan.

Os sindicalistas encontram-se agora com mais peso no «Labour», e não será de estranhar que actuem rapidamente de forma a inviabilizar a perspectiva centrista, cujas hipóteses de êxito se vêm afirmando.

Em perspectiva um Outono/Inverno bem agitado na Grã-Bretanha.

EXTERNATO FERNANDO PESSOA

«ENSINOTÉCNICA»

CICLO PREPARATÓRIO — GERAL — COMPLEMENTAR UNIFICADOS — 12.º ANO (VIA ENSINO)

AD-HOC

DIURNO — NOCTURNO INSCRIÇÕES ABERTAS

Rua Buenos Aires, 8-8 A (à Estrela)

Telefs.: 60 64 49 / 60 32 52

Continuação da pág. 3

sálías económicas à Polónia, apesar da diminuição das entregas de Varsóvia e do défice consecutivo do comércio bilateral (à volta de mil milhões de dólares). Stepan Olszowski, membro do Politburo polaco, declarou à televisão: «O nosso mais próximo aliado pode começar a perguntar a si próprio se deve continuar a ajudar-nos... A URSS pode sobreviver sem os produtos polacos, mas a Polónia não pode fazê-lo sem os produtos soviéticos».

Da Jugoslávia à China, passando pelo Egito, é longa a lista dos países que, de um dia para o outro, foram privados pela URSS de toda a forma de assistência material, porque tinham deixado de lhe agradar. Os polacos, que

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina

Médio Oriente

Morte de Sadat põe em política dos EUA para



Os parlamentares egípcios decidiram por unanimidade nomear Hosni Mubarak referendo que ratificará essa escolha terá lugar na terça-feira. Na foto, um aspecto da reunião.

A morte do presidente Anwar Al Sadat criou no Médio Oriente e em todo o Mediterrâneo uma nova situação. Sadat, interlocutor preferencial dos Estados Unidos naquela zona do globo, um dos poucos dirigentes árabes com quem a administração Reagan podia contar, ao ser morto poderá ter enterrado a linha política para o Médio Oriente traçada pela administração Reagan.

Comentadores internacionais debruçam-se agora sobre esta questão. Todo o projecto norte-americano conhecido sob a designação de «consenso estratégico» está em perigo. Não só Sadat, um dos seus signatários, já não existe como a evolução política no Egito permanece uma incógnita.

Por outro lado, segundo o comentarista Laurent Chevalier, da «France-Presse», a actual situação poderá beneficiar a Arábia Saudita que, desde há muito pretendia afirmar a sua liderança moderada no mundo árabe, de acordo com as suas potencialidades económicas. O Egito de Sadat teria constituído uma das maiores barreiras à realização deste projecto. Neste contexto, a venda dos aviões «AWACS» poderá vir a ser autorizada pelo Congresso Americano, apesar de Reagan ter saído derrotado no primeiro confronto com o Congresso.

Reserva israelita

A aprovação pelo Parlamento egípcio, por unanimidade, da candidatura de Hosni Mubarak, é considerada pelos israelitas com uma certa reserva. Todos os observadores em Jerusalém recordam o incidente que levou à expulsão do Cairo dos jornalistas do «Jerusalem Post». Aquele jornal tinha noticiado, na sua edição de 5 de Janeiro, que o «presidente Sadat está a projectar uma remodelação importante do seu Governo para prevenir um golpe de força do vice-presidente Hosni Mubarak».

Um comentador da rádio israelita sintetizava ontem a posição dos meios oficiais israelitas, ao declarar «prudência, prudência». Com efeito, as autoridades israelitas temem que Mubarak tente melhorar a imagem do seu país no mundo árabe e que pague essa imagem «em moeda israelita». Apesar destas reservas, o Governo israelita deci-

diu, em reunião extraordinária, ontem realizada, apostar na «carta Mubarak».

Posição palestina

Elias Chufani, chefe do departamento dos assuntos israelitas do Instituto de Estudos Palestinos, afirmou que a morte do presidente Sadat, ao desferir um forte golpe na aliança que os Estados Unidos tentavam construir no Médio Oriente, vai reforçar a posição de Israel. Aquele dirigente palestino assegurou que, após Sadat, Israel constitua o melhor aliado do Ocidente. Assim, e segundo Chufani, Israel irá virar definitivamente a página da autonomia administrativa para a Cisjordânia, prevista pelos acordos de Camp David. Deste modo, Chufani está convencido de que Israel não retirará do Sinai no próximo mês de Abril e de que o Estado hebreu irá endurecer a sua posição em todos os aspectos do conflito israelo-árabe.

Por seu lado, o dirigente da Organização de Libertação da Palestina, Yasser Arafat, afirmou quarta-feira em Pequim que o mundo assiste ao fim dos acordos de Camp David «com a morte de um dos seus

símbolos». Esta posição do dirigente palestino criou em Pequim um certo mal estar diplomático. De facto, as autoridades chinesas tinham noticiado a morte de Sadat, elogiando a acção do dirigente egípcio em prol da paz no Médio Oriente. As declarações de Arafat, proferidas durante um banquete que lhe foi oferecido pelo primeiro-ministro chinês, Zhao Ziyang, bem como as declarações elogiosas a Sadat, não foram referidas pela agência noticiosa «Nova China».

Declarações de Haig

O secretário de estado americano, Alexander Haig, em declarações ontem prestadas em Washington, afirmou que, por informações recolhidas pelos serviços de informação americanos e egípcios, o atentado que vitimou Sadat foi inspirado por um grupo de «fanáticos religiosos». Haig adiantou que os Estados Unidos «não possuem provas de manipulação externa» no assassinio de Sadat. O secretário de estado americano salientou que a Líbia, apesar da sua «retórica» não parece estar directamente implicada «neste caso preciso». Estas

Jogos e apostas

estão à beira da bancarrota fariam portanto mal em encarar com ligeireza a chantagem assim esboçada. Eles estão claramente numa encruzilhada. Tendo em vista as apostas europeias e planetárias enumeradas, tendo em vista as enormes dificuldades da economia soviética, tendo em vista o Afeganistão, não é impossível que eles consigam consagrar as formidáveis conquistas democráticas dos últimos meses e até obter mais algumas. Mas uma condição é necessária, embora não se saiba se é suficiente: que não percam tempo e se atirem ao trabalho. Se assim não for, não é só a URSS que pode faltar a paciência. Essa paciência também pode faltar aos seus credores ocidentais.

Manifestação pacifista pre

A manifestação do próximo sábado em Bona contra o estacionamento de novos mísseis norte-americanos na Europa reunirá 160 mil pessoas e será «a maior manifestação da história da Alemanha Federal», anunciaram ontem os organizadores.

Num artigo sobre a manifestação, a agência noticiosa DPA escreve que ela constitui uma das expressões de «um novo movimento social, cuja amplitude e dinamismo começam a notar-se cada vez mais» na RFA e que já «provocou profundas divergências no seio dos partidos governamentais social-democrata (SPD) e liberal (FDP)».

Diferentes organizações mostraram-se identificadas com

esse movimento, designadamente ecologistas, grupos comunistas, movimentos feministas, círculos juvenis, as igrejas católica e protestante e um sem-número de outros agrupamentos.

A manifestação anti-NATO «converteu em crise, no dizer da agência noticiosa alemã-federal, as tensões existentes» dentro do SPD e FDP, quando 51 dos 518 deputados sociais-democratas e 16 dos 53 deputados liberais anunciaram solidarizar-se com a iniciativa apesar das advertências do chanceler Helmut Schmidt e do chefe da diplomacia, Hans-Dietrich Genscher.

Solidários com o movimento pacifista, mostraram-se também as organizações juvenis dos dois partidos do Governo.

Marcada para

em questão para a região



Mubarak como sucessor de Sadat. O aspecto da votação. (Telefoto/UPI-)

Ultimato de Chazli

O general Chazli lançou um ultimato a Mubarak exigindo a libertação de todos os presos políticos, a anulação do estado de emergência e a abrogação de todas as leis «fascistas e repressivas». Aquele dirigente da oposição egípcia, em comunicado difundido por Rádio Tripoli, considera Mubarak, indigitado pelo Parlamento egípcio à presidência, «responsável por todos os erros do regime de Sadat». Chazli adiantou que a atitude do seu movimento face aos novos dirigentes egípcios dependerá das respostas destes às suas reivindicações.

Reagan não vai ao Cairo

Por motivos de segurança, o presidente norte-americano, Ronald Reagan, não se deslocará à capital egípcia para assistir ao funeral de Sadat. O presidente «lamentava profundamente não estar presente», mas tomou esta decisão em face da recomendação unânime dos responsáveis americanos de segurança, precisa o comunicado difundido pela Casa Branca.

EUA gastaram 20 milhões na protecção de Sadat

Os Estados Unidos participaram directamente na protecção de Anwar El Sadat desde os últimos anos, revelou hoje o «Washington Post», citando altos funcionários americanos. Segundo a mesma fonte, a administração dos EUA, teria gasto durante esse período entre 20 e 25 milhões de dólares com a defesa do falecido presidente egípcio.

Os altos funcionários, referidos pelo «Washington Post» e que pediram o anonimato especificaram que a ajuda americana incluía um helicóptero blindado que o presidente Richard Nixon ofereceu a Sadat em 1974, a vigilância do seu avião por radares voadores «AWACS», nas suas deslocações ao estrangeiro, e a instalação dum sistema de comunicações elaborado e montado para o seu serviço de segurança pessoal.

Esta última instalação montada pela Central de Informações Americana (CIA), no Cairo, tinha sido mantida secreta, explicaram as referidas fontes, com receio que outros chefes de Estado pedissem equipamento igual.

para sábado

reocupa governo de Bona

Milhares de polícias (o número exacto não foi ainda revelado) serão destacados no sábado para Bona a fim de «velar pela manutenção do carácter pacífico que, de acordo com a vontade dos organizadores, deverá ter a manifestação» — escreve a DPA. Contudo, o Governo e as autoridades policiais temem perder o controlo sobre os acontecimentos e receiam que a imagem de deputados social-democratas junto de «vidros partidos e automóveis em chamas» seria «fatal para o partido governamental».

Para o Executivo de Bona, a reunião pacífica de sábado equivale a uma «declaração de guerra» contra a sua política militar e a decisão da NATO de modernizar o arsenal de armas atómicas estacionadas na Eu-

ropa, embora com negociações paralelas com a URSS sobre o desarmamento — assinala a DPA.

Andreas Zumach, um dos organizadores da manifestação, negou que esta seja anti-americana e sublinhou ser, sim, «contra a política da administração Reagan», quadro em que estabeleceu um paralelo com a marcha de protesto realizada em Setembro em Washington e em que participaram 250 mil pessoas.

Zumach rebateu, por outro lado, a alegação segundo a qual a iniciativa teria sido incentivada pela Alemanha Democrática.

O escritor alemão-federal Heinrich Boll, Prémio Nobel da Literatura em 1971, proferirá uma alocução no encerramento do desfile.

O Congresso da central sindical independente polaca «Solidariedade» terminou ontem em Gdansk, com a adopção de um programa, que o jornal polaco «Zolnier Wolnosci» e Rádio Moscovo consideraram como concretizando a «intenção de estabelecer na Polónia um novo sistema político» e como prosseguindo o objectivo de conquistar o poder.

O Congresso do «Solidariedade» aprovou, por forte maioria, um programa de acção que impõe como objectivo a transformação do Estado e da economia sem pôr em causa as alianças do país.

O sindicato tenciona lutar pela instauração de um pluralismo político e por uma clara separação entre o Partido e a Administração, assim como por uma nova lei eleitoral autorizando as candidaturas de vários grupos de opinião.

O sindicato tenciona levar a cabo o seu programa de transformação da vida pública tendo em conta «a relação de forças na Europa, depois da Segunda Guerra Mundial».

O Congresso também conseguiu constituir a «Comissão Nacional de Coordenação» (instância dirigente do movimento). Na sexta volta de escrutínio, o último lugar por decidir foi para Bogdan Lis, um dos pioneiros do movimento que também é o único membro do Partido Comunista eleito para a comissão (KKP).

A Comissão é constituída por 38 presidentes de região e por 69 membros eleitos pelo Congresso, segundo uma lista de candidaturas apresentada pelas secções regionais.

As eleições foram marcadas pela derrota dos «peritos», nomeadamente do historiador Bronislaw Geremek, próximo conselheiro de Lech Walesa.

A Comissão de Coordenação deverá reunir-se pela primeira vez hoje para designar o seu «praesidium». A composição deste será crucial para Lech Walesa, pois poderá ficar rodeado por aliados ou por adversários políticos vigilantes.

Um delegado afirmou que o novo programa de acção repre-

senta uma nova constituição política do país.

Fazendo referência ao programa de que o movimento acaba de se dotar, Lech Walesa afirmou: «Temos um programa de luta, que a vida vai sem dúvida corrigir, um programa difícil mas realizável, que nos falta traduzir na linguagem dos trabalhadores».

Críticas

O projecto de programa discutido no Congresso da «Solidariedade» em Gdansk constitui não o documento de um sindicato mas de um partido político que procura tomar o poder, escreve o jornal polaco «Zolnier Wolnosci».

Fundamentando a alegação, o diário observa que, no texto do projecto, se enumeram tarefas ideológicas, políticas, sociais e mesmo de política externa características de um partido.

Para o jornal polaco «está obviamente delineada» no projecto de programa do sindicato «a intenção de estabelecer na Polónia um novo sistema político».

Noutro passo, chama-se a atenção para o facto de os autores do documento «evitarem, cuidadosamente», utilizar os termos 'socialismo', 'Polónia socialista', e 'sistema socialista'.

Em Moscovo, a rádio local designou por seu turno, o Congresso do «Solidariedade» por «reunião política» que tem em vista destruir os alicerces do socialismo na Polónia.

«No assim, chamado Congresso, assinalou a emissora, reacção a toda a espécie atacaram o Partido Operário Unificado e o Estado Socialista da Polónia».

Por último a agência PAP informou que o vice-ministro polaco do Interior, Adam Krzysztowski, acusou o Governo norte-americano de ter criado um órgão especial, integrando agentes da CIA, para «tirar proveito» da instável situação na Polónia.

Terminou o congresso em Gdansk

Programa do “Solidariedade” acusado de visar a conquista do poder

A reforma prisional na Irlanda do Norte Presos de Long Kesh querem “esclarecimentos”

Os detidos republicanos da prisão de Long Kesh, na Irlanda do Norte, pediram ontem «esclarecimentos» sobre as propostas de reforma do regime penitenciário apresentada na terça-feira e que eles consideram «ambíguas».

Nun comunicado transmitido clandestinamente para fora da prisão, os detidos dos «blocos H» qualificavam de «positiva» a aceitação pelo governo britânico do porte das suas próprias roupas. Mas consideram que a medida que lhes concede apenas metade da remissão de 50 por cento das penas a que foram condenados (quando eles exigiam a remissão de 50 por cento) é «inadequada» e «afasta-se da

posição tomada pelo antigo secretário inglês para a Irlanda do Norte, Humphrey Atkins, em 18 de Dezembro de 1980, aquando da suspensão da primeira greve da fome».

O secretário britânico para a Irlanda do Norte, James Prior, tinha tomado público na terça-feira o seu plano de reformas do regime penitenciário da Irlanda do Norte, quatro dias depois do abandono da greve da fome que custou a vida de 10 presos republicanos.

«Temos necessidade de esclarecimentos antes de poder emitir uma opinião», declararam os presos republicanos no seu comunicado. «Deram-nos a entender que Lord Gowrie (ministro

adjunto para a Irlanda do Norte), nos daria esclarecimentos. Esperamos a sua chegada».

Entretanto o chefe de fila dos extremistas protestantes da Irlanda do Norte, o reverendo Ian Paisley, declarou ontem em Belfast que se oporia a qualquer concessão que fosse feita aos presos republicanos (presos do IRA e do INLA).

O reverendo Paisley, que dirige o partido democrata unionista, declarou nomeadamente aos jornalistas: «vale mais que o senhor Prior (o secretário de Estado inglês para a Irlanda do Norte) saiba que a sua política de apaziguamento e de rendição em relação ao IRA enfrentará a mais viva resistência da população protestante».

Ex-ministro do Zaire prevê para breve a queda de Mobutu

O antigo primeiro-ministro zaireense, Nguza Karl I Bond, declarou ontem que o Ocidente está a apoiar «O cavalo errado» no Zaire e que «a população faminta» do país em breve derrubará o presidente Mobutu.

«A segunda invasão do Shaba (ex-Catanga) foi um falhanço, porque países ocidentais deram o seu apoio ao regime de Mobutu. Mas estão a apostar no cavalo errado» — disse Nguza numa conferência de imprensa em Bruxelas.

O antigo ministro acrescentou: os países ocidentais «correm o risco de serem associados pelo povo zaireense à actual série de pilhagens que arruinou o nosso país e lançou a população numa terrível miséria».

Nguza, que se demitiu do cargo de primeiro-ministro durante uma visita à Bélgica em Abril deste ano — disse aos jornalistas que espera dar a sua próxima conferência de imprensa em Kinshasa, acreditando estar próxima a queda do regime de Mobutu.

O antigo ministro, tendo a seu

lado outro dissidente do Governo de Mobutu, Mungul Diaka, ex-responsável pela pasta da Educação, sublinhou que falava em seu nome pessoal e não quer apresentar-se como líder da oposição unificada, nem ocupar o lugar de Mobutu.

Zonas inteiras do Leste do país — disse — fogem ao controlo de Kinshasa e as forças armadas zaireenses estão em desagregação.

«O Zaire atravessa a primeira fase de mudança. O maquinismo policial perdeu o seu poder de dissuasão, apesar dos reforços constantes, porque o povo está faminto, as nossas crianças morrem de fome e os hospitais não têm medicamentos» — disse Nguza.

O antigo ministro acrescentou que o «regime de Mobutu perdeu a cabeça e tenta reprimir todas as tentativas para modificar a situação». «O exército zaireense é uma ficção e bastam alguns homens bem treinados e decididos para o despedaçar» — afirmou ainda.

IFL institut
français
de lisbonne

Quem procura

- aprender
- manter
- aperfeiçoar o seu francês

escolhe um centro

- que utiliza eficientes métodos modernos
- com grupos reduzidos
- dirigidos por professores franceses

deve escolher o

INSTITUT FRANÇAIS DE LISBONNE

(Cursos para crianças, francês comercial, preparação ao diploma do ensino de francês)

- Inscrições abertas
- Início das aulas: 6 de Outubro

(Mais informações pelo telefone 655088 ou na secretaria do Instituto)

exclusivo

ONU

Cruzada contra o racismo

Orlando Ocaná

Prensa Latina

O racismo, o nazismo e o apartheid são manifestações ideológicas reacionárias que desde 1967 começaram a inquietar novamente os Estados membros da ONU.

O primeiro sinal dessa preocupação refletiu-se numa resolução adoptada pela Assembleia Geral da ONU, a 18 de Dezembro desse ano.

Nessa ocasião, o plenário mostrou-se inquieto com as manifestações de intolerância racial, incluindo o ressurgimento de certos grupos e organizações que professam ideologias totalitárias como o nazismo.

Há 14 anos, ao condenar essas ideologias, a comunidade das nações reconheceu a necessidade de adoptar medidas energéticas com vista a exterminar essas tendências.

Sem dúvida que desde então essas práticas totalitárias e racistas continuam a desenvolver-se, principalmente nos países capitalistas desenvolvidos e as medidas reclamadas pela ONU ainda estão para ser tomadas.

Apesar disso, todos os anos, a Organização Internacional reitera que o racismo, o nazismo e a ideologia e política do apartheid são incompatíveis com os propósitos da Carta, com a Declaração Universal dos Direitos Humanos e com a Convenção para a prevenção e sanção do delito de genocídio.

Acentua também que tais práticas violam a Declaração da ONU sobre a eliminação de todas as formas de discriminação racial.

A 15 de Dezembro de 1980, a Assembleia Geral reiterou uma vez mais as suas petições e pediu à Comissão de Direitos Humanos que analisasse o tema e propusesse medidas concretas contra as ideologias e práticas mencionadas.

Nesse conclave, entre os exemplos clássicos de manifestação dessas ideologias, foram apontados o sistema de apartheid na África do Sul e as práticas sionistas do regime israelita.

As leis repressivas baseadas em teorias fascistas são aplicadas pelo regime de Pretória para manter o poder e o domínio socioeconómico de uma minoria branca racista sobre a grande maioria do povo negro nessa nação.

A situação da população sul-africana amplamente divulgada nos foros internacionais, caracteriza-se por uma brutal repressão e pela negação, à larga maioria negra desse país dos seus direitos humanos e das suas liberdades fundamentais.

A política agressiva que pratica Israel contra os povos árabes e, especialmente, contra o palestino, integra esse ressurgimento fascista a que se opõe a organização internacional.

A última modalidade adoptada pelo regime de Telavive foi inspirada na doutrina hitleriana da Segunda Guerra Mundial, quando sob a justificação da «guerra preventiva» e a agressão como «autodefesa» lançou um ataque contra a central nuclear iraquiana no passado dia 7 de Junho último.

Apartheid e sionismo, com uma ajuda fundamental dos Estados Unidos e seus aliados a

esses regimes no campo militar, económico, político e diplomático, são as duas manifestações mais preponderantes dessas ideologias totalitárias e racistas que a ONU continuamente condena nas suas sessões e debates.

É claro que, não por serem os expoentes mais identificáveis, mas porque são as únicas manifestações desse tipo que existem no mundo contemporâneo.

De acordo com os debates realizados dentro dos órgãos da ONU, as organizações fascistas e neofascistas funcionam acti-

desenvolvidos, durante o debate do tema.

O próprio governo norte-americano assumiu a mesma atitude do cruzar dos braços e à actividade dos campos da Florida e de outras partes do território dos Estados Unidos, onde são treinados contra-revolucionários para desenvolver acções desestabilizadoras nos países independentes das Caraíbas e da América Central.

A revista «Der Spiegel» também salientou no seu artigo que as autoridades italianas e espanholas assumiram idêntica posi-

outros grupos racistas continuam a obter poder político nos diferentes Estados da União.

No centro «Simon Wiesenthal», organização antifascista norte-americana dirigida pelo ex-prisioneiro dos campos de concentração nazis da Segunda Guerra Mundial que deu o nome ao centro, denunciou recentemente em carta enviada aos meios de difusão de massas, o incremento da participação dos neofascistas norte-americanos nos órgãos do poder.

Em 1980, o Grã-Dragão do Ku Klux Klan da Califórnia, Tom



Apesar dos avanços científicos em antropologia e biologia ainda se mantém na África do Sul um regime que institucionalizou o racismo como sistema de Governo e considera o negro inferior ao branco

vamente em mais de 50 países, e alguns deles o número dessas associações ascende a várias centenas.

Nos últimos meses, a imprensa internacional alertou insistentemente sobre o que classificou como «renascimento do neofascismo na Europa» e já divulgou elevado montante de dados sobre as actividades fascistas deste continente.

A revista «Der Spiegel», de Hamburgo, informou em Dezembro passado da existência de vários campos de treino de grupos neofascistas na Europa ocidental.

Há 75 jovens recrutas nazis da Alemanha Federal, França e Bélgica que se treinam nesse campo situado na fronteira entre a Bélgica e a Alemanha, próximo da vivenda «La Roche» nas Ardenas.

Acrescentou que os treinos são patrocinados pelo grupo paramilitar belga «Right Vleamse Militantenorde», que tem a sua sede em Antuérpia.

Só na França e Itália — salientou — existem cerca de 30 grupos e organizações fascistas activos na preparação de uma campanha internacional de terrorismo.

Outras denúncias que surgiram na imprensa europeia indicavam que cerca de 200 elementos neonazis nas prisões da Alemanha Federal, recebem regularmente contribuições de grupos fascistas dos Estados Unidos, Bélgica e de fundações administradas pelo terrorista Norbert Burger.

Apesar destes grupos fascistas, radicados em França, terem reivindicado em 1980 várias acções terroristas no mundo, o então ministro do Interior francês, Christian Bonnet, declarou que «tais organizações actuam dentro das regras do sistema legal da República».

As mesmas justificações foram expressas nas sessões da ONU pelos países capitalistas

em relação às actividades neofascistas nesses países.

Nos últimos anos — segundo a publicação — os fascistas espanhóis criaram cerca de 20 organizações paramilitares, das quais a mais famosa é a «força Nova», integrada por filhos de militares e que conta com 3000 filiados.

Esses jovens fascistas reúnem-se próximo das instalações do Comando Militar em Madrid para celebrar o nascimento de Hitler, vestidos com uniformes adornados de suásticas, afirma o «Der Spiegel».

Os Estados Unidos não ficam atrás do desenvolvimento dessas organizações fascistas e o Ku Klux Klan, o partido nazi norte-americano, e cerca de 100

Metzger, teve aspirações a ser nomeado candidato pelo Partido Democrático no distrito 43.

Um ex-nazi, nesse mesmo ano — afirmou Wiesenthal — candidatou-se nas primárias congressionais republicanas em Lansing, Michigan, e um líder do partido nazi norte-americano obteve 56 mil votos como candidato a Procurador Geral da Carolina do Norte.

O auge da actividade dos fascistas norte-americanos foi igualmente denunciado recentemente pela própria imprensa dos Estados Unidos. No Inverno de 1980, jornalistas norte-americanos entraram clandestinamente num campo de treino do Ku Klux Klan, no norte do Alabama. Aí descobriram o treino

intenso que recebem os membros do Klan e que aquele campo chamado My Lai, em honra da selvática matança que soldados norte-americanos fizeram na vila vietnamita do mesmo nome, durante a guerra de agressão àquele país, era utilizado «para elevar a capacidade militar da elite do Ku Klux Klan».

Numa entrevista publicada pelo «New York Times», o Grã-Dragão do Ku Klux Klan do Alabama, Roger Handley, afirmou que a sua organização se prepara em todas as frentes para «evitar violências raciais» como as que aconteceram este ano, em Miami.

Em 1980, a comunidade de «liberty City» foi cenário de vio-

lentas lutas contra os racistas da cidade.

Os índices apontados na imprensa internacional nos últimos meses sobre a actividade dos grupos fascistas nos países capitalistas desenvolvidos será um dos temas sobre o qual terá que dar informações à Comissão dos Direitos Humanos.

Segundo o mandato conferido pela Assembleia Geral, essa comissão deve apresentar no período a decorrer actualmente de sessões ordinárias, os resultados obtidos no seu estudo sobre o tema e as medidas concretas a adoptar pelos Estados membros, para evitar o desenvolvimento dessas ideologias desumanas.



A agricultura em Angola

A grande fertilidade do solo angolano faz com que a maioria das plantas agrícolas aí encontrem condições naturais extremamente propícias. Culturas tipicamente tropicais como o café, a banana e o ananás são as mais difundidas. No entanto, há também condições favoráveis para as culturas de clima temperado, como os cereais (trigo) e plantas frutíferas como maçãs peras e uvas.

Por esta razão, e também porque 85% da população activa do país está ocupada no ramo, o desenvolvimento da agricultura mereceu atenção privilegiada por parte do Governo Popular de Angola, como base do progresso económico e social da RPA.

A tarefa, porém, não é fácil. Cinco séculos de domínio colonial deixaram à jovem República uma pesada herança. O atraso, o baixo nível das forças produtivas, as desproporções gritantes e os típicos contrastes coloniais caracterizavam a agricultura do país até ao momento da proclamação da independência da República Popular de Angola, em 11 de Novembro de 1975.

No país, que pelas suas dimensões é quase igual à Europa Ocidental, as terras lavradas constituem apenas três por cento de todo o seu território. Fora a existência de algumas propriedades rurais, cuja produção era eventualmente destinada à exportação, a esmagadora parte do campesinato vive em economia natural, utilizando instrumentos de trabalho muito primitivos.

A retirada dos colonos portugueses, acompanhada em muitas regiões de destruições gratuitas e selvagens, trouxe também grandes prejuízos. De 2300 plantações de café e quintas, cerca de 2000 foram

abandonadas pelo domínio português. Ficaram incólumes apenas algumas dezenas de tractores, dos nove mil que o país possuía. A invasão das forças sul-africanas, por outro lado, causou a perda de 80% de cabeças de gado.

Para o MPLA-Partido do Trabalho, o objectivo principal neste campo é conseguir transferir a economia rural para os carris, da produção socializada. Nas resoluções do primeiro Congresso daquele Partido, em Dezembro de 1977, sublinhou-se que era necessário garantir as condições da criação de um grande sector estatal e o desenvolvimento das organizações das cooperativas de produção.

Agora, no lugar das vastas plantações e granjas coloniais, criam-se as plantações e explorações estatais. Elas ocupam hoje em dia mais de 500 mil hectares de terra lavrada, cabendo-lhe cerca de 70% da plantação de café.

O processo de ganhar os camponeses para as associações (formas de união pré-cooperativas) e cooperativas, num esquema de completa voluntariedade, decorre lentamente. De acordo com o «Jornal de Angola», em 1980, contavam-se no país 3500 associações de camponeses, e cerca de 300 cooperativas com 51 mil militantes (na aldeia vivem 2,5 milhões de pessoas). Aos sectores do Estado e cooperativo na economia rural pertence mais de metade das terras trabalhadas. Ao mesmo tempo, as autoridades travaram uma grande campanha para a liquidação do analfabetismo entre a população rural e ensinaram-lhe novos métodos agrícolas, reatando laços económicos entre a cidade e a aldeia.

DESPORTO

Alves: a razão estava com ele!

Há vários dias que estávamos perfeitamente dentro do problema, sabendo (inclusive) do resultado do exame médico feito a João Alves, no Porto, pelo professor Edgar Tamegão. Mas, valerá a pena contar aos leitores alguns pormenores que estiveram na base da junta médica ontem realizada no Estádio da Luz, que fez ali deslocar 14 homens da Imprensa e a Rádio Comercial, num aparato que (afinal) é apenas o reflexo do prestígio e da popularidade do **homem das luvas negras**, directamente equacionados por alguns dirigentes e associados do seu clube (entidade patronal) de cada vez que se queixava de dores na perna direita e lhe respondiam (talvez com certa ironia) que o seu mal era psíquico e passageiro. Melhor: que **aquilo era finta**, que Alves apenas estava amuado com alguns companheiros do «team» e com o técnico Baroti, que queria ser «capitão» do «onze» do Benfica, que andava à pancada com colegas, que se estava (positivamente) **marimbando** para o contrato-compromisso de trabalho.

Afinal, toda a razão estava com João Alves. E fica-se sem saber como irão descalçar a bota quantos se permitiram criticar asperamente um profissional de corpo inteiro, atingido duramente na sua honorabilidade, que para além dos ganhos financeiros a que tem direito como figura de primeiro plano no futebol europeu, gosta tanto de jogar futebol como um garoto que adora a bola e a finta e o golo.

Alves, menino-homem de 28 anos, deve ter aprendido a (definitivamente) escolher amizades e considerar pessoas. Numa hora que foi extremamente penosa, num dilatado período de tempo em que carecia de compreensão e respeito, nem todos que deviam estar a seu lado admitiram que o jogador estava com a verdade. Foi preciso quase o pino no Zimbábue da Estrela para se reconhecer que ninguém melhor que o atleta sabia que sentia dores e não poderia acabar, com outros colegas seus, a pedir emprego ou de muletas, vendendo futebol a retalho ou sujeito a um gesto de compaixão. Alves não quis repetir Pavão, nem João Pedro, nem mesmo alguns companheiros de profissão que (felizmente) estão vivos. Ainda bem que se galgou terreno na luta contra aquilo que poderia ser o prematuro fim de uma carreira brilhante: Alves, em lugar de vaias ou assobios, fica a merecer do «Terceiro Anel» da Luz e de alguns mandatários dessa apaixonada massa de adeptos benfiquistas, o **mea culpa** que se impõe e a ovação que (certamente) irá atapetar o seu regresso ao trabalho tão breve quanto se deseje.

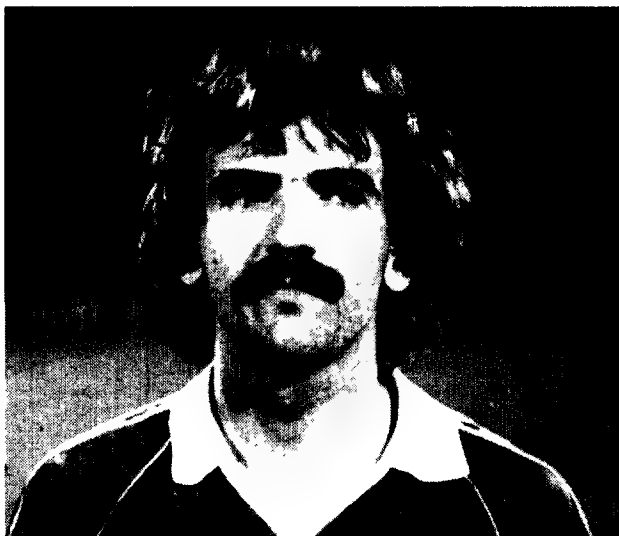
O areópago decide

Ontem, como o «DL» detalhada e previamente informara, reuniu-se na Luz uma junta médica que se debruçou sobre o caso clínico de João Alves. Pelo Benfica, estiveram presentes os seus melhores médicos: prof. Azevedo Gomes e drs. Vieira da Fonseca, Zacarias Tomé, Levy Aires e Amílcar Miranda (este vindo expressamente de Torres Vedras com o táxi a contar durante horas para poder regressar ao seu labor no hospital torreense). Alves, por seu turno, solicitara a assistência de dois especialistas de sua inteira confiança: o prof. Edgar Tamegão (antigo atleta internacional e recordista português de atletismo, que por um triz não foi indicado para uma representação olímpica) e dr. Camacho Vieira (médico da selecção portuguesa de futebol e do Belenenses).

Durante largo tempo, os sete médicos viram análises, relatórios e radiografias. Por fim, o veredicto, bem ponderado e bem elucidativo da razão do jogador: Alves está afectado por uma lesão neuro-muscular e vai para o Porto submeter-se aos cuidados clínicos do prof. Edgar Tamegão, que orientará todo o processo de recuperação do atleta. **A situação é de comum acordo** — lê-se no comunicado do Departamento Médico do Benfica, lido aos 15 homens da Informação no termo da reunião. Alves já hoje receberá do Benfica **gula de marcha** para a capital nortenha, onde a sua lesão foi (afinal) diagnosticada certamente.

História e crise

E vale a pena recordar que a lesão do futebolista nasceu ou despontou do jogo do Benfica em Espinho, no termo da época transacta: dores e queixas não comoviam **toda a gente**, an-



Censuras injustas não podem «disfarçar-se com beljos e abraços»

dando logo pelo ar a suspeita de que aquilo era uma tentativa de Alves para disfarçar o menor rendimento em alguns jogos. Os médicos do Benfica iam preceituando alguns tratamentos, mas o artista não melhorava: e, para cúmulo, até uma electromiografia feita pelo dr. Baptista Coelho, a pedido dos colegas benfiquistas, nada revelou na perna direita de Alves.

Talvez porque o seu mal mora na coluna vertebral.

Siga o baile

O tempo foi passando: Alves na dança do entra e sai. Fora do «team» do Benfica em todas as vezes que (curiosamente) os colegas terminavam derrotados (com a Hungria, com o Sporting, com o Amora), tirado do bloco nas Antas ainda havia empate a zero, já se apontava a dedo o futebolista como quase um motivo para os desaires benfiquistas. **Ele não quer jogar e a gente perde!** — diziam, bem às claras, alguns elementos do clube da Luz, que, a esta hora, devem estar com uma «cabeça» **deste tamanho...**

Na 4.ª feira da última semana, primeira junta médica, a pedido firme de João Alves. **Não era preciso**, comentou um dos ilustres clínicos benfiquistas, **pois Alves está apto a jogar quando o técnico pretender**. Infelizmente, **era mesmo precisa** uma junta médica para se descobrir qual a origem da lesão de que Alves se queixava. Nova electromiografia (desta feita a cargo do prof. Edgar Tamegão), um exame de raios X (com a responsabilidade do dr. Adolfo Pinto Leite) e a verdade saltitante: Alves sofre de uma lesão neuro-muscular que, da coluna, afecta continuamente a perna direita. No «DL» de ontem já tínhamos adiantado essa resolução, fruto (lógico) de estarmos da posse de elementos mais que seguros em relação ao diagnóstico correcto e exacto.

Agora, resta esperar: e confiar. Alves perdeu muito dinheiro com esta lesão (consultas, radiografias, exames de raios X, electromiografia, deslocação ao Porto, viagem do prof. Edgar Tamegão a Lisboa) e nem sequer, ontem, embolsou os prémios a que tem direito por contrato, uma vez que contraiu a lesão ao serviço do Benfica. Não foi um gesto gratuito: Alves recusou esse dinheiro porque durante largo tempo sentiu em seu redor um tal clima de desconfiança que, no seu próprio entender, **foi uma vergonha de todo o tamanho e não pode, neste momento, ser disfarçada com beljos e abraços**.

Claro: porque um homem sente. As dores e os carinhos. Alves é, quer queiram ou não os seus detractores, alguma coisa mais que um simples jogador de futebol que alegra a multidão.

Neves de Sousa

Real Madrid contra Federação espanhola

O mais prestigiado clube espanhol de futebol, o Real Madrid, ameaçou deixar a Federação de Futebol, e isto a alguns meses do «mundial». Esta ameaça, formulada pelo sucessor de Santiago Barnabeu na direcção do clube madrilenho (Luís de Carlos), aparece na 1.ª página de todos os diários desportivos espanhóis a cólera do clube «merengue», seis vezes vencedor da «Taça dos Campeões Europeus», segue-se às declarações do presidente do Sevilla (Montes Cabeza) acusando o árbitro do encontro do campeonato Sevilla-Real Madrid (0-0), disputado no fim-de-semana passado, de não ter assinalado dois «penalties» a favor do clube andaluz e de ter assim favorecido os madrilenos. Para Luís de Carlos, a ausência de reacções e de sanções da federação, depois das declarações do presidente do Sevilla, é intolerável. Deste modo, o Real Madrid pediu ao seu representante no seio da federação (Paumero, vice-presidente encarregado dos assuntos económicos), que cessasse imediatamente as suas funções.

As ameaças do Real Madrid de se retirar da federação não devem contudo ser tomadas à letra, consideram os observadores, porque isso implicaria um abandono imediato das competições nacionais, o que parece impensável. Mas, depois das declarações de Luís de Carlos, o projecto de criação de uma liga profissional completamente independente da federação, defendido pelo Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE), o principal partido da oposição, parece cada vez mais verosímil num futuro próximo.

Campeonato espanhol

Resultados da 4.ª jornada do campeonato espanhol de futebol da 1.ª Divisão ontem disputada: Espanhol - Valladolid, 3-1; Osasuna - Valência, 2-1; Saragoça - Atlético de Bilbao, 1-0; Real Madrid - Hércules, 2-1; Bétis - Sevilla, 2-0; Cadiz - Atlético de Madrid, 1-0; Gijón - Santander, 2-0; Castellón - Barcelona, 1-6; Las Palmas - Real Sociedad, 0-0; Classificação: 1.º Real Sociedad, Saragoça e Osasuna, 7 pontos; 4.º Barcelona, 6; 5.º Real Madrid, 5; 6.º Atlético de Madrid, Gijón, Las Palmas, Hércules, Santander, Valladolid e Cadiz, 4; 13.º Valência e Espanhol, 3; 15.º Bétis e Atlético de Bilbao, 2; 17.º Sevilla e Castellón, 1.

Best em declínio

George Best perdeu as hipóteses de representar a Irlanda do Norte no jogo do dia 14 com a Escócia, nas eliminatórias do «Mundial», mostrando-se fora de forma. Best (35 anos) teve uma actuação desastrosa no jogo que a sua equipa da liga norte-americana (San José Earthquakes) disputou em Windsor Park com a equipa norte-irlandesa do Linfield, e que terminou empatado a um golo. A antiga vedeta do Manchester

United não correspondeu à expectativa do seleccionado Billy Bingham, que o incluiu no lote dos 22 jogadores para o encontro com a Escócia, vital para as aspirações norte-irlandesas de qualificação para a fase final do Mundial-82, em Espanha. Best raramente disputou a bola e pareceu lesionado na perna esquerda.

Vim a Inglaterra para me divertir um pouco com a minha equipa, depois de terminada a época nos Estados Unidos, e para publicar a minha autobiografia — disse Best.

Best já jogou 37 vezes pela selecção da Irlanda do Norte, a última das quais em 1978.

Taça da Liga inglesa

Resultados dos jogos da 1.ª «mão» da 2.ª eliminatória da «Taça da Liga Inglesa» ontem disputados: Aston Villa - Wolverhampton, 3-2; Blackburn - Sheffield Wednesday, 1-1; Bradford - Mansfield, 3-4; Derby - West Ham, 2-3; Leeds - Ipswich, 0-1; Lincoln - Notts County, 1-1; Liverpool - Exeter, 5-0; Manchester City - Stoke, 2-0; Newcastle - Fulham, 1-2; Norwich - Charlton, 1-0; Sunderland - Rotherham, 2-0; Tottenham - Manchester United, 1-0.

URSS comanda

A União Soviética derrotou a Turquia por 3-0, em jogo do grupo 3 europeu de qualificação para o mundial, disputado em Esmirna. A classificação do grupo ficou ordenada do seguinte modo:

	J	V	E	D	G	P
União Soviética	5	4	1	1	14	9
Checoslováquia	6	4	1	1	14	39
País de Gales	6	4	1	1	10	29
Islândia	7	2	1	4	8	19
Turquia	8	—	8	1	22	0

Campeonato da Bélgica

Resultados do campeonato da Bélgica, 8.ª jornada: Standard - Courtrai, 3-0; Anderlecht - Lokeren, 3-2; Tongres - Wintereslag, 1-0; Beveren - Gantoise, 0-0; Waregem - RWD Molenbeek, 1-0; Malines - FC Liège, 0-0; Antuérpia - FC Bruges, 3-0; Cercle Bruges - Beringen, 3-2; Waterschei - Liège, 0-0. Classificação geral: 1.º Anderlecht, 13 pontos; 2.º Gantoise, 11 (menos um jogo); 3.º Standard, 11; 4.º FC Liège, Lierse e Antuérpia, 10.

Oester Campeão

O Oester tornou-se campeão de futebol da Suécia pela 2.ª vez consecutiva, apesar de derrotado ontem no seu campo pelo Hammarby (1-3) na última jornada. Resultados da ronda decisiva: Aik Estocolmo - Halmstad, 0-1; Brage - Djurgarden, 2-4; Elfsborg - Norrköping, 3-2; IFK Sundsvall - IFK Göteborg, 0-5; Atvidaberg - Malmö, 3-2; Örgryte - Kalmar, 1-0; Oester - Hammarby, 1-3; Classificação final: 1.º Oester, 40 pontos; 2.º Göteborg, 36; 3.º Norrköping, 32; 4.º Brage, 30; 5.º Malmö e Örgryte, 27; 7.º Hammarby, 25; 8.º Aik Estocolmo e Halmstad, 24; 10.º Atvidaberg e Elfsborg, 22; 12.º Kalmar, 21; 13.º IFK Sundsvall, 18; 14.º Djurgarden, 16.

MICROSCÓPIO

«O independente» do Barreiro

Até 17 do corrente, o Grupo Desportivo «O Independente» (Barreiro) comemora o seu 21.º aniversário, com um programa que inclui hoje torneio de damas e xadrez; amanhã, ténis de mesa; sábado, futebol de salão. A velha guarda futebolística estará em acção no dia 17, quando um baile e entregas de prémios encerrarão os festejos.

Pedalada lisboeta

Os campeonatos regionais de pista organizados pela Associação de Ciclismo do Sul estão marcados para 10 e 11 do corrente, na Pista Túlio Pereira (Malveira).

Promoções

A Espanha ascendeu à 1.ª Divisão da «Taça Davis», ao derrotar a Hungria por 3-2 em encontro disputado em Viernas, norte de Espanha. Na partida decisiva do confronto, o espanhol Fernando Luna derrotou o húngaro Robert Machan, com os parciais de 3-6, 10-8, 6-0 e 6-2.

Bóolidos têm calendário

O Comité Executivo da Federação Internacional do Desporto Automóvel (FISA), reunido em Paris, comunicou o calendário dos «Grandes prémios» da fórmula Um, para a estação de 1982, que é o seguinte: 23 Fevereiro: Grande Prémio da África do Sul (em Kyalami); 7 de Março: Grande Prémio da Argentina (Buenos Aires); 21 de Março: Grande Prémio do Brasil (Rio de Janeiro); 4 de Abril: Grande Prémio dos Estados Unidos Oeste (Long Beach); 25 Abril: Grande Prémio de San Marino (Imola); 9 de Maio: Grande Prémio da Bélgica (Zolder); 23 de Maio: Grande Prémio de Mônaco; 6 de Junho: Grande Prémio dos Estados Unidos (Detroit); 13 de Junho: Grande Prémio do Canadá (Montreal); 18 de Julho: Grande Prémio da Grã-Bretanha (Brands Hatch); 25 de Julho: Grande Prémio de França (Circuito Paul Ricard); 8 de Agosto: Grande Prémio da Alemanha (Hockenheim); 22 de Agosto: Grande Prémio da Espanha (Dijon); 29 de Agosto: Grande Prémio da Holanda

(Zandwort); 12 de Setembro: Grande Prémio de Itália (Monza); 16 de Outubro: Grande Prémio dos Estados Unidos (Las Vegas). Grandes Prémios em reserva: Austrália e Austrália.

Troféu UCAL

O Kart Clube de Lisboa vai realizar, no próximo fim-de-semana, no Autódromo do Estoril, o II Troféu UCAL, última prova de velocidade incluída no calendário desportivo nacional de karting. O II Troféu UCAL vai pontuar para as categorias Inter A (100 cc), Inter C (125 cc), Categoria Branca (125 cc) e Categoria Verde (100 cc) alinhando estas últimas no sábado. No domingo, estarão em pista as duas categorias internacionais.

Em qualquer dos dias, a parte da manhã será ocupada com a realização de treinos livres, verificações técnicas e treinos cronometrados oficiais, começando as corridas (três manches por categoria) às 14 horas.

«Estoril-Sol»

Vai realizar-se no próximo sábado (de manhã e de tarde) o

«Prémio Estoril-Sol em Automóveis Antigos», competição organizada pelo Clube Português de Automóveis Antigos com o patrocínio do Casino Estoril e da Junta de Turismo da Costa do Estoril. Pelas 9 horas, defronte do Casino Estoril, será dada partida para uma prova de estrada que terá o percurso seguinte: Estoril, Cascais, Malveira da Serra, Sintra, Cacém (almoço) e Estoril. Da parte da tarde, com início pelas 15 horas, será disputada, nos arruamentos do Parque do Casino Estoril, uma prova complementar de pericia.

A competição destina-se exclusivamente a automóveis e motocicletas antigos, contando-se com a presença de algumas dezenas de concorrentes. Está já assegurada a presença dos seguintes tipos de automóveis: pioneiros — automóveis fabricados até 1904; veteranos — fabricados entre 1905 e 1918; vintage — entre 1931 e 1945; contemporâneos — fabricados entre 1945 e 1958.

A noite, haverá um jantar de distribuição de prémios no Casino Estoril.

Inácio de Almeida: Castigo, pois claro

Não poderia haver outra solução, tão gritante foi o erro cometido pelo árbitro Inácio de Almeida quando, no Benfica-Sporting para o campeonato da última época, invalidou aos «leões» um golo claríssimo obtido por Jordão: ao fim de um moroso processo, o Conselho de Arbitragem sempre se resolveu a castigar o juiz setubalense com a pena de 60 dias de suspensão (penalidade já cumprida) ao mesmo tempo que é afastado de equipas de arbitragem do quadro nacional o juiz de linha José Duarte.

Mas, fica no ar a questão: quem indemniza o Sporting dos prejuízos sofridos com a homologação de um resultado desvirtuado?

DESPORTO

Em noite de inauguração da relva

Chaves: explosão no estádio provoca 50 feridos

O jogo efectuado ontem à noite, no Estádio Municipal de Chaves, entre as equipas de futebol do Desportivo local e do FC do Porto, terminou intempestivamente e quase numa tragédia que poderia ser de graves consequências para centenas de pessoas devido ao pânico gerado na sequência de um curto-circuito, que produziu um enorme estrondo e deixou o recinto às escuras.

O acidente ocorreu pouco depois das 23 horas, a uns 15 minutos do termo da partida, altura em que o FC do Porto venceu por 6-0. Segundo nos disse esta manhã um responsável dos Serviços de Urgência do Hospital de Chaves, foram ali socorridas cerca de 50 pessoas, mas todas recolheram a suas casas, após os tratamentos necessários, com excepção de um dos feridos, que foi transferido para o Hospital de Santo António (no Porto), com fracturas, nomeadamente num braço. Mas é um caso que também não inspira especiais cuidados. A transferência deste doente (disse-nos ainda o Serviço de Urgência), foi motivada pelo facto de não haver possibilidades de tratamento no Hospital de Chaves, devido à falta de serviço de ortopedia.

Embora só umas 50 pessoas tenham tido necessidade de passar pelo hospital, o acidente poderia ter consequências imprevisíveis, como nos disse, igualmente esta manhã, um graduado da PSP de Chaves que esteve de serviço no estádio e que foi testemunha do acidente. Na verdade, estavam no recinto milhares de espectadores e o pânico foi de tal ordem (sobretudo na bancada superior onde passava a instalação eléctrica) que só por sorte não há a lamentar um maior número de feridos e ferimentos mais graves. Inclusivamente (segundo uma outra fonte) naquelas circunstâncias

de susto e de fuga desordenada, muita gente podia mesmo ter morrido.

Segundo o mesmo graduado da PSP de Chaves, o estrondo na instalação eléctrica, em consequência de curto-circuito ocorrido nos quadros que se encontram debaixo da bancada, ficou a dever-se ao facto de algumas pessoas terem pisado o cabo provisório que passa num muro junto da bancada. Aquela instalação, motivada pelo facto de ali se proceder a obras, não estava devidamente protegida: o que é considerado um comportamento menos cauteloso por parte de quem é responsável pela instalação. De facto, houve pessoas que subiram para o muro (como é habitual em muitos recintos de futebol) e havia que prevenir acidentes, no dizer de testemunhas. Na altura do estrondo, que rebentou com a instalação eléctrica, as pessoas que estavam na bancada precipitaram-se para o recinto do jogo pensando (provavelmente), que se tratava de um tremor de terra. Na fuga e na confusão a caminho do relvado os espectadores empurraram-se e atropelaram-se desordenadamente, gerando-se um verdadeiro pandemónio, agravado pela falta de luz e pelo facto de ninguém saber concretamente o que se estava a passar.

Tudo ocorreu em escassos minutos, não sendo fácil acalmar as pessoas ou impedir a onda de pânico que na altura se gerou. Os próprios jogadores fugiram do campo, saindo para o exterior das instalações desportivas (disse-nos ainda a PSP, de Chaves, que acrescentou terem ficado no local peças de roupa, óculos, carteiras, sapatos e muitos outros objectos de que não era possível dar conta naquela situação). Os feridos foram transportados em ambulâncias (rapidamente solicitadas) e em

carros particulares até ao Hospital da cidade. Entretanto, a PSP avisara os serviços de Urgência, pelo que ali acorreram médicos e pessoal de enfermagem para reforço dos quadros naquele momento de serviço.

A maior parte dos feridos registava apenas ligeiras escoriações. De noite e durante a manhã de hoje foram recolhendo a suas casas. Para além do susto e da tragédia que esteve iminente, há que salientar que a vedação que separa o público do relvado ficou fortemente danificada, caindo grande parte dela no recinto. As pessoas correram para o relvado porque, apavoradas, não tinham mais perto outra zona livre para se refugiarem. As portas do estádio são grandes mas o acesso não é assim muito fácil, acrescentaram à nossa reportagem na PSP de Chaves. As autoridades locais procedem a diligências com vista a apurar as circunstâncias em que o desastre ocorreu.

A propósito: tratava-se da inauguração de vários melhoramentos no Estádio Municipal de Chaves, entre os quais o arrelvamento do terreno de jogo. Estavam presentes as mais altas entidades distritais e concelhias, fora prestada homenagem póstuma a Pavão (que era natural de Chaves) e até de Espanha tinham vindo excursões de entusiastas pelo futebol, interessados no espectáculo que seria rubricado pelos jogadores do FC do Porto.

Nova Académica

A Associação Académica de Coimbra apresentou ontem, ao público a sua equipa de futebol, que este ano regressa às competições oficiais. A cerimónia decorreu no Estádio Municipal durante um encontro particular com o Clube Académico, a que assistiu o reitor da Universidade,

prof. dr. Ferrer Correia e muitas dezenas de antigos estudantes e ex-atletas. A Académica, que esteve afastada do futebol desde 1974, inicia no dia 18 a disputa da série E do Distrital de Coimbra, da III Divisão. Tem como titulares, Pacheco, Armindo, Chico, Lemos e Daniel, Espírito Santo, Vítor Manuel, Futre e Quartilho, Costa Pereira e Rafael.

Israel em mau

Em Telavive onde, no dia 28, a selecção portuguesa vai disputar uma partida fundamental para as suas pretensões à qualificação para o Mundial-82, em Espanha, a equipa alemã ocidental do Eintracht Frankfurt, em jogo-treino derrotou o seleccionado israelita, por 3-0.

Teixeirinha desejado

Teixeirinha, que o Porto emprestou durante uma época ao Vitória de Setúbal e na volta às Antas não tem sido escolhido por Stessl para o grupo principal, é pretendido pelos sadinos, que lhe oferecem o vencimento mensal de 175 contos.

A lesão de Alberto

Alberto que regressa hoje de Paris, onde foi submetido a exames, deverá ser sujeito a nova intervenção cirúrgica à perna lesionada. Essa operação está marcada, em princípio, para o dia 5 de Novembro.

Particular

O Amora derrotou ontem o Farense, por 3-1, num encontro particular de futebol disputado no Estádio S. Luís, em Faro. Ao intervalo, o Amora venceu por 2-1, com dois golos de Caio Cambalhota, aos 23 e 28 minutos. O Farense reduziu (por Skoda aos 40 minutos) mas José Rafael, (76 minutos) fixou o resultado final.

Atenção, alcantarenses

No próximo domingo, o jogo Atlético-Cacém é considerado sob o genérico «Dia do Clube»

para os associados alcantarenses, que, para presenciarem o espectáculo, terão de munir-se de bilhete especial.

S. Mamede apresenta-se

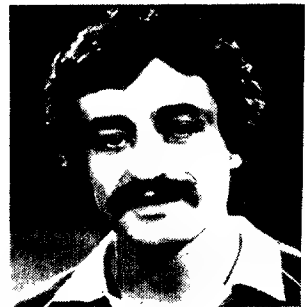
«Os Águias de S. Mamede» vão efectuar a apresentação da sua equipa de futebol, no próximo sábado, pelas 11 horas da manhã, em encontro que efectuará com a SIF, no Campo Domingos Sávio, aos Prazeres. «Os Águias» contam este ano com os seguintes jogadores: Guarda-redes: José M. Alcântara, Vítor Lopo; Defesas: M. Fernandes, Luís Filipe, Samuel, Veigas, Malta, Ataíde, C. Alberto; Médios: Avelino, Álvaro, António Aguiar, Horácio, Aníbal Domingos, V. Correia; Avançados: Raul, Amaro, Rebelo, Hélder, Antunes. Para completar o seu «plantel», vão ser efectuadas mais duas aquisições.

Segurança

O Ministério Espanhol do Interior tem previsto para o «mundial» de futebol um plano de segurança em que estarão envolvidos mais de 30 mil polícias, dispositivo jamais conhecido na história do país. O programa de segurança compreende o reforço de policiamento das zonas directamente afectas às competições, que contarão com uma direcção local e uma supervisão e coordenação centralizadas. No policiamento participarão 3500 elementos do Corpo Superior de Polícia, 20 180 elementos da polícia Nacional e 5952 guardas civis, a que se juntarão outros milhares de efectivos da Polícia anti-Terrorista se a sua intervenção for necessária.

Concurso fotográfico

Uma empresa espanhola vai efectuar um certame fotográfico, para premiar a melhor foto de interesse desportivo e humano do próximo mundial-82 de futebol.



Oliveira continua de fora

Oliveira: não, amigos, não, Juca ainda não se resolveu a convocar o melhor centro-campista em actividade para o grupo «de todos nós» que vai confrontar-se com a Suécia, quarta-feira próxima. O tal jogo que somos mesmo obrigados a vencer: com golos, claro...

Mas, na bancada de Alvalade, ao fim da tarde de hoje (18 e 30), Oliveira estará a ver o treino do conjunto escolhido pelo seleccionador perante o seu clube. Certamente ficará com a ideia de descer ao relvado e ir fazer uma perminha. Será que Juca vai autorizar a que joguemos com o melhor «plantel» possível um encontro em que está em jogo o futuro do futebol português?

Borg: defender prestígio

Bjorn Borg não defenderá o seu título em Janeiro próximo, em Nova Iorque, no «Masters», prova que reúne todos os anos os oito primeiros jogadores do «Grande Prémio», isto foi o que anunciou o campeão sueco numa entrevista publicada pelo jornal desportivo francês «L'Equipe».

«Não jogarei o «Masters». Jogo dois torneios até Dezembro e nada do princípio de Dezembro a Abril. Para jogar o «Masters» é preciso começar a treinar no princípio de Dezembro. Quero interromper um pouco e não irei ao «Masters» mesmo que seja classificado», declarou Borg. Esta decisão de renunciar ao «Masters», verifica-se depois das suas derrotas na final dos torneios de Wimbledon e «Flushing Meadows». Borg tinha ganho o «Masters» em 1979 e em 1980 e começara a competição no torneio de Monte Carlo.

Agredir custa caro

Realizou-se no 7.º Juízo Correccional de Lisboa o julgamento do jogador Fernando Gomes Feijão do União Desportivo Clube (do Casal Ventoso) acusado de no dia 26 de Fevereiro, findo ter agredido a soco, na cara, o árbitro lisboeta Carlos Alberto Jesus Mártires, num jogo que aquele clube disputou com uma colectividade do bairro, para o Torneio de Qualificação de Seniores. O juiz condenou o réu em 25 dias de prisão e 4 dias de multa, substituídos pelo pagamento de 1160\$00, além de 3500\$00 de indemnização ao ofendido e da importância de 2300\$00 para custas do processo.

Basquetebol: Sangalhos derrotado

O clube OAR, da Corunha (Espanha) venceu o Sangalhos por 108/72 (49/33) em encontro de 1.ª mão da volta preliminar da «Taça Korac», de basquetebol.

Pelo Sangalhos alinharam e marcaram: Bill (29), Rebelo (4), Leon Neal (29), Aniceto (10), Araújo, José Manuel, Agapito, José Carlos Moreira e Luís Nova. O jogo da 2.ª «mão» (que será directamente transmitido pela RTP) realiza-se na próxima 3.ª feira, pelas 18 e 45, em Sangalhos.

CIF em acção

O CIF joga hoje (perto de Londres) o encontro da 1.ª «mão» da eliminatória n.º 1 da Taça dos Campeões Europeus Femininos, tendo como opositor o Southgate College, em partida que decorrerá no Picketts Lock Sports Centre, (Edmonton), a partir das 20 e 30 horas locais. O treinador Vítor Hugo conta para esta partida com as seguintes jogadoras: Isabel Ribeiro dos Santos, Gabriela Amaral, Maria Jorge Lota, Manuela Santos,

Margarida Freitas, Eurídice Fonseca, Antonieta Fonseca, Marina Novikoff, Isabel Coelho, Isabel Pratas Santos, Bernardett MacDonald, Cristina Silva e Teresa Ribeiro dos Santos.

Figueirense brilha

Em jogo que serviu de preparação para ambas as equipas, o Ginásio Figueirense venceu o Académico de Coimbra por 82-59. Neste encontro, que decorreu, no ginário do Liceu da Figueira da Foz, actuaram os jogadores americanos (Dibane, do Ginásio e Larry, do Académico)

assim vai o TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ORGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 8 DE 11 OUTUBRO 1981

Rádio Totobola, 1XX 2X1 11X 12X1; Correio de Coimbra, 111 1X2 2X2 1111; Correio do Vouga, 111 1X1 12X 1111; Diário de Lisboa, 111 112 222 XX21; Ecos do Cacia, 111 1X2 2X2 1111; Eu Sei Tudo, 111 1X2 111 1111; Folha de Domingo, 111 11X 1XX 2111; O Jornal de Felgueiras, XX1 11X 111 1111; O Jornal da Lixa, 111 1X2 11X 1111; Jornal de Santo Tirso, 111

1XX 1XX 1111; A Voz do Domingo-Coluna Desportiva, 111 11X 1X2 21X1; Grafanola Ideal, 111 2X1 XX1 2X11; A Voz do Domingo-Palpitações, 111 112 11X 2111; A Comarca de Arganil, 11X 112 1X1 1111; Club do Ar, 111 122 111 1111; Diário de Coimbra, 111 1XX 11X 1111; Diário do Porto, 111 1X2 112 11X1; Jornal «O Distrito de Portalegre», 111 11X 1X1 1111; Gazeta das Caldas, 11X 1X1 XXX 1111; Jornal da Beira, 111 112 XX2 1111; O Norte Desportivo, 11X 11X 21X 1111; Notícias de Chaves, 1X1 112 1X2 1X11; Notícias do Douro, 11X 1X2 11X 21X2; Notícias de Felgueiras, 1X1 1X1 1X1 1111; Reconquista de Castelo Branco, 111 112 XXX 2111; Ritmo e Amizade, 111 11X

11X 1111; Alvo Desportivo, XX1 1X2 2X2 1X11; O Comércio de Leixões, 111 1X2 2X1 1111; Estúdio 64, 111 1X1 12X 1121; Jornal de Gaia, 111 XXX 221 1111; Jornal da Graça, 11X 1X1 2X1 1111; Jornal de Notícias, 11X 1X2 1XX 11XX; Manchete Desportiva, 11X 112 1X2 1111; Penalti, 111 1XXX 21X 1111; O Primeiro de Janeiro, 11X 122 2X2 1X11; Quadrante Norte, 111 112 XX2 2X11; Rádio Alvo, 111 111 11X 1111; Rádio Placard, 1X1 12X XX2 21X1; Rádio Sports, 11X 222 111 1111; Repórter do Dia, 111 112 122 111X; Resenha Desportiva, 2X1 112 11X 1111; A Voz dos Ridículos, 111 111 1X1 11X1; A Voz do Ave, 111 11X 1X1 1X12.

	R	E	S	U	M	O	B	O	L	A	S
	1	X	2				1	X	2	a)	
1. GIL VICENTE - FAFE	38	11	1				9	2	1		
2. LEIXÕES - SALGUEIROS	45	5	0				11	1	1		
3. AMARANTE - CHAVES	35	15	0				8	4	1		
4. PORTALEGRENSE - OLIVEIRENSE	38	9	3				9	2	1		
5. B. C. BRANCO - U. COIMBRA	28	15	7				7	4	1		
6. CARTAXO - BEIRA-MAR	7	14	29				1	4	7		
7. GUARDA - O. DO BAIRRO	24	19	7				6	5	1		
8. PENICHE - NAZARENOS	21	17	12				5	4	3		
9. AMADORA - JUVENTUDE	12	25	13				3	6	3		
10. C. PIEDADE - NACIONAL	29	12	9				7	3	2		
11. BARREIRENSE - V. DA GAMA	44	2	4				10	1	1		
12. LUSITANO - MONTIJO	33	13	4				8	3	1		
13. SACAVENENSE - U. MADEIRA	45	4	1				10	1	1		

a) - Nos termos do Artº 14º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data de concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades de presente mapa.

A "CHAVE" LÓGICA SERÁ:
111 112 11X 1111



Um aspecto da Torre de Belém

Exposição Europeia de Arte,

Ciência e Cultura

A XVII avança

Os trabalhos de preparação para a XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura que se realizará em Lisboa em 1983, sob os auspícios do Conselho da Europa, continuam em ritmo acelerado.

No Comissariado, a funcionar no edifício da Presidência do Conselho de Ministros, foram hoje assinados diversos contratos relativos a obras de beneficiação e estudos prévios.

Pedro Canavarro, comissário geral, assinou pela parte do Estado seis contratos que vão permitir ao arquitecto Formosinho Sanchez, responsável pelo sector de preparação e montagem da exposição «Os Descobrimentos Portugueses e a Europa do Renascimento», executar obras diversas nos cinco núcleos da XVII.

Formosinho Sanchez referiu o que irá acontecer:

Na Madre de Deus, as obras de beneficiação passam, no primeiro edifício, pelo arranjo total dos telhados, envidraçamento do claustro e reboco e pintura geral do edifício, enquanto a Torre de Belém sofrerá obras de

impermeabilização do Terraço e colocação de caixilharias estanques nas vigias a fim de evitar a entrada das águas do Tejo em dias de borrasca.

O comissário técnico Formosinho Sanchez referiu ainda a importância dos restantes contratos, com as equipas de coordenação e projectistas, para concretização de «Estudos Prévios» que vão permitir a definição concreta da realização e montagem da grande exposição Europeia — Os Descobrimentos Portugueses e a Europa do Renascimento.

Estes estudos abrangem a Casa dos Bicos, o Museu Nacional de Arte Antiga, o Mosteiro dos Jerónimos e a Torre de Belém, encontrando-se agora, segundo Formosinho Sanchez, apenas o estudo prévio da Madre de Deus depende de uma posição concreta da Fundação Calouste Gulbenkian.

No princípio da próxima semana, o Comissário Geral Pedro Canavarro parte para a Europa a fim de contactar diversas instituições culturais

«MOLLY BLOOM», de James Joyce. Tradução: Jaime Salazar Sampaio e Luísa Gaiolas. Encenação: Carlos Quevedo. Cenografia: Júlio Pomar. Música: Constança Capdeville. Interpretação e Produção: Graça Lobo. Companhia de Teatro de Lisboa. Estreia: Teatro São Luís. 1-10-1981.

Molly Bloom é, como texto, uma prova de actriz. Por exemplo, no Conservatório de Paris, no curso de Pierre Débauche que fazia interpretar a personagem por três alunas. Convém tentar ver de perto para saber as razões que levam a optar por este texto. Para isso teremos que procurar a obra a que o monólogo pertence (e que conclui) para melhor entendermos o que se quer dizer. Não vou lembrar ao leitor, e muito menos revelar-lhe, por que é o «Ulisses» uma obra fundamental da ficção do século XX, aquela que marca em definitivo a ruptura do romance do século XIX, abrindo e inaugurando os novos caminhos do romance do nosso tempo.

«Ulisses», como o nome o diz, parte do poema de Homero de que Joyce reinventa a face grotesca. (Porém, Joyce não foi apenas a Homero; a sua obra tem múltiplas fontes como o explica Jean Paris no seu livro sobre o escritor).

Interessa sobretudo fixar que o romance implica o estilização da matéria romanesca e da matéria verbal: é na escrita que a obra se realiza como ficção criadora. A escrita, a palavra, é em «Ulisses» o corpo visível onde a matéria ficcional se torna criação e, por isso, vida. Molly Bloom é, em Joyce, ao mesmo tempo Penélope, como perso-

nagem, e a Terra, como símbolo. Escreveu Joyce, citado no programa: «Penélope é o «clou» do livro. A primeira frase tem 2500 palavras. Há oito frases no episódio...» Na realidade, o monólogo de Molly Bloom é uma longa, interminável, e por vezes insuportável, passagem de palavras. É nessa ausência de pontuação, quase de respiração, nesse ritmo de um «globo terrestre» (que gira) lenta, segura e regularmente, um perpétuo turbilhão» (Joyce) que esse itinerário verbal se cumpre na sua desmesura.

Parece que dizer este monólogo exigiria quatro horas — nem pensar. Reduzi-lo a sessenta minutos parece-nos, porém, excessivo porque esse tempo não basta para que o espectador se aperceba dessa desmesura. Há portanto, um problema de dimensão, mas isso não é o mais importante. O mais importante, parece-me ser o seguinte: para exprimir não a letra mas o espírito do monólogo seria necessário respeitar, dentro dos limites possíveis, a sua respiração, quase a sua ausência de respiração, ou seja, conseguir transmitir esse longo estiramento da frase até às últimas capacidades da intérprete.

O que vemos no São Luís? Um monólogo de sessenta minutos em que a actriz exprime a face mais precária duma personagem revesteira com umas pitadas mais atrevidas do que é costume acontecer na revista, embora sem nada que justifique as gargalhadas, algo idiotas, de parte de um público de estreia (intelectual!) que, evidentemente, nunca tinha lido Joyce.

A dimensão simbólica, formal,



escreverei metafísica, da personagem perdeu-se «No seu corpo infinito», escreveu Jean Paris, o futuro e o passado acoplam-se, e o Sim com que termina o monólogo abre-se para a eternidade». Bem gostaria de saber onde param os instrumentos dessa mecânica complexa e subtil que movimentam este monólogo.

O que digo não tem nada a ver com a tradução, que me pareceu excelente, mas sim com a dramatização do texto e portanto com a encenação. Pomar criou um espaço semifechado, em alumínio, em que a actriz pode evoluir e criar, com a ajuda de uma boa iluminação, imagens de um belo efeito. Outros elementos do cenário exprimem, talvez, o carácter urbano do texto e o encerramento da personagem nos limites duma realidade implacável, além de levantarem suges-

tões fálicas que o texto com porta.

Este dispositivo cénico, belo e eficaz de acordo com a visão do cenógrafo e do encenador (o mesmo poderei dizer da música que tem também um toque de humor coerente com essa visão), desajuda a intérprete no que se refere à expressão da personagem nos dois planos essenciais em que se situa: o plano humano, em que Molly Bloom revela a sua extraordinária sensualidade (aqui quase inexistente), o seu perfil de mulher «perfeitamente sa, completa amorosa, sensível ao remorso desleal, sedutora, astuciosa obstinada, cautelosa, indiferente» (Joyce); o plano simbólico em que a personagem se projecta no contexto geral da obra.

Reflexo duma contensão que no entanto, não traduz a situação da personagem, entre a realidade e o sono, o trabalho de Graça Lobo fica muito aquém do que a personagem e o texto exigem. Trata-se daquilo a que se poderá chamar um trabalho em primeiro grau e por isso relativamente elementar.

Penso que «Molly Bloom» é outra coisa, uma outra coisa que pelos vistos, o encenador não conseguiu traduzir em termos teatrais suficientemente convincentes.

crônica de touros

Vinte e dois

Praça de Toiros de Sevilha. Domingo, 27 de Setembro de 1981. Touros de Nuñez Moreno de Guerra para Manolo Vasquez, Curro Romero e Rafael de Paula.

Foram, precisamente, vinte e dois. Cuidado, que não se tratou de dar vinte e dois passes, mas de ir construindo com eles uma faena, que eu diria justa, medida, rigorosa — se a justiça, a medição, o rigor, fossem coisas para ser faladas quando se toureia como toureiro Manolo Vasquez: com uma profundidade afinal possível nessa leveza grácil e inspirada, que aos cinquenta anos se não deixou contaminar pela rotina de um ofício com hora marcada, pontual, cinco da tarde.

Porque o ofício de Manolo Vasquez, nesta tarde da sua Sevilha, foi às cinco em ponto da tarde que começou, naquele luminoso passeio, e iria prolongar-se até que o do bairro de São Bernardo cruzou no regresso a arena dourada, sorrindo à ovação de despedida, partia sem levar no trajo uma mancha de sangue, uma ruga que atropelo ou brusco gesto tivesse marcado. Tourear é isso: estar na praça, sem nunca perder de vista o touro, mesmo quando pertence aos companheiros — mas estar assim, com essa sabedoria que dispensa apressado movimento, com esse garbo que a madurez acrescentou, com esse sabor que os anos foram apurando.

Noutras tardes deste seu regresso, terá Manolo Vasquez deixado fora da praça o ânimo toureiro, sem ele vem o medo descompor a figura, tão natural como a beleza é o pavor da

morte, quando próxima e negra se adivinha. Mas, nesta corrida de São Miguel, foi como se quisesse mostrar que se pode ser ao mesmo tempo maestro e toureiro de Sevilha, o toque de graça posto na profundidade, não no arabesco.

Logo no que abriu praça, que à saída tardava em acontecer, Manolo levantou no seu quite o primeiro clamor de uma tarde em que todos os olés seriam seus. E foram de maravilha os três ajudados por baixo ao começar a faena, puseram a gente em alvoroço e a banda a tocar — com essa rara e espontânea sensibilidade que têm os músicos da praça de Sevilha, recado não é preciso, o pasodoble salta quando toureiro acontece, e como por encanto se suspende, mal o diestro hesita, desconfia, se destempera. Já que a curta investida do touro não consentia obra continuada, foi essa uma faena de detalhes toureiros, cintilando por entre um trasteio sossegado e maestro, ao breve dobrar do touro se sucedeu a sustentada ovação, que o matador recolheu nos tercios. E nos médios, montera na mão, outra iria recolher, já em praça o touro quinto: chicuelinas, quando se dão assim, ajustadas e luminosas, escapam ao vilipêndio em que caíram.

E foi então, cumprindo o tercio de bandarilhas, que veio a faena, a tal dos vinte e dois passes. Não me peçam entre eles uma escolha, a preferência naquelas três em que, joelho em terra, medi do touro o investir, ou nos naturais de compasso aberto, a mão levada no pulso adormecido; ou nos outros, citando de frente, os pés juntos — se menor extensão tem de resultar dessa postura, por mais que

a cintura se dobre e o braço se alongue, o certo é que dados assim, por quem os criou, ganhavam expressão que se não fica no adorno; ou nos ajudados, dois são bastantes para que se entregue o touro à estocada, que apesar da rectidão da entrada ficou caída, por isso uma só orelha lhe iria conceder a exigência do presidente maestranter. Mas a faena estava ali, na arena de Sevilha, o touro preso ao sortilégio do engano vermelho que uma mão de toureiro levava suspenso, não agarrado, para que pudesse voar, com esse ritmo e essa pureza. Teve Manolo de dar duas voltas à arena, aos médios voltou ainda outra vez, só depois pôde recolher ao burladero de matadores, deixando na multidão o rum-rum inconfundível do gozo que se não explica nem define, apenas se vive e quer guardar.

Havia ainda, no cartaz, os nomes de Curro Romero e de Rafael de Paula. E pelos nomes se ficaram. Toureiros são, vê-se no vestir, no andar, no estar. Mas a encastada corrida de Moreno de Guerra, saiu com temperamento, de contra-estilo desses matadores de tudo ou nada; e pelo nada se ficaram os dois magníficos andaluzes. O de Jerez ainda teve um assomo de porfia no sexto, mas por reservado havia que consenti-lo, usar de técnica e poderio que Paula não tem, e para a quadrilha foi o aplauso: ao picador Pepillo, que citou e apontou a garrocha com valor e estilo, rara se tornou essa estampa do homem obrigado a tirar o «castoreño», com ele erguido saudar a ovação com que toda a praça o despede; e ovação grande também ouvira esse grande peão que continua a ser Andrés Luque Gago, emocio-

SOLILÓQUIO

nante fora aquela maneira de reduzir o touro, que ao capote de Paula resistia, e ao seu ficou prendido, nele quebrou a áspere renúncia, tornou maestro um toureiro que subalterno não merece ser chamado.

E já que de merecimento se fala, não senti Curro Romero precisão de justificar o que toda a Sevilha lhe apregoa: porque o farol de Camas continua a resistir impávido aos sucessivos fracassos. É espantoso, chega a ser emocionante, assistir à chegada de Curro à Maestranza, sentir a esperança posta na sua figura, ouvir essa ovação que, ainda na rua, estala mal se apeia do automóvel, a custo caminha no meio dela, e dos abraços, e dos ramos de alecrim, do «romero» que no perfume evoca o toureiro, e das vozes que o animam, que mesmo nessa hora de medo lhe fazem sorrir a palidez. «Curro hay que verlo que te queremos!», «Curro, eres más grande que Nova York!». Maior que Nova Iorque, e depois, na arena, nada, rigorosamente nada. Desta vez, como havia o pretexto de estar fresca, na carne e na memória, a cornada grave de Almería, nem ao menos uma meia verónica, uma só: toda a coragem se tinha gasto, fechara a ferida, no reaparecer em Madrid, no enfrentar duas broncas graúdas na capital do reino, a fazer boca para as que havia de levar na sua Sevilha, mais grossa a do quinto da tarde, da faena que não teve vinte e dois passes, teve seis, e estão a imaginar como foram.

Mas habituado está o Curro à música do vento; e as broncas não dão cornadas, não de ser perdoadas, esquecidas, o medo irá um dia, não se sabe quando, fazer-se maravilha.

EXTERNATO SULENSE

UM ENSINO DIFERENTE

INSCRIÇÕES ABERTAS

MANHÃ — TARDE — NOITE

- PREPARATÓRIO
- UNIFICADO E GERAL
- 12.º ANO (VIA ENS)
- COMPLEMENTAR
- ADM. E COMÉRCIO (Geral e Complementar)
- AD HOC

AV. ALMIRANTE REIS 188 (Metro Alameda)
Telefones: 802244-804858

estudio 444

5ª SEMANA

quarteto

um "best-seller" de Jeanne Cordelier
baseado na sua própria experiência

MIOU-MIOU
MARIA SCHNEIDER



corpo e prazer,
entrega e ilusão,
sorrisos sem vida.

um filme de
DANIEL DUVAL
la dérobade

CRÔNICA DA MAIS VELHA
PROFISSÃO DO MUNDO

INTERDITO A MENORES DE 18 ANOS

sacil

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

A grandeza ... burocrática

A montanha pariu um rato. Para não se queimar mais tempo, estou a referir-me à autodesignada (como sói dizer-se) «Grande Reportagem», com o «Dossier Timor».

Com as calças do meu avô, também eu sou homem. Aqui d'el-rei, que a burocracia está minando a aventura! Recortam-se películas na filмотeca da TV, ouvem-se alguns folclóricos, gravam-se algumas palavras responsáveis (embora não identificadas) bordam-se (ou bordejam-se) umas considerações, diz-se o que outros disseram (ou terão dito) e pronto: chama-se a isto «reportagem» e, como se não fosse o bastante, ainda lhe chamam «grande»!

Escusado será dizer que se frustrou a expectativa da audiência. A semelhança do que fazem os franceses algumas amostras tivemos nós (a cocaína na Bolívia, a máfia em Bolonha a própria situação em Timor) esperava todo o mundo que o «gabinete de projecteis, perdão! de Projectos Especiais nos desse uma visão viva, actual, dinâmica, não no laboratório, mas na própria realidade. O que se fez, todos puderam ver: aquela coisa frouxa por dentro e épica por fora. Esquecendo-se que não é por brilhar muito que os diamantes provam que são verdadeiros.

Houve a pretensão (ridícula) de fazer História. Mesmo aí, com uma base falseada: olvidando-se a responsabilidade do fascismo na degradação da sociedade timorense, por um lado, e os transe da indefinição do poder que o nosso país atravessou após 1974, como é normal em tais circunstâncias. Que a In-

donésia, com as costas quentes nos Estados Unidos e na NATO (aquela cena do Pinheiro de Azevedo e um coronel alemão da NATO, é uma pequena maravilha diga-se...) tenha invadido Timor e esmagado o seu povo (o seu corpo, que não a sua alma) e continue, com os mesmos apoios, quotidianamente, a sua obra de destruição; que as artimanhas da política internacional que bloqueiam a situação, que persista a incapacidade do governo actual, a sua impotência (há compromissos que sujeitam...) — eis aí algumas zonas que ficaram não na sombra mas na escuridão. Pena...

Estão anunciadas mais reportagens. Grandes. Francesas. Ou inglesas. Ou americanas. Meus caros, na impossibilidade de cumprirmos as promessas feitas, resolvam-se antes por outras reportagens. Pequenas, talvez. Mas portuguesas. Porque essa vossa mania das grandezas das realidades alheias não esconderá o medo ou a dificuldade ou a impossibilidade de abordar a nossa própria realidade?

E se possível não falem tão alto, como hei-de dizer, tão grandiloquo. Reparem na sobriedade do vosso camarada francês. A histeriofonia não fica bem na televisão. Aprendam. Vejam como se fala na «Água Viva»...

Em TV, perde-se muito, quando se fala muito. Como se provou ontem naquele programa dedicado à alimentação racional. O dr. Gomes Ferreira lá veio fazer o gostinho ao dedo, com uma locução a 100 à hora, num texto excessivamente longo e confuso e sem a noção da reali-

dade que se chama audiência de TV, em geral, e a portuguesa em particular.

Essa cavalcada por estranhas nuvens torna-se por vezes caricata. No Telejornal, por exemplo. Chega a meter nojo, pelo servilismo que expressa, o beija-mão das autoridades americanas. Para quê o imenso tempo de antena concedido ao Carter, a propósito das suas relações de amizade com Sadat? Para quê, a imensa declaração do Haig, em depoimento recolhido na própria Secretaria de Estado americana? Calma aí, meus senhores, não vivemos num país projectado para ser mais uma estrela na bandeira dos Estados Unidos. Por muito hipotecado que este governo esteja ao poder estrangeiro, calma aí que o governo é uma coisa e o nosso povo é coisa bem diferente. O Telejornal passa a vida de cócoras diante dos americanos. Dá mostras de fraca sensibilidade quem não

percebe quanto isso já está cheirando mal.

Por estas e por outras é que uma pessoa se refugia na «Água Viva». Aí, ao menos, não há Reagans, nem Haigs, nem Balsemões (também era o faltava!) lá a Márcia espera um filho, Bruno e Sandra amam-se, Janete chora dentro de uma camisola «Pixote», Irene e Marciano vão para a Europa — ele, um Vesúvio, ela, uma Fonte de Suspiros — vão felizes à Europa, depois de toda a vida terem sido mandados à América. Lá, Evaldo faz de bispo no seio de uns miseráveis que gritam como à passagem do Papa: «Ao, ao, ao, Monsenhor é nosso irmão»... miseráveis de olhos vendados pela própria miséria, prontos sempre a cair nas embulhadas de mais ou menos Evaldos com muita ronha e poucos escrúpulos.

Lá, pode haver a mentira da ficção. Mas tem, sobre o Telejornal, a vantagem de não dar a mentira da realidade.

GRUPO DE CAMPOLIDE-ACADEMIA ALMADENSE

GUERRA? NÃO OBRIGADO

ENC. FERNANDO GUSMAO

ULTIMAS

SEXTAS E SABADOS AS 21.30. DOM. AS 16

EM ENSAIO A RECTA GUARDA de ROMEU CORREIA



Caminhos de Ferro Portugueses Informação

A partir de 2 de Outubro, é alterado o local de expedição dos volumes de urgência e encomenda expresso, na estação de Lisboa Santa Apolónia.

Para tal, devem os senhores expedidores dirigir-se às novas instalações situadas no cais n.º 1 da referida estação, sito na Rua da Bica do Sapato.

Para mais informações poderão consultar:

O Serviço Comercial da Região Centro
— Tel. 86 77 85

90 MINUTOS DE ALTA EMOÇÃO

Uma história de grande impacto realizada por mestre JOHN HUSTON

OS CINCO ALIBIS

(PHOBIA)



JOHN COLICOS · SUSAN HOGAN · PAUL MICHAEL GLASER

Director of Photography: RICHARD H. MORRIS. Music by ANDRE GAGNON

Screenplay by LEE WILHELM · JAMES SANGSTER · PETER BELLWOOD

Story by GARY SHEPHERD · RONALD SHUSETT

HOJE ESTREIA

Não ac. men. 18 anos

MUNDIAL FILMES



Manuel Rafael, Lda.

TUDO EM MATERIAL ELÉCTRICO

IV. DO FORNO, 7-A (AO ROSSIO) T. 371001 2

Hoje



Algumas caras da telenovela «Água Viva», que termina esta noite, na RTP-1, a sua exibição

18.52 Sumário
18.57 Tempo dos mais novos
19.30 País, País
19.55 Rés Pública
20.25 O tempo
20.30 Telejornal
21.05 Riker
22.00 «Água Viva» — último episódio
23.05 Últimas notícias



Jorge Brum do Canto, realizador do filme «Fado Corrido»



20.30 Informação/2 — As notícias do País e do estrangeiro

21.00 Noite de cinema
«Fado Corrido» — Intérpretes: Amália Rodrigues, Jorge Brum do Canto, Maria Adelinha e João Guedes. Realização: Jorge Brum do Canto.

Amanhã



14.00: Acções de formação de professores/monitores; 18.52: Sumário; 18.55: Tempo dos mais novos; 19.30: País, País; 20.00: Pergunte connosco; 20.25: O tempo; 20.30: Telejornal; 21.00: Direito de antena (Partido Comunista Português); 21.15: Lucinda Brayford — último episódio; 22.10: Joel Branco; 23.00: Últimas notícias

20.30: Informação/2; 21.00: Forum do Movimento; 21.30: Número Um com Michel Sardou; 22.30: Lugares na Europa.

GRUNDIG

qualidade em toda a linha!



«Água Viva»
— último episódio
(22.00)

«Fado Corrido»
(21.00)



Alem de um programa a escolha oferece-lhe

Resumo do episódio de hoje

Nelson diz a Suely que tem por ela uma grande estima, e que acha que eles devem casar porque ambos estão sozinhos. Suely explica-lhe então, que está namorando, e que só pode ser a sua melhor amiga, para o resto da vida. Márcia propõe a Edyr voltarem a viver juntos, alegando que ainda o ama e que a vida profissional deles não interferirá no relacionamento. Edyr aceita a proposta de Márcia e beija-a apaixonadamente. Marcos e Jáder surpreendem Evaldo no momento em que ele ia levar o dinheiro arrecadado aos pobres, da favela. Marcos tira-lhe o dinheiro, mas deixa que Evaldo e Canivete fujam, dizendo a Jáder que ele será preso mais cedo ou mais tarde. Jáder, nesse momento, lembra a Marcos que Janete, por amor, passou por cima de tudo para entregar o pai à Polícia. Marcos procura Janete em casa, horas antes de ela viajar para a Alemanha, pede-lhe desculpas, e reconcilia-se.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA GRUNDIG

NACIONAL RADIO — Rua B. Jesus Carça 17 Carcavelos — Tel. 2112871

COMUNA

teatro de pesquisa

estreia em lisboa
quinta-feira, dia 8. às 21.45 h

curta série de espectáculos
só até 15 de novembro

SERENA GUERRILHA

TEXTO: APEL NEVES · COMUNA

MUSICA: fontes rocha

ENCENAÇÃO: João mota

INTERPRETES:

carlos paulo · carmen marques · francisco pestana · joão mota · miguel guilherme · teresa lima ·

DIARIAMENTE AS 21.45 H

DOMINGO SO AS 17 H · 2ª FEIRA DESCANSO

DIREÇÃO DE ESPANHOL: TEL. 76 26 24 · SUBGITO DA SEC.

roteiro cultural

Teatro

Depois da Venezuela e do Brasil, Lisboa vai ver «Serena Guerrilha», a mais recente realização da Comuna. O espectáculo, cuja estreia mundial ocorreu em Julho, em Caracas, onde obteve o mais entusiástico aplauso do público e da crítica (assim como no Brasil), marca o regresso do grupo à criação colectiva, após um interregno de quase quatro anos deste tipo de trabalho. O público português poderá a partir de hoje, assistir a este novo trabalho do grupo, na Casa da Comuna na Praça de Espanha, diariamente às 21.45 horas, excepto aos domingos em que há «matinée» às 17 horas. Devido a compromissos da Comuna, «Serena Guerrilha» estará em cena numa curta temporada, só até dia 15 de Novembro, seguindo depois o grupo para o Porto, onde irá participar no FITEI. O espectáculo tem texto de Abel Neves e da Comuna, música original de Fontes Rocha e encenação de João Mota. A interpretação está a cargo de Carlos Paulo, Carmen Marques, Francisco Pestana, João Mota, Miguel Guilherme e Teresa Lima.

Novo espectáculo de «O Bando». Após o regresso do Quebeque, onde três dos seus elementos, Cândido Ferreira, João Brites e Horácio Manuel, dirigiram um

«atelier» sobre «Métodos de Criação» no âmbito do 8.º Festival Quebequiano de Teatro para Crianças, o grupo «O Bando» vai apresentar o seu mais recente trabalho, «Caras ou Coroas», a partir de

sábado às 16 e às 21.30, e no domingo às 16 horas. Dias 13, 14, 15 e 16, às 10.30 e às 15 horas, dia 17 às 16 e às 21.30, e dia 18 às 16 horas. «Caras ou Coroas» teve como ponto

encenação está a cargo de João Brites.

Cinema

Antestreias no Quarteto,



Francisco Pestana numa cena de «Serena Guerrilha», que hoje se estreia na Comuna

amanhã, na Av. Gomes Pereira, 17, em Benfica (ex-sede do S.L.B.). Espectáculos na sexta-feira às 15 horas, no

de partida «O Sorriso ao Pé da Escada», de Henry Miller. A dramaturgia é colectiva, com texto de Cândido Ferreira. A

de apoio à revista Raiz! Utopia, vão ser patrocinadas pela Rádio Comercial com a colaboração de firmas distribuidoras.

ras. Numa sessão especial aberta à Informação e aos assinantes da revista, será hoje exibido, às 23 horas, o filme francês «Repórteres», da autoria do conhecido repórter fotográfico Depardon, director da Agência Gamma, que retrata «o lado de dentro» da Informação.

Na semana seguinte, a 14 e 15 de Outubro, terá lugar uma série de 4 antestreias, que deverá incluir, entre outros, o último filme de Alain Tanner, apresentado no Festival de Cannes, um Fassbinder e a obra de Orson Welles sobre o Othello, de Shakespeare. O programa definitivo será anunciado na sessão do dia 8, para a Imprensa.

Também no Quarteto, prossegue o ciclo «Cinema Austriaco-Anos 70/80». Hoje será exibido o filme «Kassabach», de Peter Patzak (sessões às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30 horas); amanhã, «Bockerer», de Franz Autel (às 15, 17, 19 e 21.30); sábado, «Kanga Mussa», de Gotz Hag Muller (15, 17, 19, 21 e 23), e, finalmente, domingo, «Sentimentos Contidos», de Manfred Kaufman (14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30).

Os Beatles no AR.CO. Com a apresentação de «O Submarino Amarelo», de George Dunning, prosseguem hoje as sessões de cinema programadas pelo

AR.CO para o corrente mês. Baseando-se no argumento escrito por Lee Minoff e Al Brodax a partir da canção «Yellow Submarine», de John Lennon e Paul McCartney, criou Heinz Edelman os fabulosos desenhos deste filme, que representa um inesquecível marco em todo o moderno cinema de animação. O filme será igualmente exibido amanhã e no sábado. As sessões iniciam-se, como habitualmente, às 21.45 horas.

Exposições

João Paulo expõe pintura e desenho em Castelo Branco, no Museu de Francisco Tavares Proença Júnior. A mostra encerra no próximo dia 18.

Zé Penicheiro expõe pintura em Leiria, na Galeria Capital, até ao próximo dia 12. A mostra, cujo tema é «Leiria de Ontem e de Hoje», é dedicada pelo artista, como preito de homenagem póstuma, ao leiriense Carlos Eugénio, recentemente falecido. Carlos Eugénio foi um grande impulsor da cultura e das artes em Leiria.

Eduarda Dionísio, sobre textos de Margarida Sérvulo Correia, expõe na Sala Manuela Porto do Teatro do Bairro Alto 72 cartolinas e um triptico em 5 partes, pintados sob o título «12 Modelos à Procura dum Pintor».

TEATRO MUNICIPAL

DE SÃO LUIZ

A COMPANHIA DE TEATRO DE LISBOA APRESENTA UMA CURTA SÉRIE DE ESPECTÁCULOS

GRAÇA LOBO

EM

MOLLY BLOOM

DE

JAMES JOYCE

CENÁRIOS JÚLIO POMAR

ENCENAÇÃO CARLOS QUEVEDO

Todos os dias às 21.30 horas excepto sáb. e dom. • Matinéas sáb. e dom. às 16 horas

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 18 ANOS

SUB SEC



CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
BANCO FUNDADO EM 1864

PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS

(Por unidade)
COMPRA VENDA

AFRICA DO SUL (rand)	52\$40	57\$40
ALEMANHA FED. (marco)	28\$40	29\$50
AUSTRIA (xelim)	3\$95	4\$15
BELGICA (franco)	1\$539	1\$739
BRASIL (cruzeiro)	\$341	\$591
CANADA (dólar - notas de 1 e 2)	52\$30	54\$30
(notas de 5 a 1000)	52\$80	54\$80
DINAMARCA (coroa)	8\$80	9\$20
ESPAÑA (peseta)	\$634	\$734
EUA (dólar - notas de 1 e 2)	62\$75	64\$75
(notas de 5 a 1000)	63\$25	65\$25
FINLÂNDIA (marka)	14\$35	14\$91
FRANÇA (franco)	11\$20	11\$90
HOLANDA (florin)	25\$65	26\$65
INGLATERRA (libra)	11\$70	12\$70
IRLÂNDIA (libra)	10\$20	10\$20
ITALIA (lira)	\$048	\$058
JAPÃO (iene)	\$251	\$286
NORUEGA (coroa)	10\$85	11\$35
SUECIA (coroa)	11\$50	12\$50
SUIÇA (franco)	33\$55	34\$65
VENEZUELA (bolivar)	12\$80	13\$80

Observações:

1. - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.



UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO

Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

ANTENA-1

16.00: Sem Margem - Cinema; 17.00: Ciclo Musical; 18.00: Formas de energia; 18.45: RDP-Região; 19.00: Títulos do jornal; 20.00: Enquanto os Outros Vêem TV - Jazz; 21.00: Folhetim «O Jogo de Deus», de Álvaro Martins Lopes - Livre e Directo - Programa do Núcleo de Programas Desportivos; 23.00: Títulos do jornal; 02.00: Madrugada da RDP-Centro; 05.30: Programa Rural da RDP-Centro.

Grandes blocos informativos: 13.00; 19.30; e 23.30.

Programa 2

16.00: Que quer ouvir?; 17.00: Música de câmara; 18.00: Dossier sonoro; 18.30: Sinfonia n.º 1, em dó maior, op. 21, de Beethoven; 19.00: O canto e os intérpretes; 20.05: Tempo de bailado; 20.35: «Canções Regionais Portuguesas», em versão de concerto, de Fernando Lopes Graça; 21.00: Música do século XX; 22.00: Concerto para piano e orquestra, n.º 12 em lá maior, K. 414; 22.30: Intercâmbio musical; 23.30: Intérpretes portugueses; 00.00: Novos discos; 01.00: Fecho.

Rádio Comercial (283, 290 e 397m)

15.45: Teatro trágico; 17.03: Todos no top; 18.08: Hora de ponta - espaço 3P; 20.03: Quando o telefone toca (1.ª edição); 20.30: As cidades e as serras; 21.03: Telefone top; 21.30: Quando o telefone toca (2.ª edição); 22.03: Portugal e a CEE; 22.15: Hora literária; 22.30: Tempo de desporto; 22.08: 24.ª hora; Notícias de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

16.03: Rock em stock; 18.03: Circulo em FM; 18.15: Igreja em notícia; 18.25: Palavra do dia; 18.30: Transmissão do terço da Basílica dos Mártires; 19.00: Programa da LAR; 19.30: Revista de Imprensa; 20.00: Paju; 21.00: O som da noite; 21.30: Diálogo e vida; 22.00: Quando o telefone toca; 22.30: Informação desportiva; 23.10: Programa cultural; 23.30: Nota de abertura; 23.55: Meditação; Grandes blocos informativos às 19.30 e 23.30 - «Flashes» noticioso de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

16.00: Aqui e agora; 17.00: Jornal da mulher; 18.15: Igreja em notícia; 18.25: Palavra do dia; 18.30: Transmissão do terço da Basílica dos Mártires; 19.00: Programa da LAR; 19.30: Revista de Imprensa; 20.00: Paju; 21.00: O som da noite; 21.30: Diálogo e vida; 22.00: Quando o telefone toca; 22.30: Informação desportiva; 23.10: Programa cultural; 23.30: Nota de abertura; 23.55: Meditação; Grandes blocos informativos às 19.30 e 23.30 - «Flashes» noticioso de hora a hora.

Tiragem média diária do mês anterior: 43 493 exs.

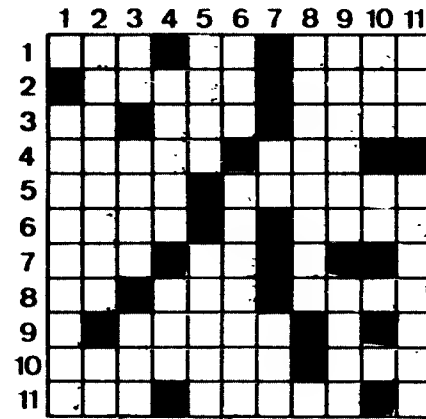
palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 13 246

HORIZONTAIS:

- 1 Recusa. Tempo do verbo haver. Vila e concelho do distrito do Porto.
- 2 Aparência (pl). Vila e sede de concelho (Aveiro).
- 3 Cobalto (s.q.). Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. Alegria.
- 4 Carro de duas rodas que é usado na África do Norte para transporte de pessoas e víveres. Fruto da azeitona.
- 5 Ir para fora. Engastar.
- 6 Aprei Pessoa que dança mal (Prov. alentejano).
- 7 Madre. Centímetro.
- 8 Proposição. Hora canónica que corresponde às quinze horas. Equipe.
- 9 Corta com serra.
- 10 Instrumento de vidro usado nalguns laboratórios. (pl). Coragem.
- 11 Sufixo que designa abundância. Aldeia de Itália.

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo pensamento, o provérbio nele inscrito.



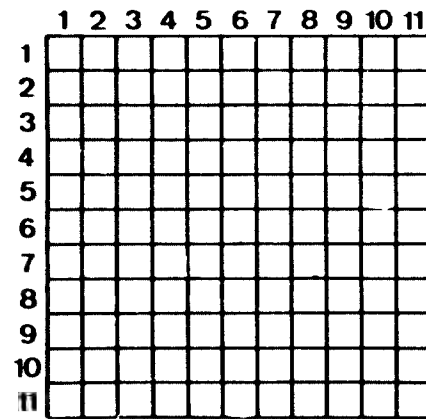
VERTICAIS:

- 1 Enlace.
- 2 Assanharam. Reis.
- 3 Proposição e artigo. (inv). Serra de Portugal. Ecoa.
- 4 Indigente. Também não.
- 5 Cidade da Holanda. Cadáver.
- 6 Pega. Municípios.
- 7 Alteza Real. Acrescentando uma vogal é interjeição designativa de afasta.
- 8 Lençol ou outra cobertura que envolve o cadáver que vai ser sepultado.
- 9 Despachava. Fértil.
- 10 Seguias. Clima.
- 11 Anel. Espalhara.

HORIZONTAIS:

- 1 Antiga cidade de Monte Albano. Cidade da Alemanha.
- 2 A Pérsia. Rio de Portugal.
- 3 Ilhas da Guiné Francesa, muito perto de Conacri. Proposição.
- 4 Mete em mala. Averiguar.
- 5 O mesmo que alime. Diz-se da castanha mal assada (Prov.).
- 6 Apelido. Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia.
- 7 Vento do sul entre os antigos Romanos. Astrónomo holandês.
- 8 Irmão do pai. Mulher chinesa da classe baixa. Ribeira de Portugal.
- 9 Erbio (s.q.). Esclareço com comentários. Vê.
- 10 Apelido. Balança chinesa.
- 11 Tosto. Um dos estados dos Estados Unidos.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9 106



VERTICAIS:

- 1 Antiga cidade da Ática, em ruínas. Antiga cidade da Sicília.
- 2 Fragrância. Naípe das cartas de jogar.
- 3 Basilar. Porco. Reis.
- 4 Satélite de Júpiter. Plano. Espaço de doze meses.
- 5 Leito. Nome de mulher.
- 6 Boro (s.q.). Mulher chinesa da classe baixa.
- 7 Sedutor. Freguesia do concelho de Alenquer.
- 8 Ondas curtas. Educo. Vão.
- 9 Reis. Tempo do verbo haver.
- 10 Nota musical. Alumínio (s.q.). Rebolo.
- 11 Sedimento. Recio.
- 12 Sedimento. Recio.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 245

HORIZONTAIS:

- 1 CLARO COMO.
- 2 Remoças. Dó.
- 3 Agás. Samora.
- 4 VA. Cás. Ras.
- 5 Assa. Ata NS.
- 6 Provado.
- 7 Aa. Ai Om.
- 8 Aferraram.
- 9 Gernido Ro.
- 10 Ur. Dó. Marrá.
- 11 Airosa. Mas.

VERTICAIS:

- 1 Cravam. ÁGUA.
- 2 Umea. Aferi.
- 3 Ama. Só Em.
- 4 Rosca. Ando.
- 5 Oc. Pardos.
- 6 Assar. Ao.
- 7 Sa. Toar.
- 8 Aviam.
- 9 Odo. Mora.
- 10 Morando Ri.
- 11 Assomavas.

PROVERBIO: Claro como água.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9 105

HORIZONTAIS:

- 1 Kuanon. Mate.
- 2 Umea. Atinar.
- 3 Lar. Amima.
- 4 Ase. V. Alma.
- 5 Arar. Id.
- 6 Asiladas.
- 7 Ut. Dosais.
- 8 Riso. Or. Le.
- 9 Ir. Rosalina.
- 10 Aarao. Rer.
- 11 Sial. Mas. Pé.

VERTICAIS:

- 1 Kulak. Urias.
- 2 Umas. Alirai.
- 3 Aéros. Rá.
- 4 Na. Imoral.
- 5 Aval. Oó.
- 6 Namorados.
- 7 Ti. Adorara.
- 8 Mimiras. Lês.
- 9 Anal. Salir.
- 10 Ta. Mi. Ien.
- 11 Errados. Ave.

cartaz de cinemas e teatros

abcCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A

As 14.30, 16.30, 18.30,
21.30, 23.45
LENNY
com Dustin Hoffman

SALA B

Int. m. 13 anos
As 14.45, 17, 19, 21.45
e 24 horas
A ABSOLUÇÃO
com Robert De Niro

ALVALADE 897480

Av. de Roma

As 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
O novo fenómeno das artes marciais
O GRANDE COMBATE
com Jackie Chan e Yuan Hsiao
Scope colorido
Não acons. men. 13 anos

APOLO 763319

Av. Júlio Dinis, 10-A

Sessões às 15.15, 18.15,
21.15 e 24.00
Marlon Brando, Robert Duvall
APOCALYPSE NOW
Technicolor
Não acons. men. 18 anos

AVIS 547163

Av. Duque de Ávila, 45

15.30, 18.30, 21.30

OS MALUCOS DO SUPERMERCADO

Maiores de 6 anos
7.ª Semana

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

14.00, 16.30, 19.00, 21.30
Não acons. m. 13 anos
BREAKING GLASS
Colorido

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

As 14, 16.30, 19 e 21.30
Para Todos
Walt Disney Productions apresenta
O VERÃO MÁGICO DO PATO DONALD
Falado em português
11.ª Semana

CASTIL 530194

Rua Castilho

As 15.30, 18.30 e 21.30
LOUCURAS DE UM RECRUTA
Int. men. 13 anos
c/ Goldie Hawn
O exército nunca viu tanto
3.ª Semana

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

As 14.15, 16.30, 19 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
007 - MISSÃO ULTRA-SECRETA
Roger Moore - James Bond 007
às 24.00 int. men. 18 anos
A GRANDE CAÇA AO HOMEM

CINEBOLSO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30
Inter. men. 18 anos
Pornográfico - Hardcore
DOCE ERA O SEXO
às 24.00 não acons. men. 13 anos
O HOMEM ORQUESTRA

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

As 15.00, 17.00, 19.00, 21.30
Não acons. menores 18 anos
VESTIDA PARA MATAR
Um filme de Brian de Palma
20.ª Semana
As 24
CHAMAVAM-LHE CALIFÓRNIA

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

às 14, 16.30, 19 e 21.30
nao acons. men. 13 anos
O GUARDA COSTAS

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

As 14, 16.30, 19 e 21.30
NOVA YORK 1997
Int. men. 13 anos
Um filme de John Carpenter
3.ª Semana

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21

As 14, 16.30, 19 e 21.30
O novo fenómeno das artes marciais
O GRANDE COMBATE
Scope colorido
Não ac. men. 13 anos

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

As 15.00, 18.15, 21.30
O CAÇADOR
Com Robert de Niro
Int. men. 18 anos
6.ª semana

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

As 14.30, 16.45, 19 e 21.30
CRÔNICA DA MAIS VELHA
PROFISSÃO DO MUNDO
com M. Miou e Maria Schneider
Int. men. 18 anos

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

estreia, 21.30
uma das mais grandiosas epopeias
da história do cinema
O LEÃO DO DESERTO
com Anthony Quinn-Oliver Reed
às 15.15, 18.30 últimas de
ANIVERSÁRIO MACABRO

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

As 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.

A VIDA DAS MARIONETES
2.ª Semana

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

As 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a
LADRÃO POR EXCELENCIA
Um filme de Don Siegel

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

3 sessões: 15.15, 18.15, 21.30
Int. men. 13 anos
NOVA YORK 1997
de John Carpenter
com Kurt Russell, Lee Van Cleef.
3.ª Semana

MUNDIAL 538743

R. Martens Ferrão, 12-A

As 14, 16.30, 19 e 21.30
Não acons. m/ 13 anos
Burt Reynolds, Lesley, Anne Down,
David Niven em
LADRÃO POR EXCELENCIA
Um filme de Donald Siegel - Technicolor

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

As 14, 16.15, 18.30 e 21.30
Interdito men. 13 anos
A PRIMEIRA FESTA
(La Boum)
Um filme de Claude Pinoteau
às 24.00
UM ITALIANO EM NOVA IORQUE

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 e 20

15.15, 18.15 e 21.30
(Não acons. men. 18 anos)
FRANCESCA
UM AMOR IMPOSSÍVEL
Colorido

PATHE 821933²

R. Francisco Sanches, 122

As 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
DOIS DIABOS À SOLTA
c/ Michel Colly e Paul Smith
Colorido



Jeanne Cordelier, baseada na sua própria experiência, escreveu um «best-seller»: «CRÔNICA DA MAIS VELHA PROFISSÃO DO MUNDO», agora passado para o cinema. Em exibição no 444 e no Quarteto.

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1

às 21.30 e 23.30
OS CINCO ALIBIS
Int. men. 18 anos

SALA 2

As 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
(in a men. 18 anos)
CRÔNICA DA MAIS
VELHA PROFISSÃO
DO MUNDO

SALA 3

Real: Daniel Duval
As 14.30, 16.45, 19, 21.15, 23.00
maiores de 18 anos
KASSBACH
cinema austriaco

SALA 4

As 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.15
(Maiores de 18 anos)
TAXI DRIVER
Real: Martin Scorsese
Filme de qualidade

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

15, 17, 19 e 21.30
Em estreia do maior êxito de gargalhada
dos últimos tempos!
A TURMA DOS REPETENTES
Não acons. men. 13 anos
9.ª Semana

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

As 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
ZORRO
c/ Alain Delon e Ottavia Piccolo
Colorido

S. JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

SALA 1

Sessões diárias às 13.45, 16.15, 18.45,
e 21.45
Int. a men. 13 anos

Roger Moore, Carole Bouquet
007 MISSÃO ULTRA-SECRETA
3.ª semana

SALA 2

Sessões diárias às 14.15, 16.45, 19, 15 e
21.30
Inter. a men. 13 anos

Ugo Tognazzi, Vittorio Gassman
O TERRAÇO
3.ª semana

SALA 3

Sessões diárias às 14, 16.30, 19 e 21.15
Inter. men. de 13 anos
Robert de Niro, Robert Duvall
A ABSOLUÇÃO
3.ª semana

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

4 sessões: 14, 16.30, 19 e 21.30
Não acons. men. 13 anos

A FILHA DO MINEIRO
22.ª Semana

7.ª ARTE CINEMA 730715

Av. da República - (junto ao

Apeadeiro da CP de Entrecampos)

As 14.45, 17, 19.10, 21.30 e 24
13 anos
007 - MISSÃO ULTRA-SECRETA
Roger Moore e James Bond

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

As 15, 18, 19 e 21.30
Inter. men. 13 anos
Se tonos fossem anjos, a vida era uma
...chumbada
NOS NAVEGAMOS ANJOS...
ELAS TAMBÉM NÃO

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

11 13 15, 17, 19, 21.30 e 23.30 horas

LOUCURAS DE UMA RECRUTA
c/ Goldie Hawn e Robert Webber
Não acons. menores 13 anos
3.ª Semana

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

As 14, 16.30, 19 e 21.30
Para todos
Walt Disney Productions apresenta
AS NOVAS DIABRURAS DE HERBIE
Um filme de Vincent McEvety (Techni-
color)

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

21.30, estreia
nao acons. men. 18 anos
OS CINCO ALIBIS
com John Colicos e Susan Hogan

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9 - P. Restaurado-

res As 14.15, 16.30, 19, 21.30
OS SOBREVIVENTES
DO FIM DO
MUNDO
nao acons. men. 13 anos
5.ª semana

outros cinemas

Lisboa

PARIS - «O Sacrifício da Vida» às 21.30 (13 anos)

OLIMPIA - «Pesadelos de uma Virgem» Sessões permanentes (18 anos)

CITY-CINE - «Brincando com a Sorte» às 21.30 (13 anos)

CAPITÓLIO - «A Vibora do Sexo» às 21.00 e 23.00 (18 anos)

EUROPA - «Três Horas Decisivas» às 21.30 (13 anos)

RETELO - «Os Alegres Aventureiros» às 21.30 (13 anos)

POLITEAMA - «Omar Mukhtar - O Leão do Deserto» às 21.30 (13 anos)

ROYAL - «Vigância ao Amanhecer» às 21.30 (13 anos)

CINEARTE - «A Grande Corrida» às 21.30 (13 anos)

LUMIAR - «Aventura e Aventura» às 21.30 (13 anos)

PROMOTORA - «A Luz Vem do Alto» às 21.30 (13 anos)

Outra banda

ALMADA - «Incrível - A Culpa», às 21.15 (13 anos)

ALMADA - «Cineestúdio - Entre Dois Amores» às 21.30 (13 anos)

COSTA DA CAPARICA - «Silcine - Holocausto Canibal» às 21.45 (18 anos)

Linha de Cascais

PAÇO DE ARCOS - Chaplin - «Dias do Paraíso» às 21.15 (13 anos)

OIRAS - «Oirás-Cine - Zombie a Maldição dos Mortos Vivos» às 21.15 (18 anos)

PAREDE - «Royal-Cine - O Exército Secreto» às 21.15 (13 anos)

ESTORIL - «Casino - Os Alegres Aventureiros» às 17.30 e 21.15 (13 anos)

ESTORIL - «Palácio - A Conquista do Oeste» às 21.15 (13 anos)

CASCAIS - «Impala - Ben-Hur», às 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

DAMAIA - «D. João V - O Negócio Mete Saias», às 21.30 (18 anos)

AMADORA - «Cine Plaza - 16 anos», às 21.30 (18 anos)

AMADORA - «Lido - O Tigre em Fúria», às 21.30 (18 anos)

AMADORA - «Cine Estúdio - Antes que Casos Vê o que Fazes», às 21.30 (13 anos)

CACEM - Estúdio Flores - «O Último Padrinho», às 21.30 (13 anos)

MEM MARTINS - «Cine Chaby - Caes de Odis», às 21.30 (18 anos)

SACAVEM - «S. José - Uma Razão para Viver outra Para Morrer», às 21.30 (13 anos)

ALHANDRA - Salvador Marques - «A Febre Louca do Sexo», às 21.30 (18 anos)

SÁ DA BANDEIRA - «Delínios de Prazer», às 21.30 (18 anos)

PEDRO CEM - «O Espião mais perigoso do Mundo», às 21.30 (13 anos)

PASSOS MANUEL - «O Capitão sem Barco», às 21.45 (13 anos)

S. JOÃO - «O Gendarme Casa-se» às 21.30 (13 anos)

COLISEU - «O Grande Combate» às 21.30 (13 anos)

CHAPLIN - «Adeus Gringo» às 21.30 (13 anos)

VALE FORMOSO - «Os Sonhos Proibidos de Mona O» às 21.30 (18 anos)

RIVOLI - «Viva Zapata» às 21.30 (13 anos)

CHARLOT - «A primeira festa», às 21.30 (13 anos)

ÁGUIA - «O Sacrifício da Vida» às 21.30 (13 anos)

JULIO DINIS - «Demônios ao Volante», às 21.45 (13 anos)

FOCO - «2001 Odisseia no Espaço», às 21.30 (13 anos)

OLIMPIA - «Django Atira Primeiro», às 21.30 (13 anos)

BATALHA - «Não Há Nada que não Me Aconteça», às 21.45 (13 anos)

TRINDADE - «007 Missão Ultra-Secreta» às 21.30 (13 anos)

BEBÊ - «Circuito Fechado» às 21.45 (13 anos)

ESTÚDIO - «Django» às 21.30 (13 anos)

TERÇO - «O Bando de Jess James» às 21.30 (13 anos)

LUMIÈRE-A - «Amor Sem Barreiras», às 21.30 (13 anos)

LUMIÈRE-L2 - «A Turma dos Repetentes», às 21.30 (13 anos)

Coimbra

AVENIDA - «Sargento da Força 1» às 21.30 (6 anos)

S. TEOTÔNIO - «Guerra dos Abismos» às 21.30 (13 anos)

SANOGYL BLANC

Lisboa

PERMANENTE

PAIS, R. Abade Faria, 22-A (T. 883965);
BRISÁLIA, Av. Rio de Janeiro, 66-66-A
(T. 882368); FÁTIMA, Av. 5 de Outubro,
147-A (T. 763107); SIRIUS, R. Fialho
de Almeida, 38-A (T. 44000); BARRAL,
R. Augusta, 225 (T. 361534); BOM SU-
CESSO, R. Bartolomeu Dias, 63-A
(T. 611454); REBOCHO, R. Ten. Cor.
Ribeiro Reis, 12--B (T. 743871); PI-
NHEIRO, R. Campo de Ourique, 135
(T. 686640); ALAMEDA, Alm. Linhas
Torres, 201-B (T. 790942); FONTOURA
DE CARVALHO, R. Santos-o-Velho, 12
(T. 662075); BRANCO, Av. Comb.
Grande Guerra, 29 (T. 211208); JO-
LENI, R. Dr. Alexandre Braga, 3-B
(T. 910812); CRUZ CORREIA, Est. St.
Elói, 41-A (T. 992453)

teatros

TEATRO DO BAIRRO ALTO - Cor-
nucópia - «Não se Paga! Não se
Paga!» às 21.30 (13 anos)

MONUMENTAL - «Não ha nada que me
escape» às 21.30 (13 anos)

A. B. C. - «O e cabache» às 20.30 e 23
(18 anos)

D. MARIA II - «Romulo o Grande» às
21.30 (13 anos)

CAFÉ TEATRO - COMUNA - «Cheira a
Esturro» às 22.00 (13 anos)

ADÔQUE - «Paga as Favas», às 21.30
(18 anos)

MARIA MATOS - «A Tragédia da Rua
das Flores» às 21.30 (13 anos)

COMUNA - TEATRO DE PESQUISA -
«Serena Guerrilha» às 21.45 (13 anos)

S. S. LUIZ - «Molly Bloom» às 21.30 (18
anos)

VARIEDADES - «Há Petróleo no
Beato», às 21.30 (13 anos)

REFORÇO

PEREIRA, R. Paraíso, 98-100
(T. 863224); SANTO AMARO, R. Filinto
Elísio, 29-A-B (T. 637070); AVIS, Av.
Roma, 56--B-C (T. 895370); NOVA, R.
de Campolide, 297-C (T. 687475);
MORGADO LOURENÇO, L. D. Estefá-
nia, 4-5 (T. 554808); ANDRADE RI-
BEIRO, Av. Infante Santo, 66-B
(T. 666971); FERNANDES BORGES, R.
D. Aleixo Corte Real, lt. 388, Cruz, R.
Cidade Bolama (T. 311091); HIGIÉ-
NICA, R. Heliodoro Salgado, 20-A
(T. 844361); LUZMAR, R. João Nasci-
mento Costa, 16 (T. 880703); SÃO MA-
MEDE, R. Escola Politécnica, 82-B
(T. 660280); BRIT, R. do Colégio, lt.
32-B (T. 910305); NOVA, R. Açores,
11-A (T. 910305); MATOS, T. Prioras,
Viv. Morgadinho (T. 2519939); VAZ
MARTINS, R. António Ferro, 6-A
(T. 970660)

</

PORTE
PAGO

PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Serviços Técnicos
e Publicidade:
RUA LUZ BOMANO, 44 - 1200 LISBOA
Telefones: 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade: 368740
Agentes, Assinaturas e Contabilidade:
Rua Castilho, 185-1.º - 1100 LISBOA
Telefones: 654531/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3
Mensagens gravadas: 320229
Endereço telegráfico DÍBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
Delegação do Porto:
Rua do Almada, 30-2.º - 4000 PORTO
Telefones: 20954/5



MARÉS DE HOJE
PRELA-MAR BAIXA-MAR
10.58 3,2 m 4.13 2,0 m
23.43 3,3 m 16.56 1,7 m
Dia 9
11.59 3,5 m 5.21 1,8 m
17.52 1,5 m
TEMPERATURAS DO AR
ÀS 9 HORAS

VIANA DO CASTELO 15°
BRAGANÇA 14°
VILA REAL 14°
PORTO 16°
P. DOURADAS 14°
COIMBRA 15°
C. CARVOEIRO 18°
PORTALEGRE 20°
LISBOA 19°
ÉVORA 17°
SINES 17°
BEJA 18°
SAGRES 22°
FARO 22°
P. DELGADA 20°
FUNCHAL 20°

últimas

"O Dia" de hoje

Apesar da carência de alimentos que se faz sentir na capital angolana, sendo a situação ainda mais aguda no interior daquele nosso território ultramarino, a verdade é que as autoridades de Luanda continuam a dar preferência ao elemento "bélico". Quase não merece comentários... "O Dia" fala hoje de Angola como sendo «aquele nosso território ultramarino». É assim quando a mãe perde o controlo do subconsciente.

VÍTIMA DE VIOLAÇÃO, ROUBO E HOMICÍDIO uma septuagenária cega que vivia solitária numa modesta casa de Figueiró dos Vinhos. Os autores dos actos criminosos teriam em vista supostas economias da idosa senhora: Albertina Baeta Moraes. Tal facto explicará os vestígios de tortura a que terá sido submetida, para, possivelmente, revelar onde tinha os valores. Indícios de ter sido violada eram notórios e provocaram uma maior revolta nos moradores da área onde a vítima era bastante estimada. Outro suptuagénario foi também encontrado morto com vestígios de sevícias indicativas de tortura, devidamente amarrado em cima da cama na cabana onde vivia no sítio da Canha em Pegões. Manuel Ramos, tinha uma pequena pensão de 2400 escudos da Casa do Povo, mas também lhe era atribuído um pecúlio, segundo parece, apenas fantasia popular, pelo facto de há muito tempo ter recebido 20 contos de uma indemnização.

CATUR VIAGENS
TURISMO

MUNDIAL FUTEBOL 82

ISRAEL
PORTUGAL28 DE OUTUBRO
3 MODALIDADES25 a 29 de Outubro (5 dias)
estada em Tel-Aviv 34.500\$0025 a 29 de Outubro (5 dias)
visitando:
Jerusalém/Belém/Nazaré

Tiberíades/Cafarnaum 38.000\$00

21 a 29 de Outubro (9 dias)
circuito Terra Santa7 dias + 2 dias em Tel-Aviv 49.000\$00
(pensão completa + bilhete p/Futebol)
programas e inscrições:A Agência a quem foi confiada
a deslocação oficial da selecção
nacionalAgência de Viagens
CATURLUGO DA BIBLIOTECA PUB. A 17
100-16 1974 (Lisboa) - S.R.C.A. 2

Já entregue o projecto da central da Amorosa

EDP ignora vontade
das populações

— reafirma a Câmara de Viana

O projecto da central termo-eléctrica a carvão da Amorosa (Viana do Castelo) já deu oficialmente entrada na Câmara Municipal, apurou esta manhã o «DL» em contacto telefónico com aquele município.

O projecto, que conta com o apoio da Direcção-Geral de Energia, enfrenta a oposição unânime da edilidade e das populações do concelho, nomeadamente da praia da Amorosa, a cinco quilómetros da cidade, onde se projecta instalar a central.

Esta decisão suscitou imediata reacção da câmara, que reprovou o documento em reunião ordinária efectuada no final da semana passada.

A proposta aprovada denuncia «a tentativa de ignorar a vontade já manifestada pelas populações

e pelos seus legítimos representantes». Por esse motivo, «ponderados todos os inconvenientes que daí podem resultar», é rejeitada «a localização proposta» e responsabilizada a EDP «e todas as entidades que eventualmente possam viabilizar a instalação da central térmica neste concelho, pelas consequências que daí possam advir».

Entretanto, prosseguem os contactos da Comissão de Luta com responsáveis governamentais. Uma comissão de habitantes foi recebida pelos ministros Baidó Horta e Ribeiro Telles.

As posições destes dois elementos divergiram no que se refere à instalação da central. Enquanto Baidó Horta sustentou que o problema tinha de ser estudado, Ribeiro Telles felicitou as populações pela manifesta-

ção que recentemente se realizou naquela cidade.

No entanto, nada adiantaram ou prometeram, no essencial. Refugiando-se na necessidade de aprofundar os estudos de implantação, adiaram uma vez mais as garantias que as populações do concelho exigem de que a central não será construída no local pretendido pela EDP.

Recorde-se que, como o nosso jornal oportunamente sublinhou, a questão da central a carvão de Viana do Castelo ultrapassa amplamente o estrito problema da sua localização, remetendo inevitavelmente para a questão de saber que tipo de opções em matéria de alternativas energéticas a toda-poderosa EDP tem no bolso para implementar no País.

Caixa Geral de Depósitos

Processo na Judiciária
contra "gang" organizado

Enquanto se continua a aguardar o resultado do processo, a decorrer na Polícia Judiciária, de corrupção envolvendo alguns trabalhadores da Caixa Geral de Depósitos, aumenta o uso (e abuso) ao recurso a horas extraordinárias naquela instituição, ultrapassando todos os limites legais e contratuais.

Quanto ao processo de corrupção, que envolve — segundo nos informaram — alguns trabalhadores do «circuito do crédito», foi-nos confirmado a sua existência junto da Polícia Judiciária e do próprio Juiz de Instrução Criminal. Também a Comissão de Trabalhadores nos confirmou saber da existência desse processo. Alguns trabalhadores já foram chamados a depor. Em contacto com a Administração, esta manhã, foi impossível qualquer declaração, já que estavam em reunião, segundo nos disse-

ram. O processo de corrupção tem a ver com as «luvas» para uma rápida concessão de crédito. A necessidade de aclarar e denunciar estes casos de corrupção torna-se tanto mais imperioso quanto cria uma suspeição infundada sobre toda a instituição, quando apenas um grupo organizado lucra com práticas fraudulentas.

Para além deste aspecto de gravidade, aumenta uma certa imoralidade no recurso às horas extraordinárias.

Neste momento, o salário mínimo praticado na Caixa Geral de Depósitos é, segundo uma estrutura sindical, de 14 700 escudos. A maioria dos trabalhadores situa-se, porém no «nível 5», o que equivale a 25 200\$00. Isto para além dos 3188\$00 para subsídio de almoço. Trata-se de salários, minimamente aceitáveis, tendo em vista o nível de

ordenados no nosso País.

Alguns trabalhadores (e são sempre alguns) recorrem abusivamente a horas extraordinárias. Se, nalguns casos, é indiscutível a sua necessidade, noutros é manifesto o exagero. Recordamos aqui, por exemplo, um comunicado, emitido no final do ano passado — quase como um «balanço» — em que a Comissão Sindical denunciava que «a meio do ano havia trabalhadores que já tinham ultrapassado as 200, 300 e até... 800 horas extraordinárias», quando o máximo previsto é de 100 horas. Isto significa centenas de contos em horas para um só trabalhador durante um ano. A política de gestão da Caixa Geral de Depósitos tem sido largamente criticada pela Comissão de Trabalhadores. «A situação é preocupante» dizia-nos esta manhã um elemento da Comissão de Trabalhadores.

EUA gastaram mais de um milhão de contos
na protecção de Sadat

Os Estados Unidos participaram directamente na protecção de Anwar El Sadat desde os últimos anos, revelou hoje o «Washington Post», citando altos funcionários americanos. Segundo a mesma fonte, a administração dos EUA, teria gasto durante esse período entre 20 e 25 milhões de dólares com a defesa do falecido presidente egípcio.

Os altos funcionários, referidos pelo «Washington Post» e que pediram o anonimato especificaram que a ajuda americana incluía um helicóptero blindado do presidente Richard Nixon ofereceu a Sadat em 1974, a vigilância do seu avião por radares voadores «AWACS», nas suas deslocações ao estrangeiro, e a instalação dum sistema de co-

municações elaborado e montado para o seu serviço de segurança pessoal.

Esta última instalação montada pela Central de Informações Americana (CIA), no Cairo, tinha sido mantida secreta, explicaram as referidas fontes, com receio que outros chefes de Estado pedissem equipamento igual.

Sem confirmação oficial:

Governo debate
extinção do FFH

A possível extinção pelo governo do Fundo de Fomento da Habitação (FFH), constitui um dos pontos fundamentais da agenda do Conselho de Ministros, marcado para hoje.

«O FFH não dá informações, pelo que sugerimos um contacto com o gabinete do secretário de Estado ou do Ministro», declarou ao nosso jornal uma fonte daquele organismo, solicitado a comentar a notícia divulgada esta manhã pelo «Diário de Notícias».

Segundo a ANOP, uma fonte oficial confirmou haver a intenção do Governo no sentido de substituir o FFH por uma outra instituição menos burocrática.

Os termos da extinção e o período durante o qual decorrerá deverão ser igualmente definidos hoje.

Com esta medida, pretender-se-ia ainda atribuir as funções daquele Fundo a uma instituição com outras disponibilidades pa-

trimoniais, que o FFH não possui actualmente.

A situação dos trabalhadores não estaria em causa, pois seriam integrados noutros serviços do Estado.

Entretanto, a sindicância ordenada por Viana Baptista, deverá ir até ao fim, acrescentou a mesma fonte.

A legislação sobre habitação ocupará o essencial da reunião do Conselho. Os ministros debruçar-se-ão sobre diversa legislação relacionada com o sector, nomeadamente rendas de casa, aquisição de fogos e sistema de poupança para aquisição de habitação.

A agenda integra a aprovação do aumento de 16 por cento das pensões e de diversas convenções internacionais, designadamente sobre extradição.

Os ministros analisam ainda um projecto de acordo entre Portugal e Espanha sobre a pesca no rio Minho.

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados
na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL

1.º PRÉMIO — 60 064 — 36 000 CONTOS
2.º PRÉMIO — 7 909 — 6 000 CONTOS
3.º PRÉMIO — 65 477 — 3 000 CONTOS

Consulte a Lista Oficial e habilite-se para a próxima extracção
aos balcões da CASA DA SORTE
em LISBOA · PORTO · COIMBRA · BRAGA · SETUBAL · FARO

OUTROS PRÉMIOS

APROXIMAÇÕES AO 1.º PRÉMIO

60 063 — 270.420\$00
60 065 — 270.420\$00

PRÉMIOS DE 120 CONTOS

158; 2 748; 3 391; 3 584; 3 619; 5 836; 6 411; 9 229; 12 242;
20 930; 21 392; 21 481; 23 236; 24 230; 25 390; 27 292; 27 299; 28 335;
28 980; 29 332; 33 128; 36 505; 37 260; 37 861; 42 551; 42 948; 45 188;
46 245; 48 540; 58 501; 59 682; 62 138; 65 411; 65 547; 66 830; 67 604;
69 406; 70 422; 72 330 e 75 535.

PRÉMIOS AOS ALCARISMOS FINAIS

15.000\$00 — 064; 477 e 909
12.000\$00 — 007; 235; 418; 548; 555; 594; 687; 782; 789 e 917.
6.000\$00 — 83 e 86
2.640\$00 — 4 (terminação)

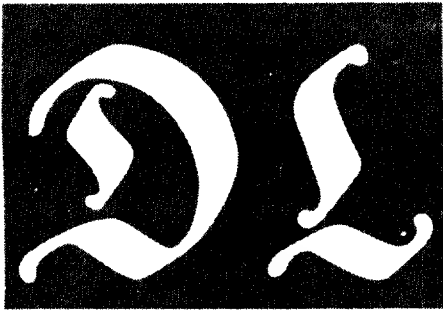
PRÉMIOS DE 6.000\$00 (CENTENAS)

7 901 a 8 000; 60 001 a 60 100; 65 401 a 65 500.

NOTA: O direito aos prémios prescreve-se a 09/10/82

ESTA INFORMAÇÃO NÃO CONTEM A AGREGAÇÃO DE PRÉMIOS,
NEM DISPENSA A CONSULTA DA LISTA OFICIAL

Lisboa, 08/10/81



GARCIA MÁRQUEZ AO «DL»

«Feliz, eu...? Isso era dantes quando ninguém me conhecia...»

Entrevista de Eugénio Alves



Desde o que se refere ao nível de vida — que é algo que se nota extraordinariamente bem — a outros aspectos. Há todo um processo de melhoria, de maturidade na Revolução cubana que é evidente. O estado de tensão que o bloqueio norte-americano produziu durante muitos anos foi ultrapassado pelos próprios cubanos. E neste momento não existem, não se fazem sentir as consequências que os Estados Unidos esperavam tirar desse bloqueio.

DL — E Fidel?

GM — Em primeiro lugar é, para mim, um excelente amigo, de quem gosto muito. E sempre que cá venho falamos longamente sobre literatura. Por outro lado é, como todos sabemos, um dos grandes líderes do nosso tempo.

DL — É verdade que esteve muito tempo a preparar um livro sobre Cuba e que desistiu?

GM — Eu pretendia escrever um livro sobre a vida quotidiana de Cuba durante o bloqueio norte-americano, onde coubessem todas as pequenas fórmulas caseiras que os cubanos inventaram para sobreviver ao bloqueio. Mas não me limitei a isso. Procurei ir mais longe no aprofundar da

*Con un Saludo muy cordial para
Mis 35 amigos del DL de
Huelva,
GABRIEL
1981*

As cinco em ponto de um tranquilo sábado de Havana bati à porta do quarto 2001 do «Riviera», um hotel de muitos andares, magnificamente instalado sobre a imensa baía azul. Um colega cubano avisara-me: «Olha que o tipo tem a mania da pontualidade». Gabo — como o tratam os amigos — veio abrir. «Tu não serás da CIA?» — pergunta, meio sério. Mercedes, sua companheira, estirada num cadeirão junto da janela que dá para o mar, sorri, já habituada ao estilo da recepção. «Nunca se sabe» — replico no mesmo tom. Enquanto nos sentamos, Gabo explica-se: «A gente tem que contra-atacar, tem que atrapalhar o entrevistador...». Pergunta-me por Cardoso Pires, Maria Belo e Melo Antunes, seus amigos portugueses. Dirá, mais adiante, que Gil Vicente e Fernando Pessoa são dois dos poetas que mais admira. Dois versos de Gil Vicente, viveram, aliás, papel importante na criação da «Crónica de uma Morte Anunciada», seu último romance. Digo-lhe que gostei muito do livro e que prevejo um êxito comparável ou superior aos «Cem Anos de Solidão». Parece de acordo. Fala pausadamente, procurando as palavras certas. Os 53 anos, bem vividos e famosos, pesam-lhe no rosto cansado e nos já numerosos cabelos brancos. Considera-se mau crítico dos seus livros. E se dizem que as últimas obras («Outono do Patriarca» e a «Crónica...») se afastam do mundo alucinante e mágico de Macondo, responde tranquilamente que Macondo «mais do que um lugar geográfico é um estado de espírito», ainda vivo e real no Caribe e na América Latina. Falamos do livro, das «Memórias» que já começou a escrever, do Encontro de Intelectuais de cujo Comité Permanente faz parte, de Fidel, de Reagan e da felicidade. Gabo, afirma continuar a ser «um dos dezasseis filhos do telegrafista de Aracataca». E quanto a ser feliz: «... Isso eu era dantes, quando ninguém me conhecia».

Encontro de Havana

DL — Pensa que a carta dos intelectuais norte-americanos saída do Encontro de Havana terá a repercussão e a adesão pretendidas?

GM — Estou quase certo que sim. Sou dos que defendem a necessidade de uma cada vez mais estreita colaboração entre os intelectuais norte-americanos e os latino-americanos. Talvez como resultado ainda da herança ou de uma certa nostalgia colonial, temos a tendência de trabalhar sempre junto da opinião pública europeia. Eu creio que se trata de uma opinião pública muito importante, mas,

para nós, a opinião pública norte-americana, está mais dentro, talvez da nossa civilização, compreende-nos melhor, e tem-se mostrado, em determinadas circunstâncias históricas, ser capaz de estar do lado da razão e opor-se à loucura do seu Governo.

Creio que uma estreita colaboração entre os intelectuais norte-americanos e latino-americanos pode ser muito útil e vamos avançar. Aliás, de entre os projectos do Comité Permanente, destaca-se a preparação de uma reunião com intelectuais dos Estados Unidos para troca de pontos de vista.

Cuba

DL — Você diz que Cuba está diferente desde que saiu de cá, há alguns anos. Que diferenças o impressionaram mais?

GM — A primeira vez que vim a Cuba foi em Janeiro de 1959. Começara a Revolução. Depois vim cá periodicamente e, ultimamente, venho três a quatro vezes por ano. E sempre tenho notado diferenças, progressos.

«ROMANCE DE AMOR E ÁGUA»

«Romance de amor e água» e um poema de José Viale Moutinho, publicado em separata no boletim municipal n.º 3 de «O concelho de Paredes». Uma fracção (mínima) do poema: (...) «abram os olhos húmidos ó gente de/hera e musgos ó rostos raros da/lua afastai todo o inverno dos cor/nos da magia por vinte dedos (...)» O longo poema (curiosidade...) tem uma ilustração do poeta Luís Veiga Leitão. Que se reproduz, para que conste e ajuda ao perfil de LVL.



realidade cubana. E aqui, em Cuba, deram-me todas as facilidades para investigar a fundo essa realidade, até que cheguei, a um ponto em que possuía uma tal quantidade de material que perdi um pouco a perspectiva inicial e deixei as coisas assim. Tinha a sensação de que a evolução da situação cubana ia sempre à frente do livro. Mas boa parte desse material, dessa rica experiência, fará parte importante das «Memórias».

DL — Acredita que Cuba possa ser invadida pelos EUA?

GM — Creio que da sua actual Administração tudo é de esperar. E estou absolutamente seguro de que se a situação polaca atingir um ponto mais grave, a primeira réplica dos EUA será contra Cuba.

DL — Que pensa de Reagan?

GM — Está a ser muito mais perigoso do que temíamos. Mas, ao mesmo tempo, creio que não devemos aterrorizarmo-nos. São tais as loucuras que ele anuncia e está a planear, que a própria realidade actual o impedirá de as realizar. Ele e a sua

Continua na pág. 4

LETRAS ESCANDINAVAS LETRAS ESCANDINAVAS LETRAS ESCANDINAVAS

Política e terra

«Diário de um amante», romance publicado na Primavera passada pelo escritor sueco Sven Lundqvist, é um livro sedutor que apaixonou os leitores escandinavos. E que os surpreendeu também enormemente.

O autor descreve, a partir de notas do seu diário íntimo, a sua vida conjugal, as suas relações com a mulher como se bateu para a conquistar, como ele sente o amor que lhe dá, etc. Anteriormente, Sven Lundqvist, especializado em ensaios políticos, falara da China, da América Latina, da Suécia, do ponto de vista de um social-democrata de esquerda. Como explicar então o «Diário de um amante» que nada tem de especialmente político?...

Em todos os países nórdicos ocorreu um debate, nos últimos tempos, a propósito do «romance político». Este surgiu nos anos 60, em consequência da revolta dos jovens e da radicalização geral da época. Muitos

escritores e críticos sentiram então a necessidade de intervir na vida social a fim de a modificar.

Ao mesmo tempo, rejeitava-se o modernismo que tantas vezes afastara a literatura do público, os processos formais tornaram-se em certos escritores mais importantes do que o que eles tinham para transmitir. Daí o florescimento de toda uma literatura operária que, para ser boa no plano ideológico, era muitas vezes má no plano literário. Essas tendências provocaram por seu lado uma reacção de que é testemunho o romance de amor de Sven Lundqvist.

A situação actual surge com mais clareza à luz de um debate que se realizou na Noruega no Outono passado. Como o director da maior editora norueguesa, Andreas Skatveit, tivesse afirmado que a literatura estava prestes a voltar aos temas eternos «o mar, a morte e o amor»

houve quem se equivocasse sobre as más intenções.

Julgaram que Andreas considerava a literatura política, enquanto tal, no declínio. E objectaram-lhe nós morremos nesta sociedade, amamos aqui será que o amor e a morte não são políticos?

Nos antipodas da pura literatura de agitação, «O diário de um amante», no qual Lundqvist fala abertamente dele, da sua vida amorosa, dos sonhos, das decepções, e das alegrias da sua juventude, é característico de um outro aspecto das letras nórdicas de hoje, a literatura dita «de confissão». Nos seus últimos livros, Suzanne Brgger, escritora dinamarquesa, faz o relato detalhado da sua vida, citando pelos nomes os homens com quem fez amor, e que são mais conhecidos na Dinamarca de hoje. Na Finlândia há uma franqueza de todo impiedosa no romance de Henrik Tikkanen e na poesia de sua mulher Marta.

Mas Suzanne Brgger não representa o conjunto da literatura feminina, que é muito importante na Dinamarca provavelmente mais forte que em nenhum outro país nórdico. Dea Trier Mrch dava outra imagem no seu romance «Filho do Inverno», em que descreve o transtorno que é para uma mulher pôr um filho

LARS GYLLENSTEIN

Escritor sueco de primeiro plano, nascido em 1921, laureado com o prémio Formentor 1967, secretário perpétuo da Academia Sueca desde 1977, Lars Gyllenstein é autor de uma obra abundante composta de romances, novelas, poemas e ensaios. No topo da obra, encontra-se uma trilogia de que se conhece hoje em francês os dois primeiros volumes: «Infantaria», que apareceu em 1969, e «Juvenilia», recentemente publicada. O terceiro volume intitula-se «Senilia».

Em «Juvenilia» surgem vários personagens, entre eles Torsten Mannellin, que é médico, Evert von Pierow, escultor, e Erik Vinckler, engenheiro. Acontecimentos fortuitos aproximam-nos, mas insidiosamente. Quanto mais se avança na leitura, mais nos metemos num «puzzle» alternadamente patético e errisório e mais nos apercebemos que estas personagens são as máscaras do autor.

O romance é constituído por historietas, cartas (nunca

enviadas, é verdade) notícias, acotadas imagens truncadas, quebradas outras, com o objectivo de fazer gem e de tornar assim a literal significativo que Strindberg e Eke «Juvenilia» e que a son. ra de K llimiar desta estranha narrativa...

Lars Gyllenstein tem sido pessimismo excessivo. É preciso por exemplo, que «Juvenilia» test pela criação.

Aí adivinhámos o universo do tual em que o desespero e a moral movimento simultaneamente «adi que não se sabe bem se gela ou s que ninguém o pode ler com indi

no mundo. No seu último romance, «Centro cidade», faz uma crítica à sociedade burguesa, como mulher e como comunista.

A jovem norueguesa Liv Koltzov encontra-se numa posição bastante próxima, embora não seja comunista. No seu romance «Curso homem» (1980), mostra que mesmo as teorias progressistas podem acabar na manipulação e numa luta desonesta pelo poder se a teoria não estiver integrada na vida.

A ala esquerda dos futebolistas

Um romance trata largamente dos problemas da geração da revolta. É «O anjo do futebol», do dinamarquês Hans Jorgen Nielsen. Que tinha o futebol a ver com a evolução da esquerda nos anos 70? Nem por isso poucas coisas, responde Hans Jorgen Nielsen, que mostra os laços entre o futebol e a política entre a sexualidade e a teoria marxista, entre o mundo dos homens e o movimento das mulheres. Mas o

tema central do livro é a relação entre a história do indivíduo e a história propriamente dita, entre o passado e o presente: a geração de 1968 assistiu ao afundar das esperanças radicais demasiado utópicas, mas nem tudo está perdido e Hans Jorgen Nielsen não abandona a luta.

O excelente escritor norueguês Kjartan Flogstad ajusta também as suas contas mas numa maneira completamente diferente: cresceu numa pequena cidade do ocidente da Noruega e mostra-se muito pre-



Natureza morta, de André Demain

A NATUREZA MORTA DA PINTURA CLÁSSICA

Antes de mais porquê este nome: **naturezas mortas**? Será que nestes quadros a «natureza» (a realidade, o referente) é abatida («mise à mort») — ou que neles da «natureza» se dá uma imagem já decomposta (uma excessivamente nítida «impressão fotográfica»)?

Talvez a primeira coisa a escrever a propósito destes quadros seja que: o que neles em primeiro lugar morre, aquilo de que se encerra a «gala» ou o (limitrofe) espectáculo é a própria «**pintura**» (tal como era concebida pela «teoria» naturalista e realista clássica). Morta a

pintura com ela se abate, em segundo lugar, a concepção «vitalista» (convencional) do referente (i.e. no quadro, além da «teoria» da pintura morre também a «natureza» referencial).

Ao escrever que é a representação da pintura clássica (herdada do Renascimento) que antes de mais morre nestes quadros pretendo insinuar que, neles: a) o referente (se quiserem o «tema») adquire um grau de arbitrariedade extrema (ele é, dir-se-ia, «ultimado»; isto é, levado às suas últimas consequências, forçado a fazer a experiência do seu limite,

que é uma morte («mise à mort») física e táctica) (b) ao mesmo tempo o trabalho significativo (formal) da obra é concentrado, de um modo global, em cada uma das suas partículas (unidades pictóricas ou figurativas) mínimas (ou seja cada pormenor da tela reproduz, num «corpus» em certa medida sempre restrito, o problema — eminentemente teórico — da construção da obra e do sentido).

Nestes quadros temos assim uma situação extrema: uma máxima arbitrariedade do figurado (do ponto de vista da teleologia «realista») e um

sobrecarregado exercício de efeitos de estilo.

Usando a terminologia linguística tradicional (a de Saussure) diremos que nestes quadros se cava um fosso (que também é o seu túmulo, profundo) entre o significante e o significado: margem de manobra, instância de ruptura que dá ao mesmo tempo para o Nada (a ausência de qualquer necessidade contígua entre a forma e o sentido) e o Infinito (a possibilidade, então entreaberta, já à beira do abismo, de uma **prática** que não limita já nenhuma contensão do sentido).

Entre um Nada (que é também o fim, a morte da pintura clássica «realista») e o Infinito (o **gesto** efémero, acaso irreparável todavia, que é só por si, do ponto de vista do Absoluto, o **acto** da pintura) — **estes quadros**: onde simulacros, figuras (umas vezes perdidas, outras esquecidas, quase sempre colhidas no interregno ou pausa do seu uso e exercício — ou então, já nos seus contornos cores vivas pelo tempo nas suas poeiras envolvidas e esbatidas); onde «erzats» de frutos, cálices, restos de corpos (também eles desconstruídos — mãos, braços — mas nunca conclusos), e peças de caça com alimentos (crus ou cozidos): em que vestes e roupas, objectos sólidos se misturam e confundem (como na tela de Holbeim, **Os Embaixadores**) com volumes heráldicos, mapamundis, instrumentos de música, pedaços de armaduras, livros) — telas, em que esses objectos depois se depõem sem grande ou todo o sentido: Ó, estes quadros do destino das formas (que se finam) cristalizam e, tornando-o mais visível, por fim fazem-no vir à superfície!

Situação dúplice mas de modo algum ambígua e de que resulta, para nós, grande

parte do seu fascínio. Fascínio que diremos mesmo em última análise **positivo**: porque mais do que a acta retórica da morte de um sentido (ou a certidão de óbito de uma «teoria», ou pintura) estas telas colocam-nos, tornam possível, ainda que de um modo difícil fazem intuir a **possibilidade real** de uma prática infinda (sem fins nem limites) e que é tanto a Vida como a Pintura!

Morte da Natureza Vida da Pintura. Vive a Natureza quando morre a pintura. Verdade dúplice verdade dupla. Quadros vivos / Naturezas mortas. **Verdade Inúmera!**

Como se a morte (mise à mort: **execução**, pelo menos em dois sentidos: o de abater (alguma coisa, algo, ainda vivo) e o de fazer completar o interrompido)), como se a morte da «Natureza» possível tornasse a Vida da Pintura.

Porque designo então por «**naturezas-mortas**»: a) muitas paisagens; b) retratos; c) «**cenas de interiores**» (p. ex) da pintura holandesa do século 17 (ou de Hogarth, Longi)?

Faço-o porque nestes quadros um determinado tipo de pintura se autocontempla (se reconhece como reflexo estagnado e improdutivo) e fina.

A **paisagem**, por exemplo, é o dejecto do fictivo — do tema alegórico que explica // JUSTIFICA O QUADRO E A PRÓPRIA PINTURA. Especular, ela confronta com o seu Nada a pintura — apresenta, para logo o desmascarar o seu objecto em falta (sinal/eco de uma vacatura). O pintor — pense-se em Rüysdadell — ao tomar para matéria do quadro a paisagem assinala, sobretudo, uma exclusão (temática) no domínio do sentido: o seu gesto é o de uma negatividade (ainda que produtivo). Rüysdaell pinta uma paisa-

gem para a tela subtrair ao investimento de um «outro» sentido (alegórico ou simbólico, metafísico ou realista); mas ao subtrair à pintura o pretexto de um objecto fictivo o pintor, porque o melhor falta, vira-se para aquilo que na pintura é o **momento da prática** (a transformação significativa dos enunciados teóricos // retóricos que do quadro constituem o «falso-fundo» — a física que é também a sua superfície).

Do mesmo modo a reprodução de alguns **retratos** transforma-se nesse período numa prática caligráfica (póstuma: em que se finalizou e de que se fina todo o sentido). O «retrato» ao homem determina e para sempre fixa uma imagem (com o cuidado próprio destas coisas) no mostruário da «morte» esco-



«O arr

CANDINAVAS LETRAS

acontecimentos... São outras
bradas, mas próximas umas
e fazer surgir uma nova ima-
tura de novo possível. É
Ekelof sejam convocados em
Kiergaard se desenhe no

o muitas vezes acusado de
isso ver melhor. É manifesto,
estemunha também a alegria

do autor: um mundo intelec-
tral trocam de máscaras num
dico e dialético. É um livro
e se queima. O que é certo é
ndiferença.

HUBERT JUIN

ocupado com o desenvolvimento
e as consequências da industria-
lização. Em «Fogo e Chama»,
Flogstad que foi o mais jovem
laureado do prêmio literário do
Conselho Nórdico, penetra na
história do seu país, ele próprio
conheceu a vida de operário, de
marinheiro e de estudante. É,
além disso, um dos noruegueses
melhor informados sobre a litera-
tura da América Latina. A enver-
gadura da sua experiência
fornece-lhe uma vasta matéria.
Evoca também a revolta operária
como a música rock.

Continua na pág. 4

lhida. Daí que os rostos des-
tes homens e mulheres hoje
mais nos pareçam fantas-
mas, emissários de outro-
mundo perdidos e ignora-
dos neste, aquém dos qua-
dros... Pintura de morte. E
tanto dos corpos como do
ambiente moral (o formol es-
quisito) em que eles evo-
luem. Execução, portanto,
tanto de um Tempo como da
sua Pintura.

No entanto, em qualquer
dos casos é a inaniidade, o
esgotamento, a ausência
(sobrecarregada) dos signifi-
cados que põe a claro («a nu-
dir-se-ia, por ironia) o ma-
terial exercício do signifi-
cante que é toda a pintura.

É a execução específica
(do signifiante) do quadro
que abate tudo o que nele, de
um modo tradicional significa
mas o inverso deste sentido

(que se escusa) não é ainda o
Nada, contudo. Fica-nos
(fixa) na Vista /na Vida a sua
marca caligráfica (irreduzível
resíduo: carácter, linha, es-
trutura pelo trabalho a ser
transformada na prática, re-
escrita...) (**)

(*) O referente a que aqui me refiro,
contudo, é retórico e não «realista».
O sentido alegórico dos signos é
aqui assumido como uma estru-
tura do signifiante, relativamente
abstracta, funcionado em termos
de repetição de estrutura, e retó-
rica. As antigas unidades de signi-
ficado actuaes na produção do
sentido da obra funcionariam
assim não tanto em si mas como
estruturas («lugares comuns?»)
retóricas e figurativas.

(**) Este pretende ser o primeiro
de uma série de artigos sobre di-
versos «tipos» de naturezas mortas
(de acordo com o sentido atrás re-
ferido).

Fernando Guerreiro



armazém», fotografia de Steve Benbow

UM POEMA INÉDITO

de José-Alberto Marques
«AFTER EIGHT A POEM»

à nuvem cérebro rigor
ao pássaro longo do espaço
caminho do dorso na asa
a fase na face dispersa

o ritmo do piano ao quartzo
por sobre súbito o sabre
a longa distância da morte
no corte extenso pelo corpo

o líquido ó áspero o aspecto
a sombra no ombro ao redor
que rosto suspende o acaso?
quem sonha no corpo o sabor?

José-Alberto Marques



EXÓRDIOS (III)

1. Saber se o tempo que passa enlaça ou deslassa, que finca se não desfinca, que funda se não defunta...
Se tempo é percurso, ou paralelo dos percursos.
Se discurso, ou repouso dos discursos.
Se decurso só sem nada.

2. À memória vem sempre a esfera preta, azul casulo, ou fuma funda em que se ouve o rumor das correntes e os morcegos são estranhamente de cor.

3. Supondo que o tempo a que se volta (transcurso) é dito por delicadas máquinas, relógios, por exemplo, para onde aponta a ponta do tempo?

4. A dúvida insere-se no tempo, o perfaz, porque é sempre a de um tempo que não se (per)fez.

5. O cego não sabe se o próprio passo o precipita e a cada passada diz vitória, passei! Assim marca o tempo. Lúdico gozo, ainda assim. Mas se houver precipícios ao lado ele não os vê.

6. Naquele velho manuscrito quebradiço, encontrado, foi visto que Ulisses estava enganado e que Ítaca nunca existiu. Ou que Ulisses só (per)corria porque sim. Mas qualquer um precisa de um boa razão para percorrer, porque sendo homem não faz nada sem razões. Ainda que falsas (sobretudo isso).

7. Cabe saber se as Ilhas estão no percurso ou se o percurso é ao lado, e as ilhas distração dele, desliza. Mas se a Ilha desliza

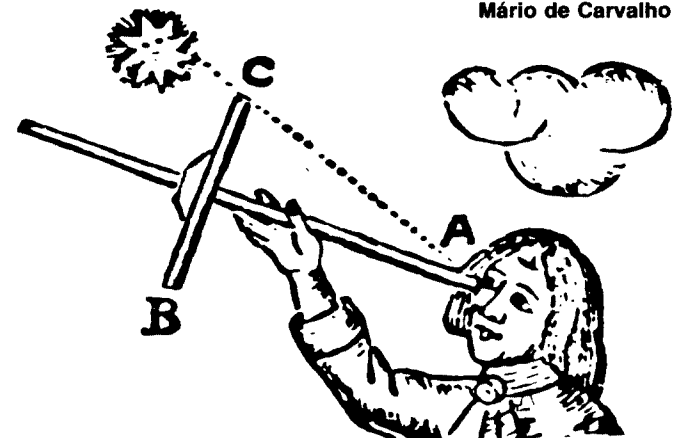
desfazem-se as regras e poderá ser o percurso a distração das ilhas.

8. Que contém aí o tempo? Uma célula precisa de ser contida, para que célula seja, a membrana a defina. Mas o tempo em membrana é só membrana que ficou, e dos limites só fica a memória.

9. Há que declarar a descoberta que todo o tempo já foi, mesmo o que há de vir, o que alimenta a paciência de esperar, atender.

10. Sejamos porém alegres e consideremos tudo bem bom. Casando a alegria com o tempo temos roxos quadros de palhaços e apetece partir sem ter para onde.

Mário de Carvalho



LIDO E A LER

A FESTA EM AGOSTO, de EURICO DE SOUSA, é um grosso volume de mais de três centenas e meia de páginas, e um vasto repositório textual abrangendo quase trinta anos de trabalho de escrita. Situações assim em que um autor, por volta dos cinquenta, tira os

papéis da gaveta para os mandar compor e imprimir e divulgar reunidamente em livro — não são hoje em dia muito comuns, e representam um risco considerável para quem nele se implica, se (como no caso) não se trata de produção onde estejam patentes qualidades excepcionais, mas apenas, e por vezes, em alguns textos, em alguns passos, um consequimento mais vivaz de

linguagem alternando de certo modo a custo com banalidades e vulgaridades habituais já ouvidas (lidas) em tantos outros que se anteciparam no tempo e chegaram mais aos lugares do impasse e da saturação — de determinados temas, certa metafórica e certa imaginística, um vocabulário, um formulário, certo (incerto) número de determinadas formalidades expressivas. É certamente difícil (até mesmo penoso) ler todo um livro como este, a partir de dada altura: passa-se então pelo que falta ler um olhar demasiado apressado, e a impaciência pelo fim, em que a paciência necessária para ler inevitavelmente se torna, é então um factor prejudicial, e de peso, na impres-

são com que se fica. Digamos que a obra do autor não tem tanto interesse como o «caso» que o autor se pode considerar (pode ser considerado, e deve) e a publicação deste livro (com seu quê de transgressivo ou escandaloso, mas sobretudo de excessivo e impressionante, pelas proporções) nos propõe. Revisitam-se aqui os lugares mais comuns da poética surrealista onde o pendur reflexão ou inflexivo nunca chegou a entender-se razoavelmente com a propensão insensata para o metafórico imaginário. Há uns vinte, vinte e cinco anos (quando os poemas mais antigos foram escritos), a linguagem do autor produziria outros efeitos — pelo menos efeitos suspen-

sivos quanto a um futuro de eventuais evoluções. Hoje o contexto em que esta espécie de primeiro volume da obra poética completa aparece está longe de ser (ou parecer que seja) favorável a que tais efeitos se produzam ainda. E é pena, porque, em muitos e muitos passos de não poucas peças deste livro são mais do que sensíveis (evidentes) algumas potencialidades que não houve uma capacidade forte para revelar a tempo e consequentemente. Talvez o trabalho mais recente do autor nos venha a pôr em causa esta impressão tão pouco consistente como, aliás o que parece estar feito neste livro. Oxalá.

L. M. R.

ENTREVISTA

Garcia Márquez ao «DL»

equipa fazem projectos, mas fazem-nos sem tomar em conta um aspecto importante que é essa realidade que não lhes permitirá chegar aonde desejam.

DL — A nova situação em França terá nisto influência?

GM — O triunfo de Mitterrand foi, de facto, um acontecimento feliz. Sobre tudo por ter tido lugar neste momento e constitui, por si

na morte de Santiago Nasar, meu conterrâneo, de ascendência árabe. Mas o tempo passou e praticamente esqueci a história. Porém, há uns dois anos fui convidado a ir a Argel, por motivo do aniversário da Revolução. E estava no aeroporto de Argel quando entrou um monarca árabe, que levava no braço um falcão. E, assim que o vi entrar,

tava a escrever um livro, que era um livro que me estava a entusiasmar, que ia ser um livro extenso e que me ia agradar muito. De modo que, também agora não me atrevo a dizer nada. Nunca se sabe.

«Quanto às «Memórias», eu penso que já estou maduro para escrevê-las. Normalmente o que acontece é que os escritores escrevem as «Memórias» quando já não se recordam de nada. E eu quero escrevê-las com todos os meus dados bem presentes, bem frescos».

DL — Acabou o jornalista?

GM — Não. Creio que as duas profissões são, perfeitamente, compatíveis. Há precisamente um ano que escrevo um artigo semanalmente para um jornal de Bogotá, «El Espectador», que sai aos domingos e que é transcrito, depois, em muitos outros jornais. Esse trabalho tem-me sido muito útil porque quando termino um livro, passa muito tempo primeiro até que comece outro. E, durante esse espaço de tempo, perco a prática da escrita. Então esta pequena nota semanal permite-me manter a mão quente.

DL — Além de Gil Vicente, que outros poetas aprecia?

GM — Bom, não é fácil lembrar-me de todos. Mas há ainda S. Juan de La Cruz, Quevedo, e antes deles, Homero, Dante, enfim seria uma longa lista. A Humanidade sempre produziu grandes poetas. Um deles, é sem dúvida, Pessoa. Gosto muito de Pessoa. Algum dia escreverei um livro com uma epígrafe de Pessoa...



DL — Conhece outros escritores ou poetas portugueses?

GM — Há o Camões, sempre vivo. O Cardoso Pires que é um grande amigo meu. Mas confesso que não conheço outros. Aprecio muito as cartas de Mariana Alcoforado. Julgo que se lêem pouco agora, não? Há, julgo uma outra grande poesia que existe em Portugal: a poesia das suas canções, dos fados. Como diria a Maria Belo, uma intelectual portuguesa que muito estimo, a poesia anda por todo o lado.

«Devo muito a Hemingway»

DL — Há quem o considere exageradamente hemingwayano...

GM — Publiquei, recentemente, no «New York Times»,

um artigo sobre Hemingway. Aí digo que, para mim, o mais importante de Hemingway foram os conselhos que ele deu para escrever. Creio que muitas das coisas que fiz como escritor as devo ao seu método, aos seus conselhos. De todos, o mais importante é o «não terminar nunca o trabalho de hoje sem saber como começar o de amanhã». É, sem dúvida alguma, o melhor remédio para o mais terrível dos fantasmas dos escritores: a agonia matinal, face a uma página em branco. Se se termina o trabalho de hoje, ou se deixamos uma pequena frase que será o princípio do trabalho de amanhã, poupa-se muito tempo e evitam-se períodos de grande tensão.

«Ensinou-me, também, que muitos escritores dão cabo da cabeça tentando criar diálogos que se pareçam com os da vida real porque não sabem que, na literatura, os diálogos apenas são reais quando são literários. Ensinou-me, finalmente, que uma obra pode ser revolucionária por si mesma, pelo seu próprio valor e pela sua própria força».

DL — A fama, o êxito, o dinheiro não alteraram o seu modo de viver, a sua maneira de ser?

GM — O mal da fama é que dura 24 horas por dia. Se houvesse possibilidade de carregar num botão e dizer «Agora sou famoso, célebre», e outro «Agora não sou famoso», então estaria tudo bem. Mas a fama dura as vinte e quatro horas. Então tenho de estar sempre a defender o tempo para os meus amigos. É que o que me dá mais trabalho é ter sempre de defender o tempo para dedicar aos meus amigos e não o ceder a ninguém a não ser aos meus amigos. Então, nas piores circunstâncias, nos momentos mais ocupados, quando as solicitações são maiores, mesmo aí, o tempo dos meus amigos é para ser passado só com eles. Por isso tenho sempre muito trabalho. As entrevistas, por exemplo, tenho de as ir repartindo pelo tempo de modo a que elas não venham ocupar o tempo dos meus amigos. E refiro-me às entrevistas, não porque isso me aborrecia mais que outras coisas, mas porque aos jornalistas não sou capaz de dizer que não. Além disso, nunca dou uma entrevista à imprensa, pois penso que os jornalistas merecem, já que se interessam por nós, que lhes dediquemos tempo e calma. Mas é tão difícil arranjar tempo para tudo...

DL — Espera voltar ainda a Colômbia?

GM — Eu sou optimista. Creio que as coisas mudarão na Colômbia, que melhorarão. Provavelmente não mudarão por completo. Mas penso que a situação chegou a tal ponto que, ou se desmorona tudo, ou então muda. Enfim, creio que as coisas melhorarão e então voltarei à Colômbia. Haverá um novo Governo a partir de 7 de Agosto do próximo ano e espero estar lá logo no dia seguinte... Sou optimista.

DL — E é feliz?

GM — Não, isso não se é nunca. Ou melhor, isso eu era dantes, quando ninguém me conhecia...

Eugenio Alves

AS LETRAS EM DIA

VÍTOR CASTRO FERREIRA: «MARÉ VAZIA» — Segundo livro de poemas, e não se vê a que distância porventura se situa do primeiro, «Desencanto», de há dois anos. É aquilo assim como fazem as dezenas, centenas ou mesmo milhares de portugueses mais ou menos letrados e lidos ou versados na grande tradição lírica nacional, sem outras ambições além de publicarem pelo menos um livro. Têm todo o direito em relação a isso, evidentemente. Diremos mais: o que eles fazem não é coisa menos importante do que o que fazem (dizem) os políticos, os gestores, os locutores, apresentadores e entrevistadores da televisão — na generalidade dos casos, já se vê.

ENTRE OS LIVROS que a Imprensa Nacional-Casa da Moeda deverá lançar esta época, e na sua colecção Temas Portugueses, figuram alguns de alguns críticos e ensaístas portugueses dedicados à literatura. «Estudos sobre Vergílio Ferreira», de Helder Godinho, é um desses títulos. Outro, «Temas de Literatura Viva», de Manuel Poppe. A IN-CM deverá publicar ainda um volume de estudos da brasileira Cleonice Berardinelli, «Estudos de Literatura Portuguesa», uma reedição de «Hospital das Letras», de David Mourão-Ferreira, «Críticas e Crónicas», de João José Cochofel e quatro livros de teor científico: «Colonização de Angola e o seu Fracasso», de Orlando Ribeiro, «Ortografia e Origem da Língua Portuguesa», de Maria Leonor Carvalho Buescu, «As Fontes de Duarte Pacheco Pereira no Esmeraldo de Situ Orbis», de Joaquim Barradas de Carvalho, e «Região, Cultura e Desenvolvimento quatro estudos sobre teoria e prática da política cultural», de José Maria Cabral Ferreira.

«DISPERSOS FRAGMENTOS», de José Sá Marques, é um livro de poemas de grande generosidade — e que por essa grande generosidade unicamente se fica. Capa (e retrato do autor) por Dorita Castel Branco.

COLÓQUIO / Letras: saiu o número 62 desta revista da Fundação Gulbenkian. Do corpo textual destacam-se, em regra, a ensaística, e, neste caso, um escrito sobre a «mensagem», de Carlos Castro da Silva Carvalho, e outro sobre Cochofel, de Fernando J.B. Martinho. Entretanto a revista dirigida por Jacinto do Prado Coelho e secretariada por Luís Amaro, sem alterar a

sua habitual estrutura, criou duas novas secções: «Livros sobre a Mesa» e «As Letras em Trânsito». No primeiro caso, trata-se de registos breves sobre livros, mais curtos do que as recensões — que continuam a sair. No segundo caso, trata-se de notícias.

● **O ÚLTIMO ROMÂNTICO**, assim se titula o terceiro livro de poesia de José Agostinho Baptista. Salu na Assírio e Alvim, e é o regresso do poeta à casa que lhe lançara já o livro de estreia, «Destes Lados Onde», em 1976. O segundo livro de José Agostinho Baptista, «Jeremias, o Louco», data de 1978 e foi publicado pela Centelha, de Coimbra.

● **DO LADO DE DENTRO** é o título do livro de estreia de Manuel Cintra, recente lançamento da Presença na sua colecção Forma (onde o nome do autor passa a figurar ao lado de Joaquim Magalhães, Fernandes Jorge, Ruy Belo, Mário Cesariny, Daniel Filipe, Mayakowski, Eduard, Bertolt Brecht). Manuel Cintra, os leitores deste suplemento conhecem-no de alguns textos que ele tem aqui publicado.



«A KONKHAVA DE FETI», do angolano Henrique Abranches, é um novo lançamento de Edições 70. Ensoçado, quando o autor se encontrava preso na cadeia de S. Paulo em princípios da década de 60, e escrito em 1979 sobre o manuscrito original, que andou perdido cerca de vinte anos, este livro é uma narrativa que assenta nas lendas e na mitologia do povo do sul de Angola. Diz o próprio Henrique Abranches: «Vinde ouvir a História verdadeira do nosso povo, que é também a mensagem de força e de amor que temos para dar ao mundo». O título do livro significa «machadinha da sabedoria». Colecção Autores Angolanos.

Letras escandinavas

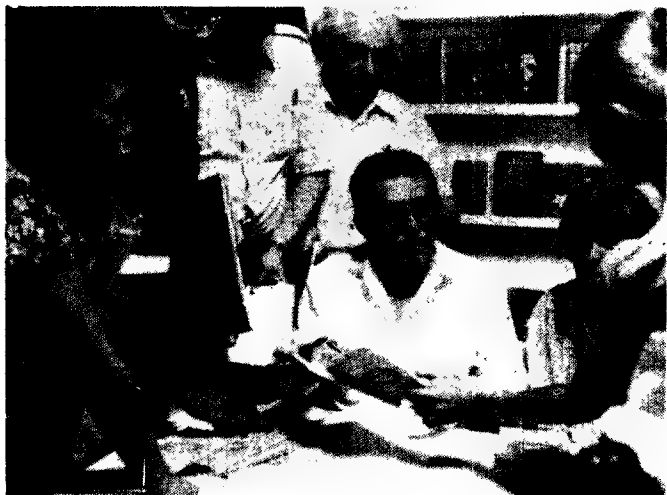
Continuação da pág 3

o belo ciclo romanesco em que trabalha neste momento narra com precisão e conhecimento profundo, a Suécia «marginal». Aí vemos um povo de trabalhadores a contos com uma natureza severa, amada e odiada ao mesmo tempo (tomo 1. «O teu servidor escuta», tomo 2. «Os filhos da cólera»).

Na Suécia entre os escritores novos que apareceram nos últimos anos, a personalidade mais marcante é sem dúvida a de Lars Andersson, que se notabilizou particularmente com o seu último romance «Luz de neve». Este livro fala-nos também da vida numa aldeia «à margem», mas

totalmente diferente do de Sara Lidman. Aqui a acção desenrola-se nos nossos dias, numa região fechada, onde os modos de vida são regidos por autoridades centrais tão abstractas, tão longínquas, que as pessoas se sentem impotentes. O romance de Lars Andersson cobre um vasto campo entre o realismo e o mito. Torna claro que é finalmente nos mitos que é preciso procurar uma imagem da realidade.

SIMEN SKJONSBERG (Crítico literário do diário norueguês de esquerda «Aftenbladet»)



Garcia Márquez autografando, em Cuba, o seu último livro, «Crónica de uma morte anunciada».

só, um grande inconveniente para os planos de Reagan. De toda a maneira creio que é o princípio de uma cadeia de modificações na Europa. Não faltará muito para que algo semelhante ocorra em Inglaterra e estou certo que, sucessivamente, noutros países.

DL — Incluindo Portugal?

GM — Penso que sim. E estamos desejando esse momento. Na verdade, estamos a assistir a um processo de liberalização noutros países que se opõe a este período de política absurda dos EUA de Reagan. Isso ajudará à manutenção de um certo equilíbrio.

«Crónica...»
e Gil Vicente

DL — «La caza de amor es de altanería» é a epígrafe da «Crónica de uma morte anunciada». Trata-se de um verso de Gil Vicente...

GM — Gil Vicente é um clássico comum, nosso e de Portugal. E digo nosso, porque nós, latino-americanos, consideramos como clássicos nossos os clássicos de língua espanhola. Ora Gil Vicente escreveu muitas das suas obras em castelhano. É um dos poetas de quem mais gosto. A minha formação é fundamentalmente poética. As minhas melhores leituras e os primeiros e mais profundos contactos com a literatura foram, basicamente, com a poesia. E Gil Vicente é, para mim, um dos maiores poetas.

DL — E como enquadra a epígrafe de Gil Vicente na «Crónica...»

GM — Como sabes o episódio que descrevo é real. E eu sempre relacionei, não sei porquê, esse verso não tanto com todo o episódio mas mais ainda com a personalidade do personagem. Ele era realmente um caçador de amor e, além disso, criava também animais de caça alta, falcões. E repara, há um pormenor curioso e aí que as coisas convergem completamente. Eu sempre desejei, durante muitos anos, escrever um livro baseado

lembrei-me do verso de Gil Vicente e lembrei-me, sobretudo do seu outro verso que está citado dentro do livro e que é «Halcón que se atreve con garza guerrera, peligros espera» («Falcão que se atreve com garza guerreira, perigos espera»). Então recordei-me outra vez da história e dei-me conta que a tinha muito viva, muito fresca, e decidi escrevê-la».

DL — Li uma crítica que considera a «Crónica...» como que a culminação estilística de um escritor. Concorda?

GM — Não sei. Tenho pensado muito acerca disso, mas creio que se trata simplesmente da confluência voluntária e procurada das minhas duas profissões dominantes, que são o jornalismo e a literatura. O livro diz respeito a um facto real e, todo o trabalho de acumulação de dados da realidade e da sua organização, corresponde a um método típico de reportagem. Mas o tratamento é totalmente literário. Então creio que se obtém um síntese entre jornalismo e literatura, que era uma coisa que desejava fazer há já muito tempo.

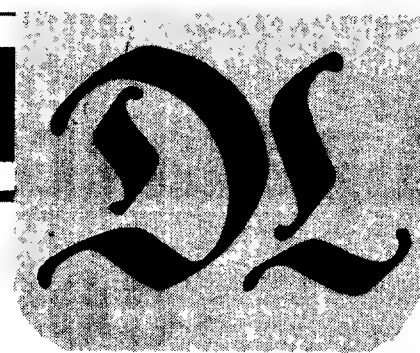
DL — Significará isso que não vai escrever mais livros, ou que se vai dedicar apenas às «Memórias», que diz ter já começado?

Escrever as «Memórias» a tempo...

GM — Isso nunca se sabe. Eu posso dizer-te que não vou escrever mais nenhuma novela por agora e, amanhã, começar a escrever uma. Recordo-me de uma entrevista que me fizeram em meados dos anos sessenta e na qual eu dizia que não tinha projectos para escrever mais novelas. E, dois meses mais tarde, começava os «Cem anos de solidão».

«Tive de telefonar a esse amigo que me fizera a entrevista, não era uma entrevista para a Imprensa, mas sim integrada num trabalho mais amplo e demorado e disse-lhe que afinal es-

SUPLEMENTO ESPECIAL



QUINTA-FEIRA

8 DE OUTUBRO DE 1981

Segurança INDUSTRIAL



Entrevistas conduzidas por Jorge Gomes

Uma palavra que entrou na moda dos nossos dias

Um curto-circuito num cabo de alimentação de uma máquina de escrever provocou um foco de incêndio num escritório da grande cidade. Imediatamente, o alarme anti-incêndio instalado disparou o aviso. O escritório, de pequenas dimensões, não carece de vigilância permanente. O seu proprietário contratou com uma empresa a vigilância em regime de distrito. Esta noite, por sinal, o carro-patrolha ainda não passou por ele.

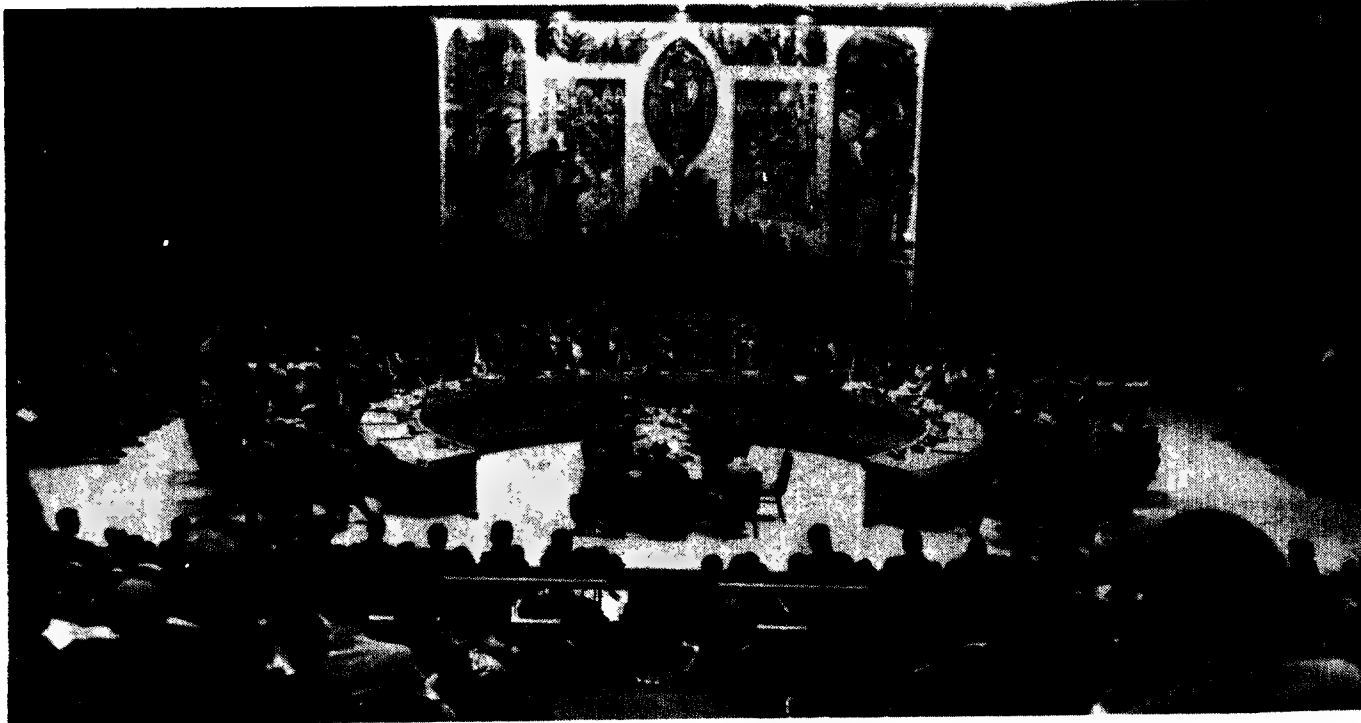
Se tivesse passado, o vigilante de serviço teria verificado imediatamente as más condições do cabo. Ao vigilante compete, de facto, no seu serviço, verificar todas estas aparentemente pequenas e insignificantes coisas: uma janela aberta, uma torneira a debitar, um aquecedor aceso, um cabo mal vestido...

O carro-patrolha ainda não passou, esta noite, mas o alarme está directamente ligado à central da empresa de segurança. Mal disparou, um dos funcionários de serviço verifica que se trata de um alarme de incêndio. O código do painel do sinal diz-lhe quem é o cliente atingido. E o

Para além dos serviços que presta, uma empresa de segurança possui os seus métodos próprios de actuação. São esses métodos, aliás, os grandes responsáveis pelas maior ou menor eficácia dos serviços vendidos a clientes muitas vezes pouco habituados a considerarem os outros devi-

dos pela segurança das suas empresas como francamente justificáveis.

Efectuemos, então, uma viagem ao interior de uma empresa de segurança para vermos como trabalham os homens que vendem tranquilidade.



O Conselho de Segurança da ONU. A palavra «segurança» possui existência antiga e diversificada nas aplicações mas o seu significado permanece inalterável

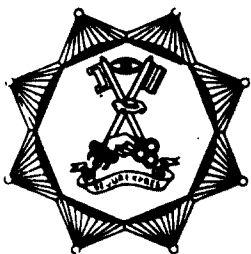
endereço. E qual o carro-patrolha que anda próximo.

Ligado também à central, o vigilante do carro-patrolha recebe indicações imediatas para partir a caminho do escritório sinistrado enquanto que, por outro lado, através da sua ligação directa com o corpo de bombeiros mais próximo, a central desencadeia a acção de combate ao incêndio em perspectiva.

O ciclo completou-se. Se se tratasse de assalto ou de qualquer outro tipo de acidente, a central de segurança estaria sempre pronta a actuar, 24 horas por dia em funcionamento, revezando-se os seus funcionários em turnos de 8 horas.

Missão dos vigilantes

A empresa possui a sua própria cadeia hierárquica. Na base da sua actividade está o vigilante. Este é controlado por um chefe que, por sua vez, responde perante um chefe de brigada. Acima deste está o inspector, que



SEGURASPRESSO

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DE VIGILÂNCIA E TRANSPORTES DE FUNDOS LDA

**24 HORAS
POR DIA
VELAMOS
PELA SUA
SEGURANÇA**



- alarmes
- vigilância permanente
- vigilância por rondas interiores
- transporte de fundos

LISBOA: RUA RODRIGO DA FONSECA, 89-R/C-E
TELS ★ 68 51 45/6 ★ 65 72 23

MADRID: CALLE DE RECOLETOS, 5, 2ºD Tel. 2253815/6/7
LAS PALMAS: LEÓN Y CASTILLO, 389, 5º Tel. 278450
TENERIFE: CALLE S. FRANCISCO, 40, 1º-E Tel. 280100/04
SÃO PAULO: RUA DO TRIUNFO, 59 Tel. 2213895
MACAU: HOTEL LISBOA - Apartado 1039
HONG-KONG: AUSTIN ST., 7
MANILA: PAKAMBU, 89 Tel. 887912

CONTRIBUINDO PARA A DEFESA DA FLORESTA E DAS POPULAÇÕES, COM TODO O TIPO DE VIATURAS CONTRA INCÊNDIOS.



MATAINCÊNDIOS

SOCIEDADE PORTUGUESA DE PRODUTOS CONTRA O FOGO, LDA.

Rua Rodrigues Sampalo, 38-1.º

1100 LISBOA

Telegramas MATÊNDIO

Telef. 575772 - 557857 - 544483

Telex. 15403

controla a actividade das várias brigadas da divisão que lhe cabe, enquanto o seu superior, o inspector-chefe, tem a seu cargo a actividade de toda a filial da empresa em causa.

A missão dos vigilantes é específica e consta do tipo de contrato estabelecido entre a empresa de segurança e o seu cliente.

As vantagens do serviço oferecido são múltiplas, de acordo com aquilo que defendem as empresas do sector:

- compromisso contratual; organização e supervisão dos serviços; possibilidade de mudança do elemento de vigilância; facilidade, em determinado momento, do reforço da vigilância; central de controlo (vínculo permanente à organização); seguro de responsabilidade civil que cobre todos os riscos da actividade; formação do pessoal de vigilância e informação; previsão no investimento; independência em relação ao pessoal próprio; menos um sindicato como interlocutor (o sector possui a sua própria contratação colectiva).

Para além dos vigilantes, a empresa possui, ainda, pessoal especializado na instalação e manutenção de alarmes, uma actividade que está em franca expansão.

Os vigilantes da empresa são obrigados à apresentação de relatórios diários de ocorrências, o que permite um controlo permanente não só do seu trabalho como dos problemas de produção e maquinaria que surgem nor-

malmente no interior de uma unidade industrial.

Gastar para garantir o máximo de segurança

O centro nevrálgico de uma empresa de segurança é, de facto, o seu centro de controlo. A inexistência de tal centro cerceia, à partida, hipóteses de respostas rápidas às ocorrências verificadas.

Para o centro de controlo convergem ininterruptamente as mensagens telefónicas e radiotelefónicas dos vigilantes das patrulhas do «distrito» e do «rondalame», dos controladores de lojas, das equipas dos trabalhadores de valores e de documentos, do serviço de inspecção, do contacto telefónico, do serviço de guarda-chaves.

Ali se opera continuamente a leitura dos painéis de controlo do Securifon (sistema criado pela empresa em causa) — interpretando a sua «linguagem» óptica e acústica — e se atendem os apelos magnéticos do Securitell (um outro sistema que transmite via telefone mensagens de alarme gravadas).

Os centros de controlo são dispositivos complexos, que representam importantes investimentos. Para a empresa, porém, a segurança das instalações que lhe são confiadas implica uma inspecção contínua e uma capacidade de resposta imediata, só possíveis através de centros de alto nível técnico.

A sua formação de terminal de alarmes garante a infor-



O James Bond de Ian Fleming personifica folcloricamente um certo conceito de segurança

mação oportuna a forças policiais e bombeiros, através de linhas telefónicas directas, ou a intervenção imediata das equipas permanentes do serviço de emergência.

Ainda no âmbito dos centros de controlo decorrem os chamados serviços de assistência periódica. Esta assis-

tência periódica executa pequenas tarefas que em regra se transformam em outros tantos pequenos problemas — ligação de máquinas, equipamentos, alarmes, aquecimento, ar condicionado, etc., e certos afazeres deixados em aberto nos vácuos de férias.

Os cofres e casas fortes situados na área de segu-

rança do centro de controlo da empresa são o fulcro da guarda de valores. Ali se depositam os valores que, por períodos mais ou menos longos, os clientes confiam a empresa — dinheiro, títulos, metais nobres e pedras preciosas, obras de arte, etc.

Os alarmes estão na moda

Os alarmes estão, parece, na moda. A empresa a que vimos fazendo referência cria os seus próprios alarmes em centros de investigação e ensaio no estrangeiro (trata-se de uma empresa multinacional, reconhecida internacionalmente como uma das melhores na actividade de segurança).

Assim, os alarmes acompanham a par e passo a evolução científica e tecnológica, integrando as inovações que de algum modo os possam aperfeiçoar.

No nosso país há empresas que se dedicam exclusivamente à criação e instalação e manutenção de alarmes, não desenvolvendo os restantes tipos de actividades de empresas características deste sector. Os números são elucidativos: cada vez mais o cidadão, particular ou não, recorre ao alarme como prevenção.

Aos alarmes é incorporada — no caso da empresa que visitámos — uma «sensibilidade» específica que lhes confere a capacidade de reacção ajustada aos níveis

de protecção pretendidos (tem-se, por exemplo, em conta a evolução dos meios e processos usados pelos delinquentes).

Desde os sensores de estrutura elementar aos circuitos mais elaborados e às unidades mais complexas, toda uma vasta gama de equipamento em que a electrónica dita a sua lei permite responder às necessidades de segurança detectadas.

Quer se trate de alarmes contra roubo, quer contra incêndio, quer ainda de sistemas de controlo de acessos e circuitos de vigilância por televisão, o equipamento que as empresas de segurança suficientemente apetrechadas hoje colocam ao serviço da sua eventual clientela é vasto.

As empresas mais sofisticadas vão ao ponto de criar os seus próprios sistemas de controlo dos alarmes que fabricam, por forma a concentrarem os seus sinais em centrais que permitem um maior rendimento e um menor custo de assistência a um cada vez maior número de clientes.

Os cartões de identificação

Uma das questões fundamentais na planificação de esquemas de segurança reside na necessidade de criação de um eficiente sistema de identificação de pessoal. Seja o esquema de protec-

Continua na pág. XIV

ALIANÇA SEGURADORA

A fusão de cinco ex-Companhias—Argus, Douro, Mutual, Ourique e Tagus —permitiu que um novo símbolo se apresentasse como o garante de uma grande Empresa, cuja dinâmica e capacidade técnica lhe permitem responder aos grandes problemas que o desenvolvimento industrial exige duma Seguradora.

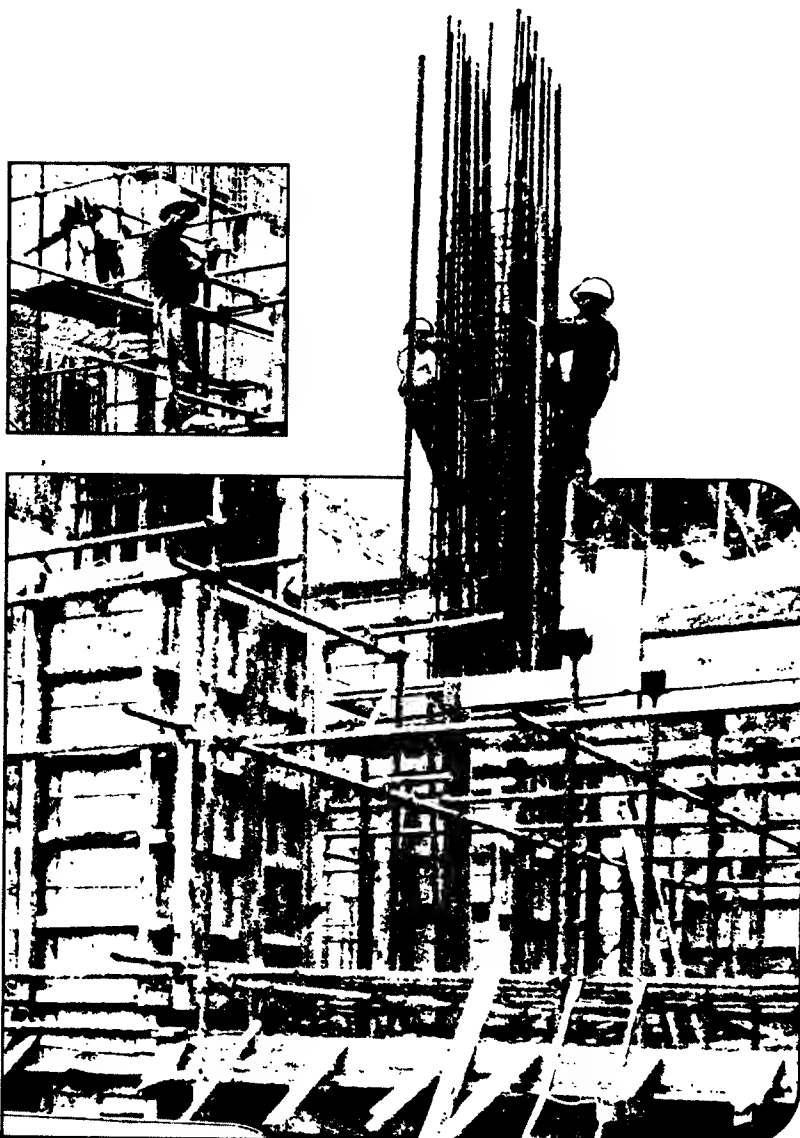
A Aliança Seguradora possuía já, na anterior estrutura, um Serviço de Prevenção e Análise de Riscos, que se mantém, agora redimensionado, ao serviço de todas as Empresas, estudando em cada caso as melhores soluções, de modo a estudar os possíveis riscos e a evitá-los, quer relativamente aos perigos de Incêndio, quer relativamente aos de acidentes de Trabalho. Muitos sinistros ocorrem por simples negligência, por falta desse estudo, e não por inerência da indústria em causa ou da profissão. Oferecemos às Empresas o «*olhar técnico*» de que, na maior parte dos casos, elas não dispõem.

Ainda ao serviço da indústria portuguesa criámos vários novos Seguros técnicos, entre os quais salientamos:

SEGURO DE CONSTRUÇÕES / SEGURO DE AVARIA DE MÁQUINAS / SEGURO DE MONTAGENS / SEGURO DE EQUIPAMENTO ELECTRÓNICO.

Qualquer destes Seguros possui uma extensa cobertura que protege o Segurado contra os riscos normais, mas pode ainda ser objecto de uma extensão especial que o coloca ao abrigo de outros riscos ocasionais. A nossa equipa especializada garante a Assistência ao Segurado em qualquer caso.

Consulte-nos. Criámos os nossos departamentos para o seu serviço.



Empresas de segurança não são polícias paralelas

«**T**EMOS perfeita consciência da falta de informação que existe sobre a actividade de empresas como a nossa. Ainda que, de hoje em dia, as coisas comecem a modificar-se gradualmente. De uma maneira geral, as pessoas que não conhecem o nosso trabalho imaginam-nos como uma espécie de corpo de guarda-costas ou, o que é ainda pior, como uma qualquer Polícia paralela. Ora, não somos nada disso. Não é esse o tipo de serviços que prestamos aos nossos clientes. A nossa especialidade é a segurança industrial e o transporte de valores, essencialmente. Não somos agentes policiais. Prevenimos os riscos, não os perseguimos. Isso é com a Polícia e com os bombeiros, por exemplo. Nem eu, nem nenhum dos trabalhadores da empresa onde exerço as minhas funções andam sequer armados. Nem mesmo os que transportam os valores nos carros de segurança.»

do sector poder filiar-se nos organismos internacionais da especialidade.»

A falta de legislação tem, de facto, permitido alguns casos menos claros na actividade da prestação de serviços de segurança industrial. Por um lado, permitindo o aparecimento de empresas sem dimensão nem meios suficientes para garantirem uma prestação de serviços real e completa. Por outro, impedindo o sector de criar o seu próprio código deontológico de forma a impedir a invasão da actividade por indivíduos menos honestos.

nas empresas, limitando-se os nossos homens a cumprir o que está determinado.»

O técnico de segurança fala-nos, ainda, das notícias postas a circular sobre a admissão, por empresas de segurança, de ex-agentes da PIDE-DGS.

«Não aconteceu assim. Somos, aliás, muito rigorosos na selecção do nosso pessoal e nem poderia ser de outra forma dado o tipo de actividade a que nos dedicamos. Posso dizer-lhe, a título de exemplo, que, na minha empresa, cerca de 85 por cento dos candidatos a vigilantes são recusados depois da primeira série de entrevistas. E os que são admitidos são alvo de um processo muito organizado de aquisição de referências. Como lhe digo, nem toda a gente serve para este tipo de actividade.»

Ainda que os progressos tecnológicos mais avançados no campo da microelectrónica apontem para soluções de segurança que gradualmente sobrelevam a importância dos meios humanos de vigilância, reservando-lhes, no futuro, uma intervenção acessória, as aplicações práticas de tais aquisições situam-se ainda, e sobretudo entre nós, em fase de estudo, adaptação e ensaio.

«A vigilância humana continua a afirmar-se por um conjunto de peculiaridades que fazem dela o meio de protecção básico e preferencial em grande parte dos esquemas de segurança», dizem-nos.

No âmbito da estática, a prevenção de riscos assume grande amplitude. O roubo e a intromissão, o incêndio e a inundação, o vandalismo, o controlo de pessoas, viaturas e materiais, a supervisão de equipamentos e a resposta imediata a sinais de meios complementares de alarmes contam-se entre os factores

Estas palavras de introdução a uma longa conversa que mantivemos são de um funcionário superior de uma empresa de segurança, por sinal a mais antiga e, pelo que nos foi dado ver, a mais bem apetrechada do mercado português.

São palavras que, certamente, não deixarão de surpreender alguns leitores, entre os quais haverá seguramente quem fique de pé atrás em relação aos princípios enunciados, mantendo a desconfiança com que se habituou a considerar as empresas de segurança.

Quando se fala de **empresa de segurança**, a ideia que surge, de imediato, é a do **agente** da mesma, espécie de polícia mais ou menos astorizado a reprimir o pacato cidadão. E se é verdade que, num ou noutro caso, empresas menos idóneas, formadas com base em pessoal sem qualquer tipo de preparação, anterior ou posterior, para o exercício da actividade de segurança, tenham em parte contribuído para a implantação de tal ideia, na sua esmagadora maioria as empresas que operam no nosso país estão longe de corresponder à ideia generalizada de serem uma «Polícia paralela».

«Uma das grandes carências desta actividade, que por mais de uma vez temos feito sentir às autoridades», diz-nos o nosso entrevistado, «é a de legislação adequada que regulamente o exercício das empresas do sector. Como acontece, aliás, em todos os países onde operamos. Só assim poderá um dia a futura associação patronal

As múltiplas formas da segurança industrial

«Julgo que a má impressão que algumas pessoas ainda têm sobre a nossa actividade poderá ser ultrapassada por um maior conhecimento da mesma», diz-nos o técnico de segurança.

São, de facto, múltiplos os tipos de serviços que uma empresa de segurança industrial devidamente dimensionada pode prestar. Aquele que mais directamente é perceptível pelo público é o de vigilância — dito de «estática» na terminologia da actividade.

«O serviço de estática é, talvez, aquele que em determinado tipo de situações poderá ter contribuído para uma má ideia a respeito das empresas de segurança», diz-nos o técnico. «Os funcionários da estática não são, contudo, «gorilas» de qualquer espécie ou agentes policiais. Em alguns casos em que houve conflito laboral em empresas onde os nossos vigilantes trabalhavam, estes foram acusados de serem uma espécie de polícia privada das administrações. Ora, quando vendemos um serviço de vigilância a um cliente, é este quem define as regras de entradas e saídas



PROTECÇÃO DA CABEÇA
AOS PÉS
PROTECÇÃO COM PÉS E
CABEÇA



Distribuidores **3M**
Filtros "DELTECH"

UMA
ORGANIZAÇÃO
AO SERVIÇO DO
TRABALHO
PORTUGUÊS
E A VOSSA
DISPOSIÇÃO
PARA O ESTUDO
DE PROBLEMAS DE
PROTECÇÃO

- FATOS IMPERMEÁVEIS
- EXTINTORES DE INCÊNDIO
- CAPACETES DIN 4840
- MÁSCARAS
- VISEIRAS
- PROTECTORES DE OUVIDOS
- FATOS DE TRABALHO
- AVENTAIS
- LUVAS

- CINTOS
- BOTAS DE BORRACHA
- APARELHOS ANTI-QUEDA
- POLAINITOS
- CALÇADO COM BIQUEIRA DE AÇO
- ETC.

TELS 79 06 04 - 79 18 32
ALAMEDA DAS LINHAS TORRES, 108-R/C-D - LISBOA-5



SEGURO
IMPÉRIO
ASSISTÊNCIA
EM VIAGEM

O seu passaporte de segurança
na sua digressão turística
ou viagem de negócios
ao estrangeiro.

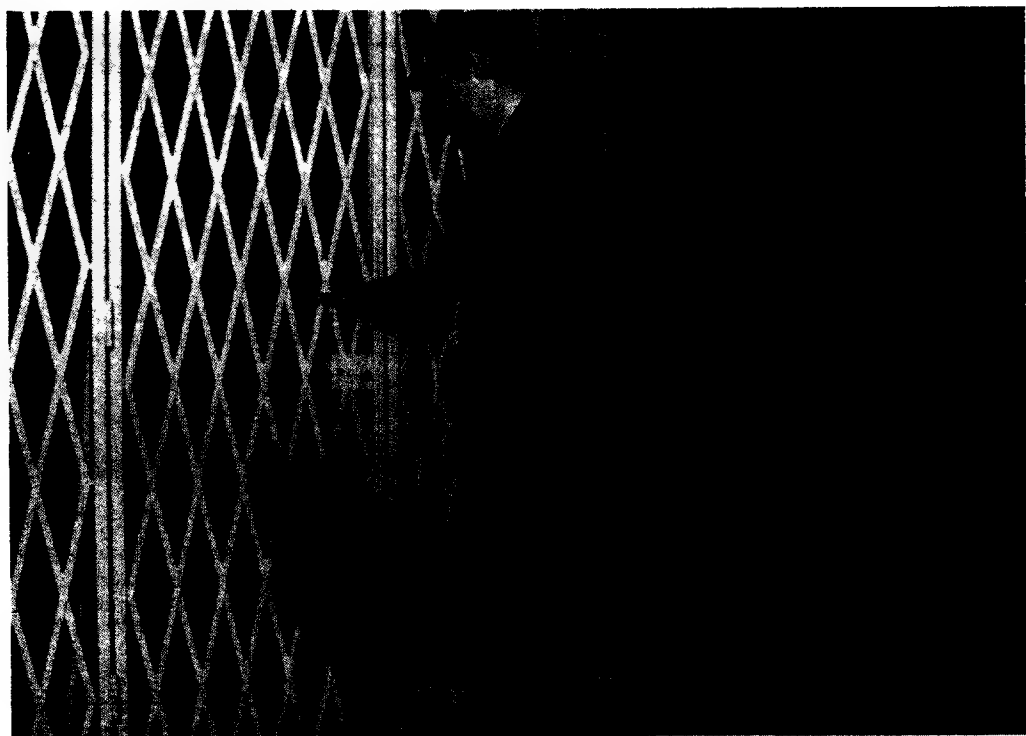
Consulte a Império
ou o seu Agente de Viagens.



AO SEU SERVIÇO

IMPÉRIO
a sua seguradora

Rua Garrett, 62
1200 LISBOA
Tel 32 82 81/36 29 21
Apartado 2106
1103 LISBOA CODEX



O factor vigilante



Carro-patrolha com radiotelefone

em que se «sintonizam» as preocupações de segurança.

Os circuitos e horários de ronda levam os vigilantes, repetidamente, a todos os pontos das instalações onde se recebe a eclosão de situações de alarme, em especial nos períodos pós-laborais.

«A tarefa dos vigilantes na segurança industrial é extremamente importante. Sobretudo em empresas onde a maquinaria precisa de atenções permanentes, para evitar acidentes ou avarias que atrasem a laboração. O vigilante não é, portanto, um polícia.»

Para garantir a vigilância, a empresa contratada mantém um serviço de apoio ao seu próprio funcionário, traduzido em contactos directos e permanentes com a central e, também, em rondas efectuadas por superiores hierárquicos que, nos locais de actividade, verificam diariamente o serviço dos seus vigilantes.

O serviço de distrito

Um outro tipo de actividade de vigilância, denominado «Distrito» é também facultado pela empresa de segurança. Normalmente efectuado junto de empresas que não necessitam de um serviço de vigilância permanente, este tipo de serviço é prestado por um funcionário que, de acordo com esquemas e percursos determinados, efectua rondas por diversos locais, em carro da empresa de segurança, verificando se tudo está em ordem, as luzes apagadas, as portas fechadas.

O serviço de distrito assenta em esquemas operacionais que prevêm o recurso coordenado de vigilantes de ronda, viaturas ligeiras, circuitos de alarme, rede telefónica e, eventualmente, a forças policiais e corporações de bombeiros.

Trata-se de um serviço de menores encargos em relação ao de estática, devido à fixação de esquemas operacionais limitados a áreas urbanas restritas nas quais se localizam grupos de clientes.

A horas determinadas, de dia ou de noite, deslocando-se em carros-patrolha, os vigilantes de distrito inspecionam minuciosamente as instalações que lhes são confiadas, controlando as situações anormais. Em ligação radiotelefónica permanente com as centrais da empresa de segurança informam e são informados sobre o acontecimento.

As empresas de segurança asseguram, também, o controlo de lojas de grande dimensão, de que os supermercados poderão ser o melhor exemplo.

«Poder-se-á dizer que as

empresas poderiam, elas próprias, assegurar este tipo de vigilância, quer nas lojas quer nas unidades fabris. Parece-me, contudo, não haver dúvida de que os custos de um serviço deste tipo são menores se contratados junto de uma empresa da especialidade. Esta não só garante ao cliente uma vigilância permanente, a tempo inteiro, por vigilantes preparados para tais funções, como evita à empresa cliente problemas com a gestão do seu próprio pessoal, férias, baixas por doença, etc., que, feitas as contas, acabariam por ser mais onerosas do que o pagamento feito a uma firma especializada.»

Mas a prestação de serviços de segurança não acaba na vigilância humana. As empresas do sector fornecem, ainda, outro tipo de serviços, que vão desde o simples (pelo menos, aparentemente) guardar de chaves de residências ou automóveis, à instalação de sistemas de alarme e fechaduras especiais, passando pelo transporte de valores, a que nos referiremos separadamente.

No capítulo dos alarmes, há empresas especializadas que cuidam da instalação e manutenção dos mesmos. As empresas de maior dimensão, como é o caso daquela a que nos temos vindo a referir, acompanham esta instalação de um controlo permanente, via rádio, pela sua central.

Quando se dá um assalto, ou um princípio de incêndio, ou uma inundação (todo o tipo de riscos está coberto pelo tipo de alarme utilizado), o sistema instalado dispara automaticamente no local e na central da empresa de segurança. Esta pode actuar por vários meios: enviando um dos seus carros-patrolha para o local, ligando directamente com a Polícia ou os bombeiros conforme o caso de alarme.

«A presença do nosso carro-patrolha é para verificar que tipo de fenómeno fez disparar o alarme. Às vezes pode ter sido até uma avaria. Se se verifica assalto, o nosso homem não intervém. A central, que possui linha directa com a Polícia, alerta esta e é à autoridade que cabe actuar. Nenhum dos nossos homens anda armado e não lhe compete reprimir assaltos. A nossa tarefa é essencialmente preventiva», diz-nos o técnico com quem conversámos.

A instalação de alarmes está a vulgarizar-se. A tecnologia destes tende, por outro lado, a sofisticar-se, prevendo todo o tipo de situações. «Os assaltantes também se desenvolvem techno-



Telefone: um elemento fundamental

logicamente. Nós temos de estar sempre à frente deles», ouvimos a um outro técnico

de segurança.

Hoje em dia há alarmes para tudo ou quase tudo.

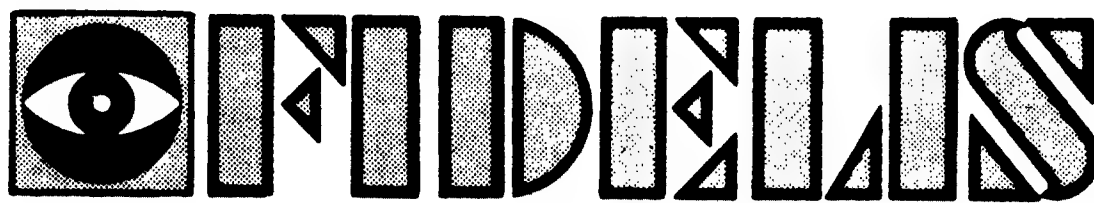
Eles vão das fechaduras de mil artimanhas, que só abrem às mãos de quem possui o «abre-te Sésamo» indicado no sistema, aos autênticos milagres de electrónica sensíveis até ao deslizar de uma mosca.

Mas o homem continua a ser a grande figura da segurança. Diz-nos um responsável de uma empresa:

«Em princípio, todo o homem pode ser vigilante desde que, nos termos do contrato do sector, tenha mais de 21 e menos de 45 anos, a 4.ª classe e o serviço militar cumprido. A actividade não requer qualquer preparação especial. Mas é importante integrar esse pessoal na empresa, dar-lhe uma

formação que, não sendo aquela que todos desejáramos, é no entanto a melhor possível.»

O futuro vigilante, depois de passar na triagem, recebe formação de primeiros socorros, detecção e combate de fogos, relações públicas, legislação de trabalho, deontologia e normas técnicas da actividade. No caso da empresa que esteve na base da nossa reportagem sobre a segurança industrial, todos os seus quadros superiores, salvo excepções, saíram do seu quadro de vigilantes. Enquanto que, e por outro lado, a maior parte das empresas formadas posteriormente tiveram por base antigos funcionários da primeira.



ALARMES, ELECTRÓNICA E VIGILÂNCIA, LDA

- Segurança electrónica contra roubo e incêndio
- Vigilância e segurança humana
- Portaria e recepção
- Guarda-chaves
- Rondas de distrito
- Transporte de valores
- Controlo rádio-telefónico
- Estudos de segurança

Estes são alguns dos serviços que oferecemos.

A NOSSA PREPARAÇÃO É A SUA SEGURANÇA

1500 LISBOA

R. Soeiros, 339,6º-D

☎ *74 20 86 *74 20 87

4000 PORTO

R. João P. Ribeiro, 729, 1º-D

☎ *49 63 84

TRANSPORTE DE DINHEIRO

os carros invioláveis



...Torna qualquer assalto quase impraticável

De vez em quando, os jornais anunciam mais um assalto, acompanhado de agressão e, tantas vezes, morte, a um prospector bancário ou a funcionário de empresa encarregado do transporte do dinheiro. De vez em quando, também, os jornais noticiam mais um assalto à tesouraria da empresa, regra geral no período de ponta do fim do mês, quando os cofres estão cheios com as verbas destinadas ao pagamento do pessoal.

Mais do que as verbas envolvidas — e perdas — nestes assaltos, a vida dos funcionários envolvidos é um bem que dinheiro algum no mundo será capaz de pagar, uma vez tirada.

Em Portugal, a exemplo do que acontece, desde há muito tempo, diga-se de passagem, noutros países, a utilização de empresas e veículos especializados no transporte de valores começou, felizmente, a tornar-se um salutar hábito. Ao mesmo tempo, inúmeras empresas começam a entregar o processamento dos vencimentos do seu pessoal (levantamento do dinheiro, distribuição e empacotamento dos salários e distribuição dos mesmos) a essas empresas especializadas.

«A gestão empresarial depara-se, em regra, com uma infinidade de problemas acessórios, capazes de afectar o ritmo produtivo e de comprometerem os índices de rentabilidade», proclama uma empresa especializada no transporte de valores. «Não se trata, porém, de problemas menores, dado que eles se inserem na estru-

tura das empresas. Mas o seu tratamento interno, como forma de eliminar aqueles inconvenientes, conduz necessariamente a sobrecargas de ordem administrativa que, em si mesmas, reverterem em novos encargos.»

E, depois desta introdução, a empresa de segurança propõe o novo serviço — a liquidação de vencimentos por conta de outrem.

«O serviço de empacotamento e distribuição de vencimentos oferece agora às empresas a possibilidade de obterem expressivas vantagens: isenção de responsabilidade e incómodo na preparação e manuseio de ordenados em numerário; eliminação dos riscos inerentes à movimentação dos valores; abolição de uma operação estranha à especialização produtiva; libertação de mão-de-obra qualificada; encaminhamento de eventuais reclamações para uma empresa fornecedora de serviços; diminuição do índice de absentismo; segurança operacional, pontualidade de execução, operações cobertas por apólices de seguro total...»

As vantagens são, de facto, inúmeras e inegáveis. «Temos já uma carteira bastante grande de clientes deste tipo de serviço», diz-nos um responsável da empresa que lançou a ideia em Portugal. «No nosso centro de empacotamento já processamos algumas centenas de milhares de contos todos os meses. Até agora, tivemos uma única reclamação, num envelope.»

Os carros inatacáveis

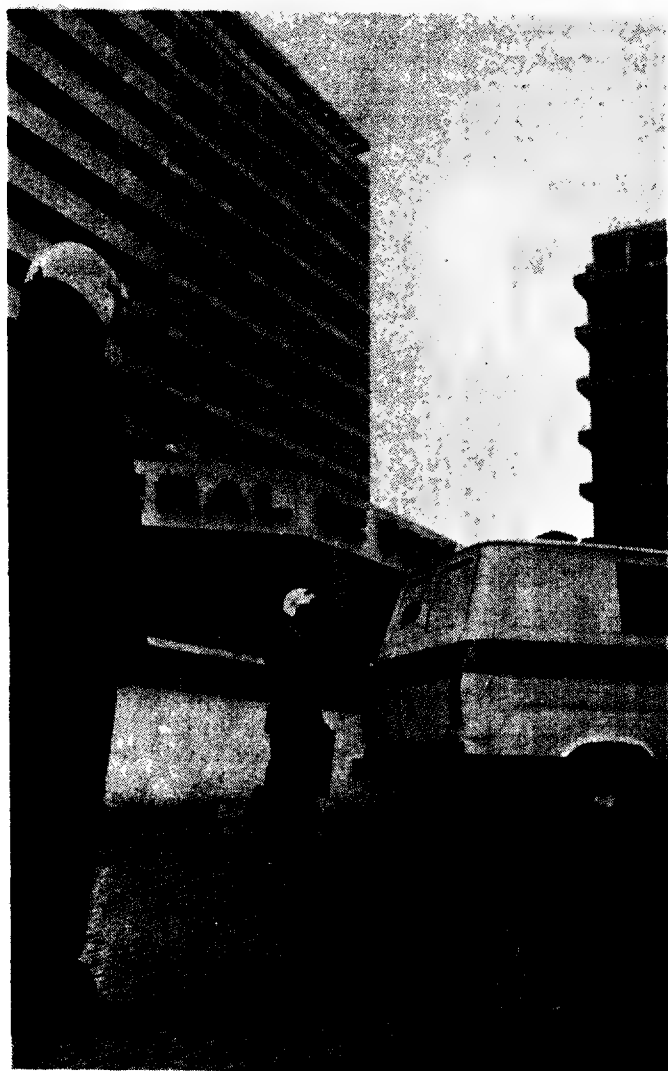
O dinheiro e outros valores são transportados em carros especiais, ao abrigo — segundo os técnicos de segurança — de qualquer roubo.

«O roubo de valores, penso que nem será necessário dizê-lo, tem vindo a assumir proporções insuspeitadas. O assalto entrou praticamente no quotidiano das pessoas. Há mesmo um certo clima de alarme que tende a instalar-se entre aqueles que estão, de algum modo, ligados à protecção de

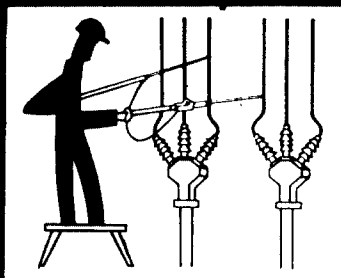
haveres. O serviço de transportes de valores permite eliminar ou reduzir os riscos actuais ou potenciais que impedem sobre a movimentação de fundos e outros valores», diz um director de uma empresa especializada na matéria.

E é mesmo assim no que se refere à segurança dos carros que transportam valores. Eles estão preparados para todo o tipo de eventualidades.

Todo começa na separação total entre o pessoal que conduz o carro e o funcionário que, dentro do mesmo, manipula os sacos que contêm o dinheiro ou os valores a transportar. Tudo começa, ainda, na própria entrada deste funcionário para dentro do carro; uma vez fechada a porta, esta só poderá voltar a ser aberta se o homem que está no interior desencadear uma série de medidas que irão permitir, num espaço de tempo suficientemente longo para impedir acção exterior, abrir a porta do veículo, já que o sistema é automatizado e não abre quando muito bem se quer.



O controlo no transporte de valores...



PROFOR L.da

Meios Audio-Visuais
e Equipamento de Segurança
no Trabalho

- Protecção de incêndios
- Especialista da protecção eléctrica e sinalização



Rua G á Estrada da Luz • 1600 Lisboa

Telef. 78 27 97

Telex 15 666 Profor



**somos uma
companhia
nacional**

★ MECANIZAÇÃO ★ EFICIÊNCIA
★ ESPECIALIZAÇÃO

BANCOS ★ SEGUROS ★ HOTÉIS
HOSPITAIS ★ CINEMAS ★ FÁBRICAS
ESTABELECIMENTOS, ESCRITÓRIOS,
EMPREITADAS E RESIDÊNCIAS
PARTICULARES.

SEDE E ESCRITÓRIOS:

AV. INF. D. HENRIQUE, 328C - CABO RUIVO-1900 LISBOA
TELS. 39 56 54 • 39 56 55 • 39 57 28 • 39 57 51

O pessoal que conduz o carro está isolado, completamente, do resto da viatura. Quer dizer, ameaçar os homens que vão na cabina não serve de nada: eles não podem, pura e simplesmente, abrir o carro. Só o homem que está no seu interior o poderá fazer (mesmo assim, carece de uma outra chave exterior que se encontra permanentemente na central).

O carro poderia, eventualmente ser roubado. Mas

Este viaja em sacos especiais, e sempre numa determinada quantidade (haverá tantos sacos quanto for o valor total da transferência). Os sacos são manipulados um a um.

O carro de transporte possui um alçapão duplo, através do qual é feita a transferência. O funcionário no interior do veículo nunca o abandona. O alçapão duplo só funciona com uma das suas portas abertas, de cada vez. Isto é, só depois de uma das

perder a consciência.

Para abrir a chapa destes carros, os ladrões precisariam de equipamento sofisticado e de quase meia hora para conseguirem um buraco suficientemente largo para poderem retirar os valores transportados. Isto, só por si, constitui importante factor de dissuasão.

O interior dos carros está preparado para que o funcionário que ali presta serviço tenha um mínimo de condições. Um pequeno fogão e



Transporte de dinheiro: comum em toda a Europa

o homem que trabalha no interior possui à sua disposição um dispositivo que corta directamente a corrente eléctrica ao motor. Isto é, o carro só poderá andar se o funcionário que está no seu interior permitir.

Por outro lado, a central está em permanente comunicação com o carro de transporte de valores, trocando informações, de três em três minutos, ou até em períodos inferiores, sobre a sua localização e as diversas fases das suas operações. Qualquer interrupção numa comunicação — que abre sempre com palavra de código que só o homem destacado no interior do veículo conhece — desencadeia imediato processo de intervenção policial.

A central conhece, permanentemente, a localização do carro, que é acompanhado na sua viagem por outros patrulhas discretamente colocados. Os percursos dos carros são estudados, de acordo com as missões que precisam de realizar. Os percursos são sempre rigorosamente cumpridos.

A transferência do dinheiro

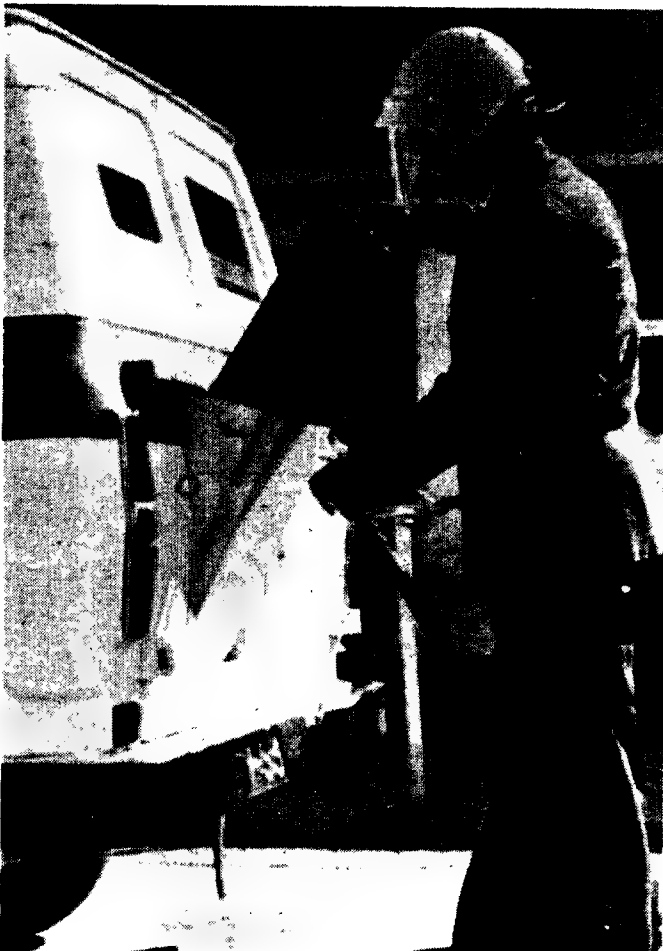
Uma vez chegado ao local onde deverá entregar ou carregar dinheiro ou valores, o carro é estacionado ou em garagens interiores das empresas clientes ou em locais de máxima visibilidade e segurança. O funcionário que trabalha no interior do veículo possui vigias através das quais pode verificar se, no exterior, tudo está em ordem para a transferência do dinheiro.

portas se fechar a outra pode ser aberta.

No interior do veículo, o funcionário coloca um dos sacos no alçapão e fecha a porta do seu lado. Só então o funcionário que está no exterior pode abrir a sua e retirar o saco. Mesmo que se pretenda introduzir qualquer tipo de artefacto para neutralizar o homem no interior (gás, p.e.) através do alçapão, este possui um sistema de alarme que alerta imediatamente a central, mesmo que possa

uma pequena casa de banho completam o conjunto. Um funcionário que trabalhe no interior de um destes carros pode passar muitas horas encenado antes de poder voltar a pisar a rua.

Nunca, até agora, um destes carros de transporte de valores foi assaltado entre nós. Eles são pintados de forma bem visível e se há alguma coisa que deles se pode dizer é que não conseguirão jamais passar despercebidos.



Um alçapão duplo garante mais um factor de segurança no transporte de dinheiro



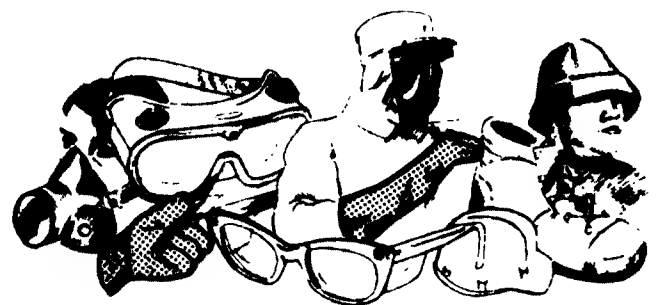
Seguro Car mais lar mais seguro

Garante as seguintes coberturas:

incêndio • acção de raio • inundações
explosões • choque de aeronaves
roubo • acção de vento • tumultos,
comições civis e danos maliciosos
responsabilidade civil familiar
riscos pessoais domésticos
privação de habitação
e ainda... valor de substituição
e indexação — actualização automática
de capitais

**segurança
é conforto**

AO SEU SERVIÇO
IMPERIO
a sua seguradora



VESTUÁRIO DE PROTECÇÃO E EQUIPAMENTO DE SEGURANÇA

FABRICADO POR

NORTH

«NUMBER ONE IN SAFETY»
M.O.D. 05-24 APPROVED SUPPLIER

Os inventores da luva P.V.C.

AGENTES EXCLUSIVOS EM PORTUGAL:

ANDRADE, NOLASCO & TOTTA, LDA.

ESPECIALIZADOS EM ARTIGOS DE PROTECÇÃO CONTRA
ACIDENTES DE TRABALHO E DOENÇAS PROFISSIONAIS

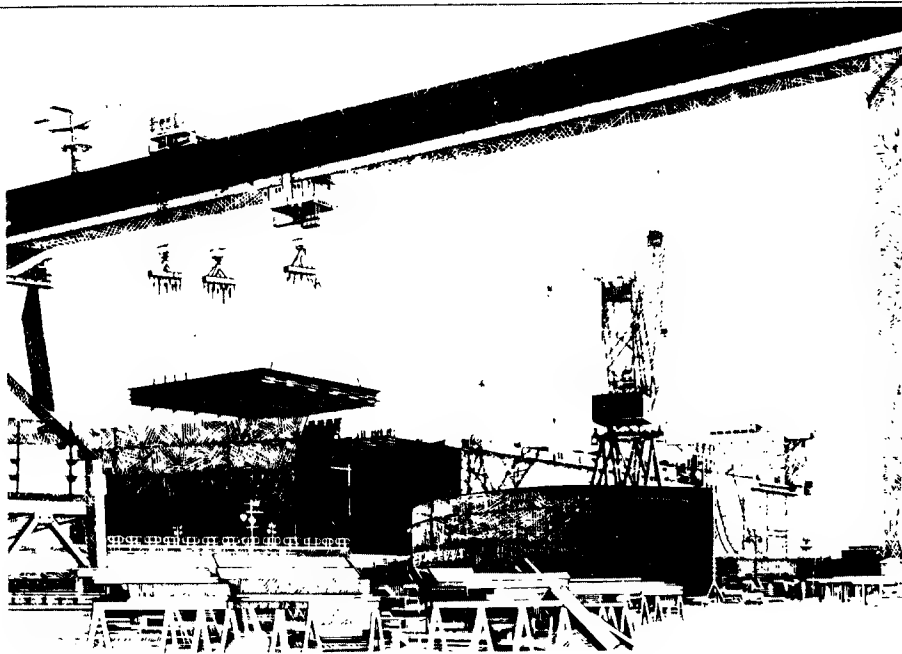
R. LORETO, 34 SLJ telf. 369357 — 1200 LISBOA



ALARMES ELECTRÓNICOS ANTI-ROUBO E VANDALISMO

☎ * 276 13 87

RUA CAPITÃO LEITÃO, 47, 1º-D/B
- ALMADA



NÃO VENDEMOS APENAS SEGUROS TAMBÉM VENDEMOS SEGURANÇA

A nossa actividade especializada baseia-se na nossa experiência como consultores de segurança no domínio das grandes empresas.

Neste campo somos, de facto

- a maior seguradora em riscos industriais
- a maior seguradora em riscos marítimos
- a maior seguradora em riscos aéreos

Mas, nem só a nível do país criamos segurança.

A nossa expansão no mercado internacional reafirma a nossa experiência em varios pontos do mundo: Espanha, França, Grécia, Inglaterra, Alemanha

Onde quer que estejamos, temos um serviço de qualidade

A disposição da sua empresa

Examinaremos os seus problemas de segurança. Para nos cada novo contrato e uma experiência útil que contribuirá para uma melhoria das nossas condições de estar no mercado segurador

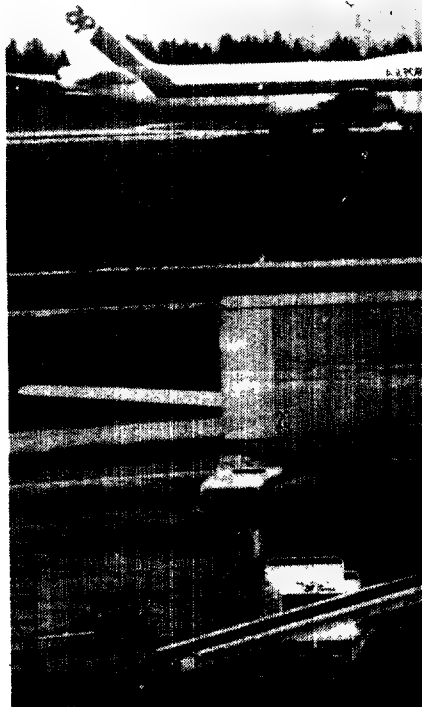
Rua Garrett 62
1200 Lisboa
Apartado 2106
1103 Lisboa Codex
Tel. P.P.C.A. 36 29 21-32 82 81-36 83 61

AO SEU SERVIÇO

IMPÉRIO
a sua seguradora

Aeroporto de Li que alguém se re

Um grande aeroporto é como uma pequena cidade. Pelo menos essa é a imagem que nos fica das grandes aerogares internacionais onde os passageiros em trânsito pode encontrar de tudo um pouco, do reboçado para adoçar uma boca azeda de receio ou de viagem atribulada, a uma cadeia de alta fidelidade da mais sofisticada tecnologia, passando por tabaco e bebidas, refeições prontas ou nem por isso, equipamento desportivo, flores, automóveis e até artigos de porno-brinde (isso mesmo, o sex-shop já chegou aos aeroportos). Um grande aeroporto é uma pequena babilónia de gente a falar múltiplas línguas, nem todas de musicalidade agradável, estendal de jornais em caracteres de difícil digestão, aroma de cafezinho pelas portas das cafetarias, ding-dongues de altifalantes através dos quais vozes maviosas convidam os senhores passageiros to n'importe the place a esperar, a confiar, a caminhar ou a embarcar, gate number o que for. Um grande aeroporto é como uma pequena cidade. E, apesar de toda a boa vontade, o que podemos dizer é que o aeroporto internacional de Lisboa ainda está longe de ser um grande aeroporto. As razões de tal situação não são para aqui chamadas, pelo menos por agora. Mas o facto de o aeroporto também chamado da Portela de Sacavém não poder ser considerado como um grande aeroporto, à luz dos standards internacionais, nem por isso deixa de ser aquilo que é: um aeroporto internacional. E de ter o mesmo tipo de problemas inerentes a qualquer aeroporto internacional, independentemente do seu tamanho, das suas lojas, das suas vozes maviosas ouvidas através dos altifalantes. Problemas entre os quais o menos importante não será, certamente, o da sua segurança.



Há, no nosso país, uma enorme tendência para subestimar as questões da segurança. Seja ao nível do que for, quando se fala em segurança, o português arrepiase-se de imediato. Tem razões de sobra para o fazer, forçoso é reconhecê-lo. Duante muitos anos, em nome da segurança de um regime desumano, o povo português sofreu com as medidas de segurança que o fascismo lhe aplicou. O trauma ainda persiste.

No entanto, e como diz o povo na sua sabedoria de trazer por casa, nem tanto ao mar, nem tanto à terra, que é como quem diz, ele às vezes o diabo tece-as...

Atente-se ou analise-se o fenómeno da maneira que se quiser, é um facto estarem hoje os aeroportos na mira das grandes acções terroristas internacionais. As notícias estão aí, nos jornais de todo o mundo, a confirmá-lo. Afirmando os mais variados motivos, que podem ou não ser contestados, aplaudidos ou repelidos, conforme as opiniões e os quadrantes ideológicos, os «comandos» mais ou menos improvisados elegeram os aeroportos e os aviões como alvos privilegiados das suas acções.

Daí que, com maior ou menor aparato — e em alguns casos com uns cuidados que seriam ridículos se não fossem tenebrosos — responsáveis pela segurança do transporte aéreo, em muitos países tenham, também, privilegiado, pelo seu lado, a prevenção desse tipo de acções, prevenção que não tem impedido, apesar dos meios hoje colocados a servi-la,

que elas não continuem a desencadear-se com irritante regularidade.

Em Portugal, como toda a gente sabe, é que estas coisas não acontecem. Por isso, o nosso aeroporto internacional está à mercê do primeiro louco ou nem por isso que queira entrar pela porta principal e desatar aos tiros... ou aos beijos às passageiras mais bonitas e deles carentes.

A EI-Al faz segurança própria

Dizia-nos um homem da Tap, muito ligado às questões da segurança aérea (no aeroporto coexistem dois tipos de segurança: a de

passageiros, cometida à autoridade da Polícia de Segurança Pública, e a das instalações da Tap — hangares, aviões, etc. — da responsabilidade directa daquela empresa transportadora) que o Aeroporto de Lisboa não reflecte mais do que a situação real da ideia «segurança» em Portugal: não há meios, não há estruturas nem há sensibilização para a matéria.

Isto não significa, conforme nos frisaria o nosso interlocutor, que os homens a quem cabe a enorme responsabilidade da segurança de passageiros no aeroporto de Lisboa não estejam vocacionados para a executarem. não dominem as necessidades e os meios para tal ou não se preocupem com a ac-



Controlo de saídas na zona da transportadora aérea portuguesa

tual s
«C
que
pode
essa
bem

aerc
uma
que
mei
mer
hab
sas
mec
ocu
A
ros
nal
um
nimo
uma
geir
gura
sem
esci

m

O
e b

Lisboa à espera desolva a atacar



Aeroporto: nó sensível para tráfego ilegal...

tual situação existente.
«O problema é outro. O que não há são meios para poder exercer cabalmente essa segurança. Pode muito bem dizer-se que o nosso

que artesanal. Qualquer cidadão nisso empenhado pode (não vamos é explicar como, mas é fácil, fácil, fácil...) colocar uma bomba num qualquer avião.

todo o controlo, por mais rigoroso que ele seja, um passageiro pode introduzir uma arma num avião. Apesar de tudo, a segurança, mesmo quando eficazmente exer-



...Onde a segurança terá que ter «olho vivo»

aeroporto está pronto para uma acção terrorista qualquer, que nem carecerá dos meios utilizados normalmente lá fora. Mas, como é habitual, só depois das coisas acontecerem é que começará a haver séria preocupação com esta matéria.»

A segurança de passageiros no aeroporto internacional de Lisboa processa-se a um nível tão abaixo dos mínimos estabelecidos que uma empresa aérea estrangeira, a El-Al, israelita, assegura a sua própria segurança sempre que tem voos com escala em Lisboa.

**É tão fácil
meter uma bomba
num avião...**

O controlo de passageiros e bagagens é pouco menos

Só há um processo que não resultará: o de comprar uma viagem, fazer o despacho da bagagem, e, depois, não embarcar. Neste caso, a tripulação do avião detecta facilmente a ausência do autor do possível atentado já que uma lista com o número de passageiros que efectuaram o seu **chek-in** lhes é fornecida. Quando esse número não coincide com os realmente embarcados, toda a bagagem é retirada dos porões e os passageiros são convidados a identificar as suas malas. Sobejarão, naturalmente, as do «passageiro» em falta.

Mas isto é um pormenor no extenso rol das possibilidades várias de atentado. Sendo certo, no entanto — e os inúmeros casos de desvios aéreos provam-no suficientemente — que apesar de

cida, não é uma solução cem por cento garantida. O risco, aliás, existe sempre, por maiores que sejam os cuidados. Na segurança como em tudo naveda.

Mas há que não facilitar a vida ao **risco**. E é isso que precisamente não acontece no Aeroporto de Lisboa, onde o risco tem a vida mais que facilitada.

Qualquer pessoa penetra no interior das instalações do terminal de passageiros sem precisar de prestar contas seja a quem for. O porteiro que se encontra a controlar as entradas dos passageiros praticamente não pergunta nada a ninguém.

Um pouco mais acima está um outro porteiro, sentado por detrás de uma secretária, dedicado serenamente à in-

Continua na pág. X



GERISCO

GABINETE DE ESTUDOS E GESTÃO DE RISCOS, LDA.

SOMOS TÉCNICOS DE PREVENÇÃO

EXECUTAMOS OS SEGUINTE TRABALHOS:

- VISTORIAS E ANÁLISES DE RISCOS
- PARECERES TÉCNICOS, QUE CONCILIAM AS EXIGÊNCIAS DE SEGURANÇA AOS IMPERATIVOS DE EXPLORAÇÃO.
- PROJECTOS DE SISTEMAS DE PROTECÇÃO, QUE SE INTEGRAM NA CONCEPÇÃO DO EDIFÍCIO.
- ASSISTÊNCIA TÉCNICA ÀS OBRAS.
- FORMAÇÃO DE BRIGADAS DE INCÊNDIO.

NÃO VENDEMOS EQUIPAMENTOS, NEM PRESTAMOS SERVIÇOS DE GUARDA

AO SERVIÇO DA VOSSA SEGURANÇA

INCÊNDIO — INTRUSÃO — RISCOS ESPECIAIS

CONTACTE-NOS telf. 2479534

RUA QUINTA DAS PALMEIRAS, 84 — 2780 OEIRAS



• VIGILÂNCIA

ESTÁTICA - Vigilância permanente

DISTRITO - Rondas por Vigilantes motorizados

• TRANSPORTE DE VALORES

• ALARMES

e outras especializações produzidas pelo maior Grupo Mundial de Segurança.

SEGURANÇA é SECURITAS

SECURITAS — VIGILÂNCIA E ALARMES, SARL

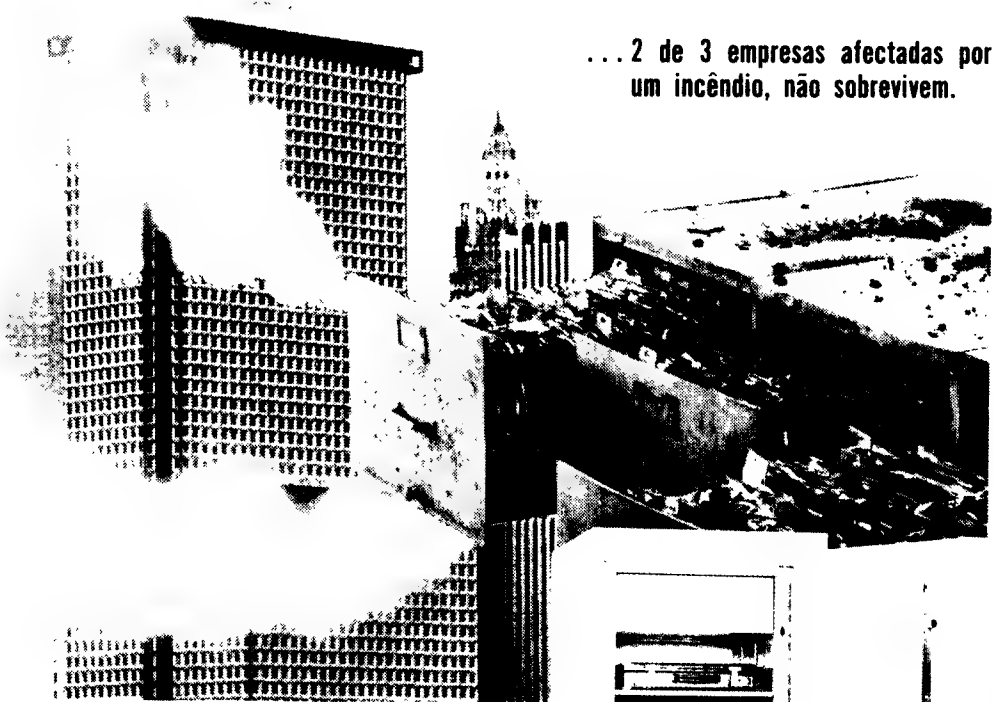
Rua D. Lourenço de Almeida, 13 - 1400 Lisboa

Tel. 615271/81 - Telex 13532/SVAP-L-P

FILIAIS: Aveiro, Braga, Coimbra, Faro, Funchal, Leiria, Lisboa, Portimão, Porto e Seixal.

SÓ AS VÍTIMAS É QUE SABEM

... 2 de 3 empresas afectadas por um incêndio, não sobrevivem.



Esta tragédia é comum no nosso país, até em construções equipadas com dispositivos de segurança anti-fogo. Não é necessário um grande incêndio, para o calor produzido tornar em cinza os documentos guardados em arquivos.

93% das firmas sinistradas, ficam seriamente afectadas devido a perda de bens insuperáveis, os quais não são cobertos pelo seguro. Estatisticamente está provado que existem 14 possibilidades para 1 que a sua firma seja também vítima de um incêndio.

A ROSENGRENS, já comprovada em Portugal na segurança de casos idênticos a este, oferece-lhes cofres e arquivos a prova de fogo, para protecção de documentos e materiais altamente confidenciais.

A ROSENGRENS também lhe oferece arquivos com duplo isolamento para protecção de bandas para computadores, discos magnéticos, micropelículas etc.



ROSENGRENS



COPINAQUE

R. DR. COSTA SACAURA, LOTE 40 1800 LISBOA
TEL. 316037/8-319893 TELEX 14308-COPNAC P
R. 5 DE OUTUBRO, 306-1.º ESQ.º 4100 PORTO
TEL. 69 68 02-69 87 97

Aeroporto de Lisboa à espera que alguém se resolva a atacar

Continuação da pág. IX

fensiva tarefa de desfazer umas quantas beatas. Segurança? Bom, continuemos.

A Polícia tem agentes seus destacados para controlarem as salas de espera e outros acessos. Mas bastará a um observador atento acompanhar durante algum tempo o período de vigilância de um destes agentes para se aperceber que qualquer semelhança com o exercício de segurança é mera coincidência.

tanto, não há postos fixos de vigilância em toda essa extensa periferia e as rondas que a polícia de segurança do aeroporto faz, são insuficientes para garantirem o impedimento da violação das redes. Quer dizer, é extremamente fácil chegar às pistas onde estacionam os aviões.

Aspectos caricatos são divulgados, de vez em quando, traduzindo a deficientes condições de segurança do Aeroporto de Lisboa. Ainda não muito recentemente, o

Lisboa regista um movimento de passageiros estrangeiros que exige uma nova maneira de encarar os problemas da segurança.

«É verdade que o terrorismo urbano, em Portugal, ainda não atingiu certos índices. Mas, de hoje em dia, o terrorismo urbano não conhece fronteiras. A criminalidade, infelizmente, não tende a decrescer, bem pelo contrário, aumenta. Pode dizer-se que na zona semi-pública do aeroporto a segu-



Central de controlo de uma empresa de segurança dimensionada para fazer face às exigências actuais

Hortas particulares por dentro das redes

É claro que, entre nós, se mantém — e nunca será demais insistirmos neste aspecto — a ideia de que o terrorismo urbano só acontece lá fora. Por cá, somos todos boas pessoas, não temos o costume de grandes bagunças e desacatos só aos fins-de-semana, quase sempre frutos de um copito a mais. Um ou outro assalto a um banco, para também não se afirmar que somos uns subdesenvolvidos e estamos conversados...

Se a situação, no terminal de passageiros, é aquela que referimos, na periferia do aeroporto ela em nada é diferente.

A zona do aeroporto está defendida por redes, que a definem também. No en-

responsável pela polícia do aeroporto teve de desencadear uma acção antivegetal, fazendo regressar à «propriedade» do perímetro do aeroporto terrenos que estavam, por dentro das redes de protecção, a ser utilizados como hortas pelas populações que vivem nas casas vizinhas.

«Ainda não aconteceu nada no nosso aeroporto porque as pessoas que poderiam desencadear esse tipo de acções ainda não entenderam ser altura para o fazer», diz-nos um técnico da Portela de Sacavém. «Um dia destes há para aqui um banho de sangue, como já aconteceu noutros sítios, e então é que toda a gente vai deitar as mãos à cabeça.»

Apesar das suas insuficiências, da sua pequenez e de já não servir para as encomendas, o Aeroporto de

rança é nula», diz-nos o mesmo técnico.

Cara de cão e foto de Hitler...

O desprendimento e a abstracção dos agentes da PSP que prestam serviço no aeroporto são, afinal, o reflexo natural da falta de sensibilização e de vocação para os problemas da segurança.

Sabe-se que, no aeroporto, há zonas restritas de acesso. Os funcionários do terminal aéreo lisboeta são, por isso, portadores de cartões com fotografia, devidamente identificados, cartões que determinam também as áreas a que os seus portadores têm acesso.

Ora, basta percorrer o aeroporto para verificarmos que é elevado o número de funcionários que não utilizam



Uns a ver aviões outros talvez não...

SONASA
SOCIEDADE
NACIONAL
DE SEGURANÇA
E SANIDADE
LIMITADA

**somos uma
companhia
nacional**

QUALIDADE EM SEGURANÇA

SERVIÇOS:

- CONTROLO DE PORTARIA
- RECEPÇÃO
- RONDAS (ACÇÃO PREVENTIVA EM INSTALAÇÕES)
- APOIO POR CONTACTO TELEFÓNICO
- TRANSPORTE DE VALORES
- PAGAMENTO DE SALÁRIOS
- TRANSPORTE DE DOCUMENTOS

SISTEMAS:

- CARTÕES DE IDENTIFICAÇÃO

SEDE E ESCRITÓRIOS:

AV. INFANTE D. HENRIQUE, 328-C
CABO RUIVO — 1800 LISBOA
TELS: 385659 — 385695 — 385728 — 385751

o cartão identificador. Como é nula a fiscalização dos mesmos por parte dos agentes da autoridade. As possibilidades permitidas por tal atitude são vastas.

A propósito da utilização dos cartões e da não fiscalização dos seus portadores contam-se, aliás, algumas histórias deliciosas, cuja veracidade não nos foi possível confirmar.

Funcionários houve, no aeroporto, cujo elevado espírito de humor os levou a acções que acabaram por demonstrar à saciedade a ausência de controlo de segurança no terminal aéreo. Enquanto um recortou e colou, no seu próprio cartão de identificação — que, como se sabe, deve andar à vista, no peito do portador — uma fotografia de um cão, enquanto outro utilizou um passe com a franja de Hitler.

Diz-se, no aeroporto, que os portadores de tais cartões os utilizaram durante meses, antes de serem chamados à pedra...

A responsabilidade desta ausência de segurança, de que todos nos poderemos vir a arrepender mais tarde ou mais cedo, não pode ser sacada ao corpo de polícia que presta serviço no aeroporto. Não só os meios humanos são manifestamente inferiores às suas necessidades, como também os meios materiais não abundam ou em muitos casos, são perfeitamente inexistentes.

Mas que há responsabilidades a exigir, disso não temos dúvidas. Parece é que estamos — todos — à espera de um forte motivo para dar solução ao que se patenteia gritantemente aos olhos de toda a gente. Enfim, depois de casa roubada, tranca na porta. Péssimo hábito...

E a segurança da nossa companhia aérea?

A questão da segurança, no aeroporto, não se coloca — como já atrás dissemos — apenas a nível do terminal de passageiros, ou na esfera de responsabilidade da PSP. O Aeroporto de Lisboa tem um inquilino: a Tap.

A transportadora aérea nacional possui muitos dos seus serviços instalados no



perímetro do aeroporto, cabendo-lhe também a responsabilidade de medidas internas de segurança. O património confiado à guarda da Tap é valioso. Não só o próprio como o de terceiros, aviões de companhias estrangeiras que fazem a sua manutenção nos internacionalmente reconhecidos serviços da especialidade da Tap.

«A Tap tem grandes preocupações em relação à segurança interna», diz um funcionário do departamento de segurança daquela empresa. «Entende que ela tem a ver, também, com o elevado padrão de segurança de voo, uma grande tradição da transportadora nacional.»

O princípio é: a segurança de voo começa em terra. Das preocupações crescentes com a segurança das suas instalações. «A Tap tem uma excelente imagem junto da opinião pública em matéria de segurança. Não queremos perder essa imagem», diz-nos.

Progressivamente, a Tap tem vindo a introduzir medidas de controlo de acesso às suas instalações na Portela. A responsabilidade da transportadora não é de desprezar. Das suas instalações há acesso directo à pista.

«O português é muito avesso a esquemas de segurança. E o trabalhador da Tap tem razões, assentes na sua experiência no passado, que justificam essa sua aversão. Sob a sigla da segurança, a Tap já foi invadida pela polícia de choque, no tempo do fascismo, já foi militarizada, enfim... Mas hoje, o trabalhador da Tap não tem razões pra ter aversão à segurança que nós praticamos.»

A segurança está do lado do trabalhador

Hoje é, de facto, diferente. Hoje o que se pretende é que a segurança não esteja contra o trabalhador mas efectivamente do seu lado. Esclarecer, informar, consciencializar o trabalhador para a necessidade da segurança e para as razões que lhe estão na origem é uma das tarefas a que se entrega o departamento respectivo da nossa transportadora aérea.

«A ideia de segurança está normalmente associada a ideia de repressão. Ora, não é isso o que fazemos. Na Tap

temos de atender a três tipos de segurança: a de prevenção de incêndios, a de pre-

venção de acidentes de trabalho e a de prevenção dos chamados riscos de «security», a prevenção de atentados, roubos, sabotagens, etc. Concentramos estes três sectores num mesmo departamento porque entendemos estarem as coisas ligadas entre si.»

Como exemplo, o técnico da Tap diz-nos que a empresa não possui só soldados e electricistas. Tem também caixas ao seu serviço. «O tipo de acidentes de trabalho que temos de prevenir em todos estes casos são diferentes mas o seu tratamento, a sua prevenção assenta na mesma filosofia.» Proteger pessoas e bens contra tudo o que as possa afectar é a filosofia.

«Penso que a pouco e pouco o trabalhador vai ganhando a consciência de que o vigilante não é um inimigo, não é um polícia de choque, um cão, mas sim um colaborador. É evidente que se alguém tenta sair das instalações com coisas que não lhe pertencem mas sim à empresa, os vigilantes têm de

actuar. Mas isso não é perseguição.

A tecnologia ao serviço da segurança

A Tap é o exemplo acabado de que a segurança não são só os homens. A tecnologia está posta ao serviço da segurança da empresa. Uma central de controlo está em contacto permanente com todos os estabelecimentos da Tap espalhados pela cidade, podendo actuar imediatamente em caso de alarme de assalto.

A mesma central possui ainda ligações com todos os detectores de incêndios — o tipo de actividade da empresa, na Portela, é particularmente vulnerável a este tipo de sinistro — tratando os respectivos sinais para desencadear as acções necessárias.

«É difícil dizer quais os problemas que mais se colocam a quem é responsável pela segurança de uma empresa como esta. Mas eu

diria que é a das pessoas estranhas aos serviços. Na área do aeroporto trabalham 7 mil funcionários da Tap. Se cada uma dessas pessoas trouxesse um visitante...

O desejo de ir à Tap, ver os aviões, ver os hangares, ver enfim como funciona uma transportadora é grande. Mas as instalações não podem estar constantemente a ser devassadas por toda a gente.

«A segurança não pode ser imposta, tem de ser aceite. Por isso, tornar normal para o trabalhador o seu exercício é uma das nossas principais preocupações. Um dia, ele aceitará a segurança naturalmente.»

Muitos dos funcionários da vigilância da Tap dizem sentir aquilo que, sabemo-lo de outros lugares, é o grande drama dos homens da segurança: as pessoas pensam que, quando tratam dos problemas da sua actividade dentro do rigor que esta exige, eles estão a fazer ficção científica.

Como nunca aconteceu nada...

OFICIAL DE SEGURANÇA Uma carreira que a RONDA dignifica

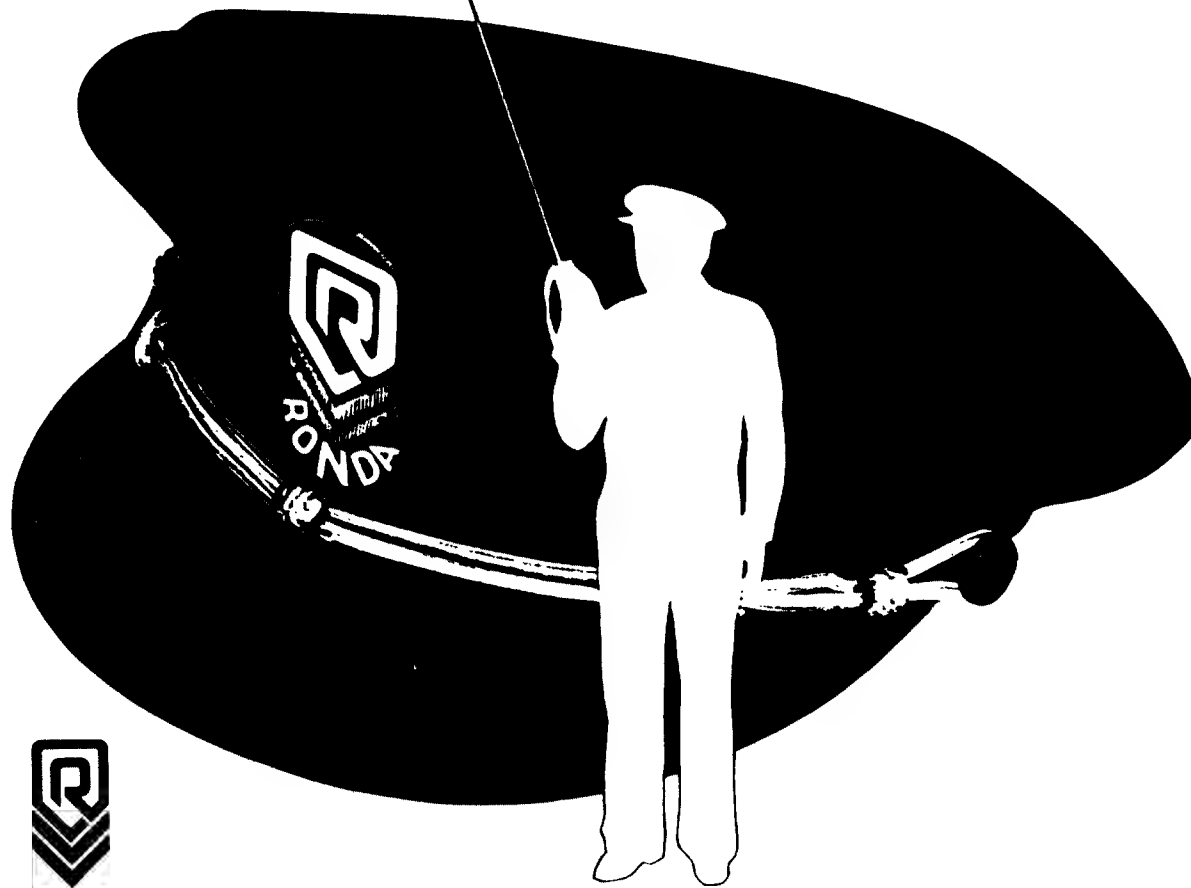
- Se já fez 21 anos
- Se possui como habilitações mínimas a escolaridade obrigatória
- Se quer iniciar uma carreira nova e dignificante
- Se é ambicioso e quer singrar na vida.



a Ronda, uma empresa em plena expansão, oferece-lhe a oportunidade por que esperava.

Seja um dos nossos OFICIAIS de SEGURANÇA. Ascenda a OFICIAL GRADUADO num curto espaço de tempo

Venha ter connosco ao nosso Centro de Recrutamento em LISBOA



R. Tomás Ribeiro, 41, 7.º Dto. — 1100 LISBOA — Tel.: 5770 27

Métodos, processos e serviços de uma empresa de segurança

A palavra segurança está a encher os ouvidos da nossa época histórica. Fala-se de segurança a propósito dos mais variados fenómenos que compõem o dia-a-dia dos cidadãos, simples ignorados ou proeminentes figuras. As questões de segurança estão, de facto, no interior das preocupações gerais. A propósito dos Estados, a propósito dos governantes ou políticos em geral, a propósito de estruturas, a propósito de indivíduos ou de colectividades.

Porquê esta preocupação crescente e generalizada? Viver-se-á, nos nossos dias, à beira de maiores riscos do que em épocas transactas? O homem tornou-se mais descuidado ou, pelo contrário, ele ganhou uma maior consciência dos perigos que ameaçam a sua existência ou tão-somente o exercício das

suas múltiplas actividades?

Não passa um dia sem que o cidadão seja distinguido pela necessidade de segurança, através das notícias que os meios de Comunicação Social, com particular destaque para a televisão, lhe colocam perante os olhos preocupados. E não é apenas o atentado político, a

bomba terrorista, o assalto por motivos «justificados», os desvios de aviões. São também os incêndios, as inundações, os tremores de terra, enfim, toda a panóplia de acidentes em que a vida do homem sempre foi fértil, mas que, nos nossos dias, ganha foros de maior importância mercê do cada vez maior número de pessoas atingidas e da facilidade com que a informação completa sobre as grandes catástrofes chega junto do público.

É verdade que, por vezes, se assiste um pouco por toda a parte à explosão irracional de medidas preventivas que, sob a justificação do medo colectivo, satisfazem, em nome da **segurança da colectividade**, a prepotência ou o despotismo de muitos dirigentes. E este é um irracionalismo que se coloca quer ao nível dos Estados quer ao nível das comunidades mais reduzidas, nos interesses como no número de pessoas envolvidas.

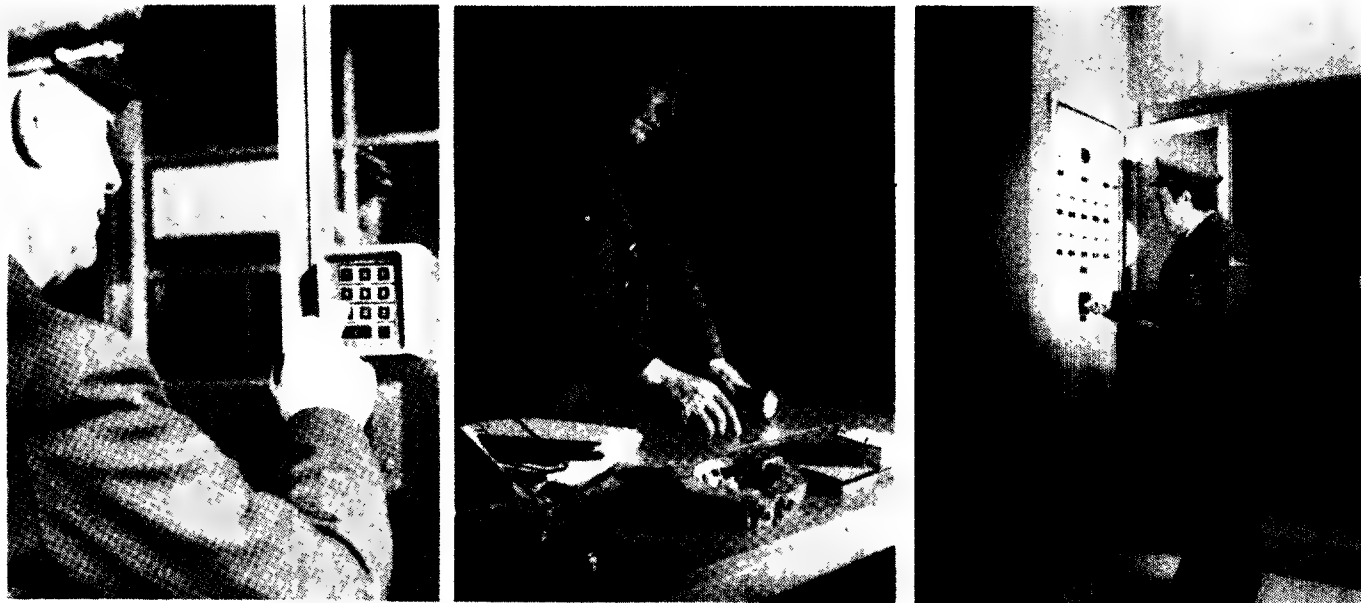
James Bond, essa figura nascida na imaginação do escritor britânico Ian Fleming — e que, volta e meia, como acontece actualmente em

Lisboa, revive na figura de um qualquer actor de serviço para satisfação dos amantes de sensações fortes e das garotas bonitas — é bem um paradigma de uma determinada concepção de segurança. Sem cuidarmos de analisar aqui o tipo de valores defendidos por Bond e outros James do estilo produzidos por quadrantes diversos, não há dúvida de que a ideia de **segurança** veiculada pela literatura e filmografia de espionagem é perfeitamente perceptível mesmo para o cidadão menos atento.

Segurança social por exemplo

Mas segurança não se restringe apenas às aventuras de capa e espada onde os truques raramente são inesperados (surpreendente seria a sua inexistência).

É assim que se falarmos de segurança social a expressão ganha outro tipo de valor, sem com isso perder o que lhe está na raiz. Segurança social é um fenómeno que, tal como a espionagem, é facilmente assimilável pelo ci-



O serviço de estática cumpre funções...

SAFO

SISTEMAS ANTIFOGO, LD.^a



Somos fabricantes de;

- Extintores
- Equipamento de combate a incêndios

Projectamos e instalamos:

- Sistemas automáticos de detecção e extinção de incêndios

Fornecemos:

- Equipamento de protecção industrial

FABRICO NACIONAL





... Aparentemente simples e triviais...

dadão, a ele mais ou menos sensível, conforme informado em maior ou menor grau sobre o âmbito que esse tipo de segurança deve abranger e em que quantidade.

Segurança é também aquilo que procura um dos organismos da maior organização mundial de nações — a ONU. É no Conselho de Segurança que são discutidos os problemas mais «quentes» susceptíveis de poderem provocar — quando não o fizeram já — conflitos armados entre povos e nações.

De segurança se fala, ainda, quando se torna obrigatório, na condução automóvel, o uso do cinto de segurança. Ou quando se fala das condições básicas de uma eficaz segurança rodoviária. Ou, ainda, de segurança industrial.

Enfim, poderíamos estar aqui a dar exemplos de segurança, ou de tipos de segurança, que pouco ou nada

têm a ver — a não ser na essência da ideia — como o exemplo do James Bond espião e da segurança por si personificada.

A palavra **segurança** não é, sequer, nova, apesar de os exemplos por nós fornecidos dizerem respeito a actividades relativamente recentes. Desde sempre o homem sentiu a necessidade da segurança, face a inimigos ou calamidades naturais. O castelo medieval, para não irmos mais longe, é uma das mais elementares formas de segurança. Tal como o é o seguro de vida dos nossos dias, com o qual um cidadão procura **prevenir** o seu futuro e o dos seus, dado o **risco** que corre, por esta ou por aquela razão, de acidente.

Se recorrermos a um qualquer dicionário verificaremos que a definição de segurança assenta essencialmente na ideia de **calma**, **tranquilidade de espírito**, **diminuição ou ausência total de**

risco. E estas concepções são, por si só, suficientes para podermos perceber a ideia de **segurança**, uma coisa que nos está bem próxima, mas que, como acon-



tece com tudo aquilo que já faz parte do nosso quotidiano, muitas vezes nos passa despercebida.

Um tipo de segurança entre outros

Este trabalho que nos propusemos realizar visa um tipo específico de segurança, entre outros, e as empresas que, no nosso país a ele se dedicam. Falamos da chamada **segurança industrial**.

O conceito é recente e, sobretudo no nosso país, nem sempre muito bem compreendido em todas as suas consequências. A nova revolução industrial, ocorrida no nosso século, com particular relevo no período que se seguiu ao fim da Segunda Guerra Mundial, levou a um

enorme desenvolvimento tecnológico, transformando profundamente as estruturas da produção.

É assim que, a par do desenvolvimento da electrónica — elemento de primordial importância nas questões relacionadas com a segurança industrial —, a produção industrial conhece o aumento da dimensão dos meios habitualmente utilizados. Não só os complexos industriais se tornam maiores, envolvendo maior número de trabalhadores, como, e por outro lado, a sua sofisticação tecnológica atinge níveis nunca antes alcançados.

Produzir mais e em melhores condições, de qualidade e preço, tornou-se exigência fundamental. A investigação industrial perdeu as caracte-

rísticas de curiosidade de uns quantos para se tornar num elemento indispensável à concretização de tal exigência fundamental. Natural, portanto, que as indústrias e países reconheçam a necessidade de prevenir a espionagem industrial, uma actividade que conheceu, ela também, franco desenvolvimento.

A segurança industrial, englobando embora a prevenção da espionagem industrial, está longe de se restringir à mera guarda de segredos de produção. O seu campo é bastante mais vasto e o aumento constante da consciência da sua necessidade levou ao aparecimento de empresas especializadas na prestação de tal serviço.

Continua na pág. XIV



... Mas indispensáveis para garantia de uma segurança efectiva

SEGURANÇA ELECTRÓNICA



contra arrombamento, roubo e fogo

MODELOS EXCLUSIVOS PARA

COMÉRCIO, RESIDÊNCIAS E VIATURAS

ORÇAMENTOS GRÁTIS PARA TODO O PAÍS

FILIAIS:

DISTRITO DE FARO
R. DR. FRANCISCO GOMES, 7 — TEL. 385
8900 VILA REAL STO. ANTÓNIO

ARMAZENS
TEL. 253 38 10
2670 LOURES

DISTRITO DA GUARDA
RUA D. JORGE DA COSTA, 32 — TEL. 57155
ALPEDRINHA — 6230 FUNDÃO

seguro vida

Seguro VIDA MAIS IMPÉRIO foi especialmente criado para preencher um espaço lacunado de PREVIDÊNCIA.

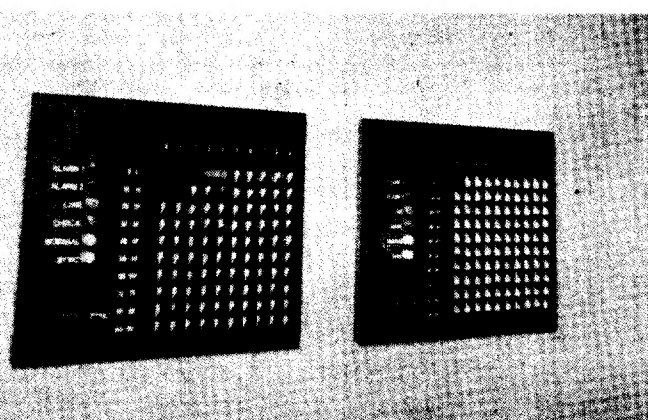
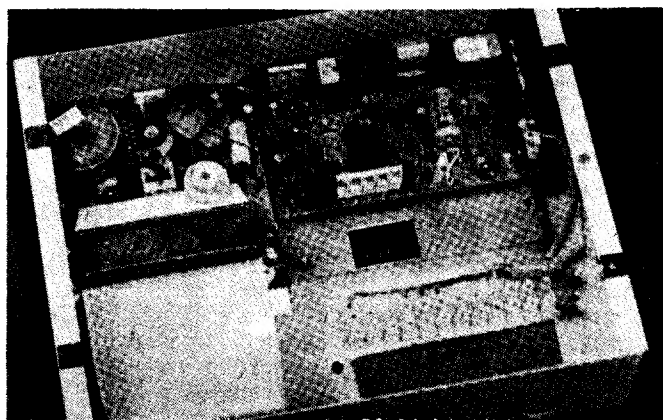
AO SEU SERVIÇO

VIDA MAIS IMPÉRIO ajudá-lo a criar hábitos de poupança.

IMPERIO a sua seguradora

Deixe receber mais informações sobre VIDA MAIS IMPÉRIO

Nome _____
Morada _____
Localidade _____
Recorte e envie preenchido a IMPÉRIO
Rua Guerra 61 1001 Lisboa
Aparado 2-106
1033 Lisboa
Códex _____



A electrónica tomou conta da segurança

Métodos processos e serviços de uma empresa de segurança

Continuação da pág. XIII

Uma prestação de serviço como outras

Quando a actividade industrial era cometida a empresas de reduzida dimen-

são, natural seria estar a preocupação da sua segurança sob a responsabilidade da própria empresa. Segurança que, para além do risco de espionagem a que atrás aludimos, se prendia — e prende, cada vez mais, nos

nossos dias — com a prevenção de outros riscos não menos significativos: incêndio, inundação, roubo, etc.

A medida que a actividade industrial vai ganhando uma cada vez maior dimensão, os custos de segurança e de

outros serviços não só aumentaram como se tornaram, por assim dizer, incontornáveis para as empresas, obrigadas não só a manter um quadro de pessoal suficientemente numeroso para anular as ausências provocadas por folgas, férias ou doença, como também a dar-lhe uma formação permanente, já que o desenvolvimento tecnológico constante cria, naturalmente, uma diversificação de riscos também constante.

É para fazer face à necessidade da prestação de serviços de segurança industrial que começam a aparecer, um pouco por todo o mundo, empresas de segurança industrial. As grandes empresas de produção industrial voltam-se, cada vez mais, para os problemas directamente relacionados com a produção, entregando a empresas de prestação de serviços as tarefas da respectiva actividade, não só a

segurança, como também a limpeza, a manutenção de máquinas e instalações, o processamento de salários e pagamentos ao pessoal, etc.

As empresas de prestação de serviços surgem, aliás, praticamente da mesma maneira e ao mesmo tempo. Embora já nos anos 30 este tipo de empresas tenha conhecido uma certa expansão na Europa, só muito recentemente, em Portugal, se começou a fazer sentir a necessidade da sua operação.

A primeira empresa de segurança industrial surgiu, entre nós, há cerca de 16 anos. O que diz bem da novidade da ideia. Tratou-se de uma empresa de raiz sueca, criada em 1934, e que possui filiais em praticamente todos os países da Europa Ocidental. Senhora de uma vasta experiência, nem por isso conseguiu fazer vingar de imediato a ideia da necessidade da sua actividade.

Hoje, o sector da prestação de serviços de segurança industrial está em expansão também entre nós, sendo já em número razoável as empresas que se dedicam a esta actividade, embora na sua maioria estejam, em termos de meios, aquém da «pioneira» portuguesa.

Os serviços prestados por estas empresas são múltiplos e variados, indo do simples (aparentemente) guardar de chaves de residências e à colocação de alarmes, às já mais sofisticadas tarefas de transportes de valores e

processamento de ordenados, passando pela vigilância industrial, controlo de lojas, rondas de vigilância, serviço de portarias, etc.

Na abordagem que, neste caderno, fazemos às questões de segurança social, vamos procurar explicar, sucintamente, não só como funciona uma destas empresas, mas também como são desenvolvidos os vários tipos de serviços por elas prestados. Um técnico de uma dessas empresas falar-nos-á da sua actividade abordando



Televisão de circuito fechado. Meio já indispensável para determinadas exigências

também a ideia errada que a opinião pública ainda conserva sobre os reais objectivos das empresas de segurança industrial.

Uma palavra que entrou na moda dos nossos dias

Continuação da pág. III

ção da responsabilidade da empresa, seja garantido pela que presta o serviço de segu-

rança, sempre o vigilante, o porteiro ou o continuo necessitam de ter ao seu dispor meios de identificação ex-

pedidos e eficazes.

O método de identificação que confia no reconhecimento visual e directo das

pessoas — isto é, o que assenta em dados da memória visual e da experiência quotidiana — foi de há muito ultra-

passado, dadas as suas limitações e sérios riscos que comporta.

Hoje, a empresa de segurança planeia e produz sistemas de cartões privativos, de amplitude ilimitada, dirigidos às necessidades específicas das empresas e preenchendo as carências de identificação com excelente nível de segurança.

Das chaves e fechaduras ou cofres fortes

«Quem sente sobre si a pesada responsabilidade por valores materiais significativos, há muito se apercebeu quanto de aleatório e perigoso representa o uso rotineiro e simplista do sistema fechadura-chave.

E quer dizer, se se pensa na segurança de vidas e haveres, o do ancestral problema da protecção do lar?

Protecção fictícia é quanto nos sugerem a facilidade de falsificação de chaves, a fragilidade dos materiais, o primarismo de mecânica, a ausência de assistência técnica e de controlo.»

É com estas palavras que as empresas de segurança defendem a necessidade de,

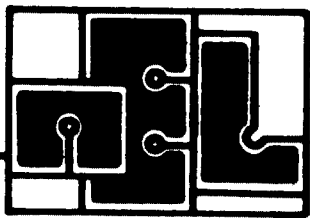
também na useira e corriqueira fechadura-chave, serem tidos especiais cuidados de segurança, quando se trata de fechar seja o que for, mesmo a importante porta do lar de cada um.

As empresas de segurança já se especializaram na confecção de fechaduras de alto nível de segurança, com chave inclusivamente executadas por computador, e que não podem ser copiadas.

Também nos cofres fortes a tecnologia impõe as suas regras, produzindo-se hoje modelos de incrível sofisticação capazes de forçarem à regeneração o mais empedernido dos arrombadores.

O modelo mais aperfeiçoado, fabricado pela empresa que visitámos, dispõe de porta construída de um material revolucionário que lhe confere protecção quase total. Os dispositivos de fecho prevêm todos os processos de violação, mesmo pelas mais aturadas técnicas de brocagem. A tentativa de ataque por maçarico contra o cofre produz núvens de fumo não tóxico. Uma liga especial, reforçada com cobre, torna o corpo invulnerável à broca e ao maçarico.

Mas há outros «mimos» do mesmo tipo, a justificarem que, pelo menos no que aos cofres se refere, o crime não compensa...



PRODUTORES E DISTRIBUIDORES
DE
EQUIPAMENTOS E COMPONENTES
PARA

SISTEMAS DE SEGURANÇA

A. E. L. — APLICAÇÕES DE ELECTRÓNICA, LDA.
AV. EMBAIXADOR ASSIS CHATEAUBRIAND, LOTE 6-B — 2780 OEIRAS
TELEFONE 242 23 62 — TELEX 42207

APOIO TÉCNICO
A TODOS OS
PROBLEMAS DE
SEGURANÇA

Como é contactado um serviço de segurança

COMO chegam os empresários às empresas que prestam serviços de segurança industrial?

Quando as empresas de segurança possuem dimensão maior, são elas que desenvolvem — até pelas características do serviço a prestar e dada a falta de informação que sobre ele ainda existe — a sua própria prospecção, procurando sensibilizar o empresário para a necessidade e os benefícios de semelhante serviço.

Mas também é habitual serem os próprios empresários, cuja consciencialização para a necessidade de segurança tem vindo a aumentar, a procurarem as empresas especializadas, a quem colocam o seu problema individual.

De uma forma ou de outra, a empresa de segurança obtém uma entrevista com o cliente possível. Se foi este que a procurou, o representante da empresa prestador de serviço procura saber quais os problemas específicos de segurança do empresário. De uma forma generalizada, o empresário procura o serviço quando se sente impotente, perante o desenvolvimento da sua indústria, quando se sente ultrapassado para resolver determinado tipo de problemas, que acabam por lhe roubar demasiado tempo, necessário para atender aos problemas específicos da produção.

Um dos principais problemas que se colocam numa fábrica, por exemplo, é o do controlo de entradas e saídas de pessoas e materiais ou produtos, o chamado serviço de portaria. Um outro, não menos importante, prende-se com a vigilância física, sobretudo nocturna.

Ou porque o serviço que tem já não funciona, ou porque considerada a sua mudança, as perspectivas são as de se atingirem resultados em tudo iguais aos anteriores, o empresário quer ver resolvido o problema.

Quando é a empresa de segurança, através dos seus serviços de prospecção, a procurar o possível cliente, cabe-lhe perguntar como está a segurança da fábrica ou unidade de produção, alertando o empresário para as possibilidades de risco.

Para cada caso uma receita

Para cada um dos casos que se nos apresentam, temos uma solução, uma receita, humana ou electrónica ou, ainda, complementar nos dois aspectos, diz-nos um responsável por empresas de segurança industrial.

A primeira proposição de serviço é muito genérica, procurando a empresa de segurança cobrir os serviços mais habituais, mantendo os que já existem, se eventualmente existem, mas dotando-os de uma outra flexibilidade.

Por outro lado, há serviços que não ocorreram sequer ao empresário, formas de controlo ou de vigilância, e que a experiência da empresa de segurança pode apontar como soluções viáveis para as necessidades do empresário.

Para cada tipo de exigência há uma solução. A preocupação fundamental é a de fornecer o serviço indispensável ao custo mais baixo. Se com um sistema de alarme se pode resolver tudo, não vamos estar a utilizar vigilância humana.

Quantificadas as necessidades e analisadas as soluções, estas são propostas ao empresário, acompanhadas dos respectivos custos. Dado estarem os serviços prestados pelas empresas de segurança — pelo menos os daquelas que possuem dimensões apropriadas — cobertas por um seguro de responsabilidade civil, a empresa de segurança tem de organizar devidamente o serviço que vai vender, sob pena de, em caso de sinistro, se ver responsabilizada, por minimizar os riscos. Daí que todas as necessidades do cliente fiquem devidamente estipuladas no contrato de prestação de serviços.

O caderno de instruções

Aceite pelo cliente o tipo de serviço, o seu esquema e organização, e o respectivo preço, os serviços operacionais da empresa de segurança passam a intervir.

O passo seguinte é o da elaboração de um caderno de instruções, livro em que consta tudo o que tem de se fazer dentro das instalações do cliente. Este caderno é elaborado pelos serviços operacionais da empresa de segurança e submetido à aprovação do cliente. Dele constam o tipo de controlo de pessoas que deve ser feito, o tipo de rondas (número e periodicidade), o comportamento que deve ser exigido ao vigilante de serviço, a descrição dos locais onde estão colocadas as chaves e os quadros de verificações especiais do circuito de rondas, etc.

O contacto entre cliente e operacionais, para elaboração deste caderno é permanente, já que interessa não prejudicar o ritmo de produção nem interferir na maneira de viver da empresa em causa.

Os serviços operacionais elaboram, ainda, um levantamento da fábrica, verificando pontos sensíveis passíveis de maiores riscos (de incêndio, de inundação, de roubo...)

Concluída a elaboração do caderno de instruções e aprovado este pelo cliente, o contrato é assinado, o serviço

montado e iniciado.

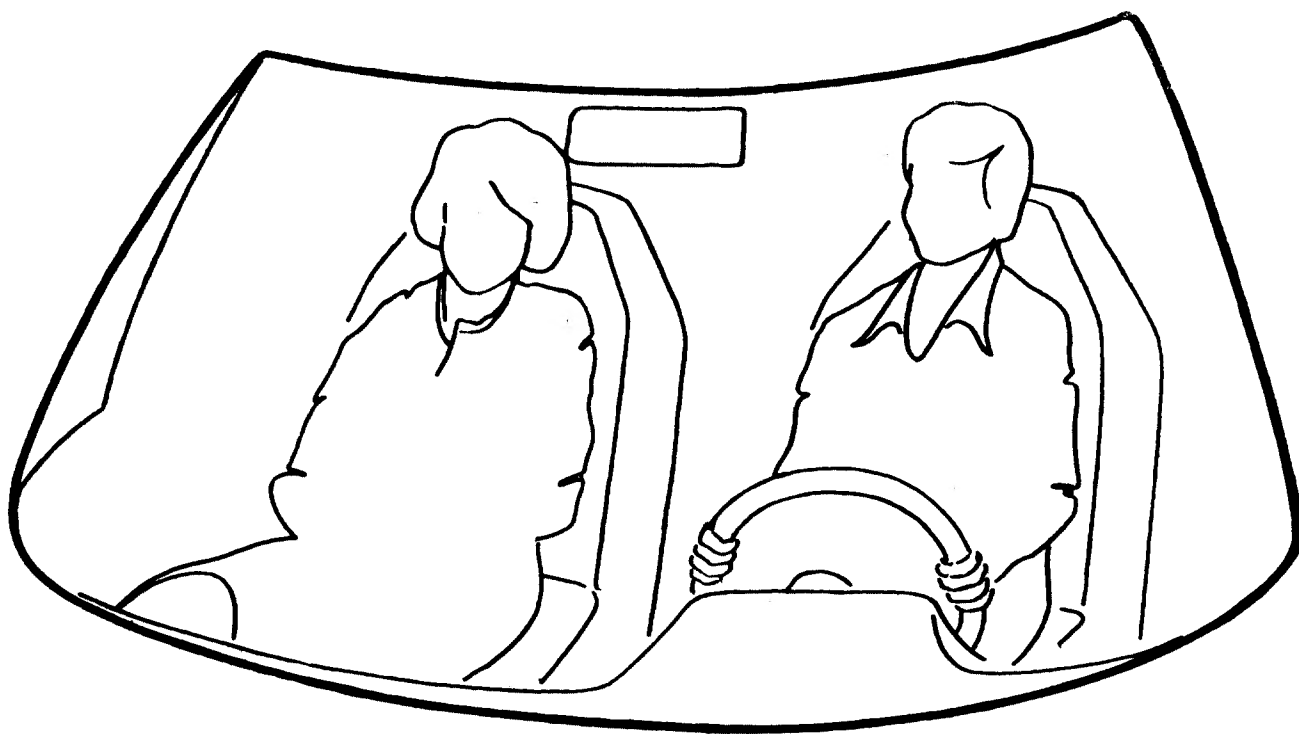
Para além de obter a prestação do serviço no local, o cliente disporá, ainda, de relatórios periódicos (diários, semanais, mensais) sobre o andamento ou anomalias verificadas, enquanto que, por outro lado, os serviços da empresa de segurança lhe asseguram o controlo dos próprios vigilantes que tem, agora, ao seu serviço, nas suas instalações.

Quando o tipo de serviço fornecido envolve apenas

electrónica, a empresa de segurança assegura também a manutenção e controlo periódico dos sistemas instalados.

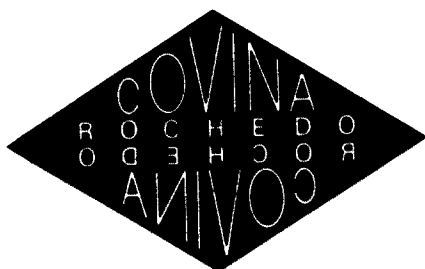
Em qualquer altura, o cliente pode pedir alterações ao tipo de serviço contratado, estabelecendo, para isso, novos contactos com a empresa contratada. Esta mantém, ao longo do período de duração do contrato de prestação de serviço, contactos permanentes com a empresa cliente, junto da qual recolhe as impressões sobre o nível do serviço prestado.

O VIDRO é a nossa profissão... ... a nossa maneira de intervir no desenvolvimento da INDÚSTRIA AUTOMÓVEL



VIDRO TEMPERADO «ROCHEDO»

(PLANO E CURVO)



qualidade homologada internacionalmente

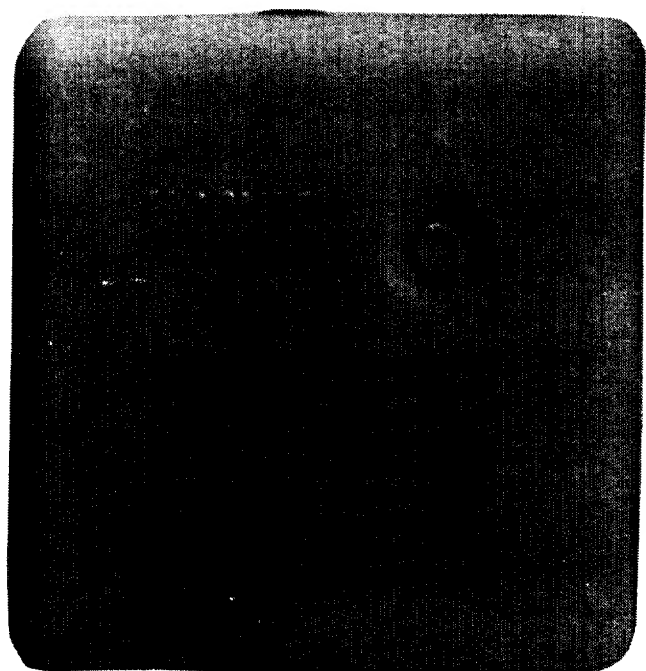
COVINA — COMPANHIA VIDREIRA NACIONAL, SARL

NOVO EM PORTUGAL... FIRECHECK

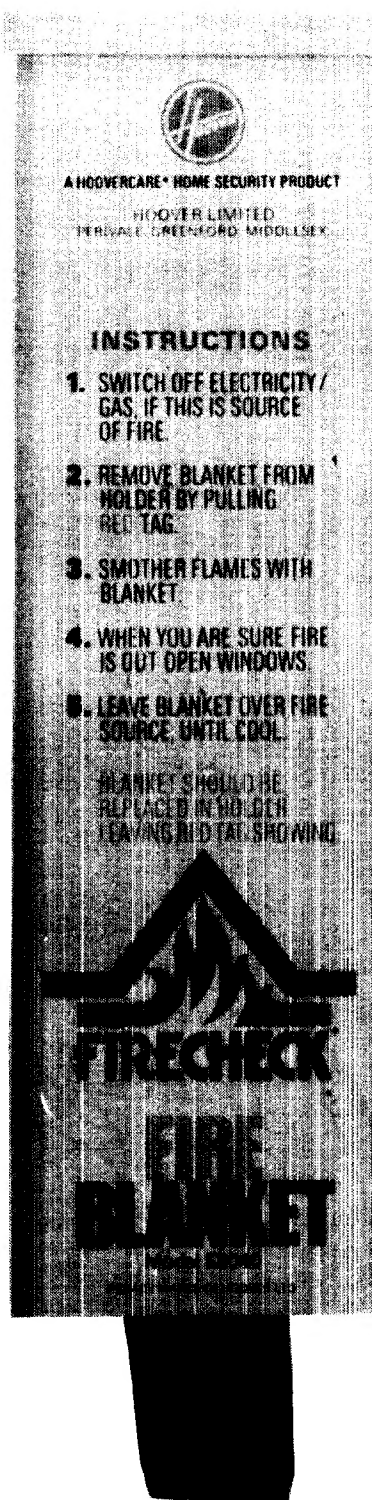
Sistema de protecção em sua casa contra fogos

Proteja a sua casa e toda a família adquirindo o completo sistema de protecção anti-fogo FIRECHECK da **Hoover**.

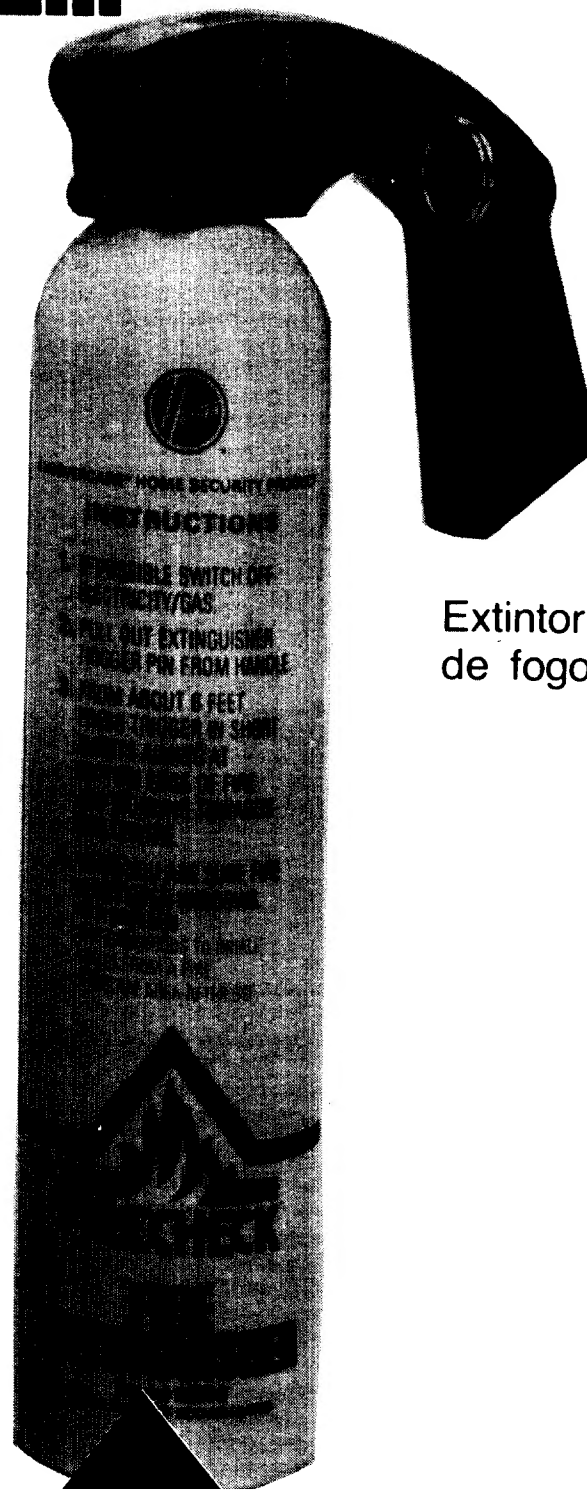
Ele permite-lhe detectar e controlar incêndios, rápida e eficazmente.



Detector de fumos.



Cobertor contra fogo.



Extintor de fogo.

Leve para casa hoje mesmo o Sistema Completo Anti-fogo FIRECHECK da **Hoover** — em embalagem única a preço reduzido ou qualquer um dos produtos separadamente.

FIRECHECK*



HOOVER cuida da sua casa de muitas maneiras